

MEDITAÇÕES *TEMPO PASCAL*



EDITADO POR 

**MEDITAÇÕES
TEMPO PASCAL**

FONTE DOS TEXTOS E IMAGENS

opusdei.org/pt-pt

Meditações Tempo Pascal

1. Domingo de Páscoa
2. Segunda-feira da Oitava da Páscoa
3. Terça-feira da Oitava da Páscoa
4. Quarta-feira da Oitava da Páscoa
5. Quinta-feira da Oitava da Páscoa
6. Sexta-feira da Oitava da Páscoa
7. Sábado da Oitava da Páscoa
8. II domingo da Páscoa
9. Segunda-feira da II semana da Páscoa
10. Terça-feira da II semana da Páscoa
11. Quarta-feira da II semana da Páscoa
12. Quinta-feira da II semana da Páscoa
13. Sexta-feira da II semana da Páscoa
14. Sábado da II semana da Páscoa
15. III domingo da Páscoa (Ciclo A)
16. III domingo da Páscoa (Ciclo C)
17. III domingo da Páscoa (Ciclo B)
18. Segunda-feira da III semana da Páscoa
19. Terça-feira da III semana da Páscoa
20. Quarta-feira da III semana da Páscoa
21. Quinta-feira da III semana da Páscoa

22. Sexta-feira da III semana da Páscoa
23. Sábado da III semana da Páscoa
24. IV domingo da Páscoa (Ciclo A)
25. IV domingo da Páscoa (Ciclo B)
26. Segunda-feira da IV semana da Páscoa
27. Terça-feira da IV semana da Páscoa
28. Quarta-feira da IV semana da Páscoa
29. Quinta-feira da IV semana da Páscoa
30. Sexta-feira da IV semana da Páscoa
31. Sábado da IV semana da Páscoa
32. V domingo da Páscoa (Ciclo A)
33. V domingo da Páscoa (Ciclo B)
34. V domingo da Páscoa (Ciclo C)
35. Segunda-feira da V semana da Páscoa
36. Terça-feira da V semana da Páscoa
37. Quarta-feira da V semana da Páscoa
38. Quinta-feira da V semana da Páscoa
39. Sexta-feira da V semana da Páscoa
40. Sábado da V semana da Páscoa
41. VI domingo da Páscoa (Ciclo A)
42. VI domingo da Páscoa (Ciclo B)
43. VI domingo da Páscoa (Ciclo C)
44. Segunda-feira da VI semana da Páscoa

45. Terça-feira da VI semana da Páscoa
46. Quarta-feira da VI semana da Páscoa
47. Quinta-feira da VI semana da Páscoa
48. Sexta-feira da VI semana da Páscoa
49. Sábado da VI semana da Páscoa
50. Ascensão do Senhor (Ciclo A)
51. Ascensão do Senhor (Ciclo B)
52. Ascensão do Senhor (Ciclo C)
53. Segunda-feira da VII semana da Páscoa
54. Terça-feira da VII semana da Páscoa
55. Quarta-feira da VII semana da Páscoa
56. Quinta-feira da VII semana da Páscoa
57. Sexta-feira da VII semana da Páscoa
58. Sábado da VII semana da Páscoa
59. Domingo de Pentecostes

Domingo de Páscoa

Reflexão para meditar na Solenidade do Domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor. Os temas propostos são: a Ressurreição reacende a vida das santas mulheres; Pedro e João correm para o sepulcro; na alegria da Ressurreição com Santa Maria.

Sumário

- A Ressurreição reacende a vida das santas mulheres.
- Pedro e João correm para o sepulcro.
- Na alegria da Ressurreição com Santa Maria.

AMANHECE em Jerusalém. A escuridão enchia tudo, até que o sol começou a iluminar as muralhas, o Templo, as torres da fortaleza... Maria Madalena e outras mulheres caminham em direção ao noroeste da cidade, onde fica o Calvário. As ruas estão vazias. Têm a impressão de que a morte de Jesus escureceu a terra para sempre: o sol já não brilhará como quando o seu mestre estava com elas. No entanto, não se preocupam com a falta de luz, nem com a guarda ali colocada pelo Sinédrio, nem com o facto de Cristo já estar morto há três dias. Não sabem quem lhes vai tirar a pedra que fecha o túmulo, mas não estão dispostas a ficar em casa. Caminham de novo pelos lugares por onde Jesus passou; os seus corações voltam a estremecer, mas não cedem ao medo.

«A fé destas mulheres comove-me – dizia S. Josemaria – e isso traz-me à memória tantas coisas boas da minha mãe, tal como também recordareis muitas coisas maravilhosas sobre a vossa (...). Aquelas mulheres sabiam que estavam lá os soldados, sabiam que o túmulo estava completamente fechado. Mas gastam o seu dinheiro e ao amanhecer vão ungir o corpo do Senhor (...) É preciso ser corajosas! (...). Quando chegaram ao sepulcro, repararam que a pedra estava afastada. Isto acontece sempre. Quando decidimos fazer o que temos de fazer, as dificuldades são facilmente ultrapassadas»^[1].

Pedimos-lhes esse amor por Jesus, mais forte do que o tremendo sofrimento da Paixão. No coração daquelas mulheres, o fogo aceso pelo próprio Cristo não tinha sido totalmente apagado. Tinham madrugado e não foi em vão. Deus não pode resistir a um tal amor e dá-lhes a melhor notícia, a página definitiva em que todas as profecias se cumprem: «“Ressuscitei e agora estou sempre contigo”, diz a cada um de nós. A minha mão sustenta-te. Onde quer que caias, cairás nas minhas mãos. Estou presente mesmo no momento da morte. Onde já ninguém te pode acompanhar e para onde não podes levar nada, ali, espero-te e por ti transformo as trevas em luz»^[2].

CORREM ALEGRES para o Cenáculo, embora ainda um pouco confusas, para contar aos apóstolos o que viram. O que ouvem dos lábios destas mulheres, que chegam ofegantes pela corrida, parece-lhes uma loucura. Devido à tensão do momento, as suas palavras estão misturadas com lágrimas e expressões de alegria. Pedro e João querem saber tudo sobre o seu Mestre. Embora não tenham ficado convencidos pelo que acabam de ouvir, partem a correr: «Os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro» (Jo 12, 4). Queremos correr com eles e até mais depressa que João. E se for verdade o que as mulheres dizem? E se Jesus cumpriu o que tinha prometido? Ao atravessar as ruas, à medida que o dia começa, a esperança cresce no coração destes dois apóstolos.

Podemos fixar o nosso olhar, por um momento, em S. Pedro, que «não ficou sentado a pensar, não ficou fechado em casa como os outros. Não se deixou abater pelo ambiente pesado daqueles dias, nem aliciar pelas suas dúvidas; não se deixou absorver pelos remorsos, pelo medo nem pelos inúmeros boatos que não levam a nada. Procurou Jesus; não a si mesmo. (...) Isto foi o início da “ressurreição” de Pedro, a ressurreição do seu coração. Sem ceder à tristeza nem à escuridão, deu espaço à voz da esperança: deixou que a luz de Deus entrasse no seu coração, sem a sufocar»^[3].

Apesar de que alguma vez, como Pedro, tenhamos negado Jesus, também como Pedro queremos voltar a estar perto d’Ele: «É tempo de nos renovarmos, meus filhos. – dizia S. Josemaria –; a santidade é isto: renascer

cada dia, recomeçar todos os dias. Não vos preocupem os vossos erros, se tiverdes a vontade de recomeçar (...). Esses obstáculos que surgem no teu caminho, coloca-os aos pés de Jesus Cristo, para que fique bem alto, para que triunfe: e tu, com ele. Nunca te preocupes, retifica, começa de novo, tenta uma e outra vez e, no final, se não puderes, o Senhor ajudar-te-á a saltar a barreira, a barreira da santidade. Esta é também uma forma de renovação, uma forma de vencer: cada dia uma ressurreição, que seja a certeza de que chegaremos ao fim do nosso caminho, que é o amor»^[4].

MARIA, A MÃE de Jesus, não foi ao túmulo nesta manhã. Ficou em casa e, talvez, sorria por dentro. Ninguém, exceto ela, conseguiu realmente aceitar o plano de Deus Pai. Os outros «ainda não tinham compreendido a Escritura, segundo a qual ele devia ressuscitar dos mortos» (Jo 12, 10). Maria costumava guardar no coração as palavras de Jesus. Desde aquela sexta-feira de dor, procurava concentrar-se nas maravilhas que Jesus tinha dito e feito. É possível que aquelas palavras misteriosas sobre a ressurreição ao terceiro dia viessem ao seu coração. Da parte do seu Filho, já nada a surpreendia.

Para nós, mais de dois mil anos após os acontecimentos que estamos a contemplar, a Sexta-feira Santa e a ressurreição de Jesus continuam a dar força e sentido às nossas vidas. Por isso, «todas as coisas da terra têm a importância que queiramos dar-lhes. Tudo o que acontecer aqui em baixo, se estamos metidos em Deus, não nos perturbará. Quando, por causa da nossa fraqueza e dos nossos erros, damos importância a essas minúcias e sofremos, é porque queremos. Junto do Senhor, estamos seguros. Unidos à Cruz de Cristo, à glória da Ressurreição e ao fogo de Pentecostes, tudo se supera»^[5].

S. Josemaria gostava de se sentir muito próximo de Nossa Senhora, especialmente durante a alegria pascal, «sempre seguros na vitória da Ressurreição»^[6]. Ao rezar o *Regina Cæli*, poderemos arrancar muitos sorrisos de nossa Mãe, santamente orgulhosa dos seus filhos *recém-nascidos*, renovados pela Páscoa. «Alegrai-vos, ó Virgem Maria», dir-lhe-emos com a esperança de nos juntarmos a essa alegria, sabendo que Jesus permanece connosco para sempre.

NOTAS

[1] S. Josemaria, Meditação, 29/03/1959.

[2] Bento XVI, Homilia, 07/04/2007.

[3] Francisco, Homilia, 26/03/2016.

[4] S. Josemaria, Meditação, 29/03/1959.

[5] *Ibid.*

[6] *Ibid.*

Segunda-feira da Oitava da Páscoa

Reflexão para meditar na segunda-feira da Oitava da Páscoa. Os temas propostos são: Jesus ressuscitado vai ao encontro das mulheres; as santas mulheres convertem-se em apóstolos; a valentia que dá encontrar-se com Cristo ressuscitado.

Sumário

- Jesus ressuscitado vai ao encontro das mulheres.
- As santas mulheres convertem-se em apóstolos.
- A valentia que dá encontrar-se com Cristo ressuscitado.

«O SENHOR ressuscitou dos mortos, como tinha anunciado. Exultemos de alegria, porque Ele reina eternamente. Aleluia». A Igreja, com a antífona de entrada para a Missa de hoje, convida-nos todos a unir-nos em coro a esta exclamação de alegria. O domingo de Ressurreição é um mistério tão grande que a liturgia não só lhe dedica um dia, «seria demasiado pouco para tanta alegria»^[1], mas toda esta semana, formando a oitava da Páscoa. Estes oito dias são como um longo domingo, porque não é possível conter em vinte e quatro horas a alegria de saber que Jesus, com as suas chagas gloriosas, está vivo e diz-nos: «Quem lutará contra mim? Eu sou aquele que venceu a morte, acorrentou o inimigo, esmagou o inferno, amarrou o forte, levou o homem até ao mais alto dos céus; eu, com efeito, que sou Cristo»^[2].

As mulheres que seguiam o Senhor, conduzidas pelo seu amor, tinham ido *visitar* o túmulo do seu Mestre. No entanto, regressam imediatamente a casa, correndo, para contar aos outros o que lhes tinha sucedido: encontraram-no vazio e encontraram-se com Jesus... que está vivo! As mulheres «afastaram-se a toda a pressa – diz-nos o Evangelho – cheias de temor e de grande alegria, e correram a levar aos discípulos a notícia da Ressurreição» (Mt 28, 8). É o próprio Cristo, ressuscitado, que vai ao seu encontro e lhes dá aquele encargo apostólico: «Ide avisar os meus irmãos que devem ir para a Galileia. Lá Me verão» (Mt 28, 10).

Elas sentem uma alegria surpreendente, compatível também com uma certa confusão, porque não é fácil esquecer as cenas da Paixão. Não questionam o que viram: não há dúvidas de que foi Jesus quem se cruzou com elas no caminho; era a sua maneira de olhar e o seu tom de voz. «Depois das cerimónias do Tríduo Pascal, que nos fizeram reviver o mistério da morte e da ressurreição de nosso Senhor, agora, com os olhos da fé, contemplamo-l’O ressuscitado e vivo. Também nós estamos chamados a encontrá-l’O pessoalmente e a converter-nos nos seus anunciantes e testemunhas»^[3].

MARIA MADALENA e as outras mulheres que seguem Jesus serão as encarregadas de dar a notícia aos apóstolos. Jesus confia-lhes o primeiro anúncio da Ressurreição, elas serão «as primeiras testemunhas desta verdade. Talvez quisesse premiar a sua delicadeza, a sua sensibilidade, a sua mensagem, a sua fortaleza, que as tinha conduzido até ao Calvário»^[4]. O coração destas mulheres arde num intenso amor a Jesus, por isso não se separam do túmulo. Maria Madalena «procurava aquele que não tinha encontrado, procurava-o chorando e iluminada pelo fogo do amor. Por isso – diz S. Gregório –, ela foi a única a vê-lo nessa ocasião, porque tinha ficado à sua procura, uma vez que o que dá força às boas obras é a perseverança nelas»^[5]. Aquelas mulheres convertem-se em apóstolos de apóstolos. Serão elas que vão encorajar os discípulos a sair de uma vez por todas do seu esconderijo e a procurar também eles o Senhor.

A força do seu testemunho nasce de um amor sincero pelo Mestre. O motor da evangelização na Igreja sempre foi a caridade. Assim acontece na vida dos santos que, movidos pelo fogo do seu amor pelo Senhor, O anunciaram com valentia. Como os rios transbordam do seu leito na primavera, tornando o campo mais fértil, «o apostolado é o amor de Deus, que transborda, dando-se aos outros. A vida interior supõe crescimento na união com Cristo, pelo Pão e a Palavra. E o afã de apostolado é a manifestação exata, adequada, necessária, à vida interior. Quando se saboreia o amor de Deus sente-se o peso das almas (...). Para o cristão, o apostolado resulta conatural: não é algo que se acrescente, que se justaponha, alheio à sua atividade diária»^[6].

Agora sabemos que o Senhor está vivo e nos ama; esta é a grande notícia que enche de esperança a nossa vida. Por isso, desejamos que muitas pessoas possam gozar também dela. É o próprio Jesus que sai ao nosso encontro para nos confirmar neste nosso desejo e, por sua vez, o transformar na missão dos seus discípulos através dos tempos: «Ide e anunciai». Parece dizer-nos a cada um de nós: “Com a tua vida, com a tua palavra, com a tua amizade, também tu podes comunicar aos teus irmãos, os homens, a grande notícia de que a vida é mais forte do que a morte e o amor mais forte do que o ódio”.

EM CONTRASTE com as santas mulheres, os guardas que vigiavam o túmulo, ao descobrirem que estava vazio, encheram-se de terror. Pensaram que alguém tinha roubado o corpo. Não souberam interpretar aquilo que tinha sucedido. Assustaram-se porque se deram conta de que as suas vidas corriam perigo. Entraram na cidade e participaram às autoridades judaicas. Os sumos sacerdotes e os anciãos compraram o seu silêncio com uma soma avultada de dinheiro e asseguraram-lhes proteção no caso de Pilatos ficar a saber da sua negligência.

Enquanto nas mulheres renasce a valentia ao descobrirem que Cristo vive, as autoridades falam de um morto que temem. Enquanto as santas mulheres saem do túmulo cheias de alegria para comunicar a notícia às outras pessoas, os soldados fogem dali com a intenção de ocultar o sucedido. Elas recuperam a paz; eles, pelo contrário, sucumbem ao medo e à mentira. «Hoje o Ressuscitado repete-nos a nós, como àquelas mulheres, (...) que não tenhamos medo de nos converter em mensageiros do anúncio da sua ressurreição. Não tem nada que temer quem se encontra com Jesus ressuscitado e a Ele se confia docilmente com renovada valentia. Esta é a mensagem que os cristãos estão chamados a difundir até aos últimos confins da terra»^[7]. Em cada dia «temos muitas ocasiões para comunicar de modo simples e convicto a nossa fé aos outros; deste modo, o nosso encontro pode despertar neles a fé. E é muito urgente que os homens e as mulheres da nossa época conheçam e se encontrem com Jesus e que também graças ao nosso exemplo se deixem conquistar por Ele»^[8].

Envolvidos na alegria pascal, podemos invocar a Maria para que nos converta em testemunhas do amor de Jesus Cristo, em mensageiros da esperança que Ele nos conquistou com a sua vitória.

NOTAS

[1] Bento XVI, *Regina Cæli*, 09/04/2007.

[2] Melitão de Sardes, *Homilia sobre a Páscoa* (Ofício de leituras).

[3] Francisco, *Regina Cæli*, 22/04/2019.

[4] S. João Paulo II, Audiência geral, 22/02/1989.

[5] S. Gregório Magno, Homilia 25, 1-2. 4-5.

[6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 122.

[7] Bento XVI, *Regina Cæli*, 09/04/2007.

[8] *Ibid.*

Terça-feira da Oitava da Páscoa

Reflexão para meditar na terça-feira da Oitava da Páscoa. Os temas propostos são: Maria Madalena encontra o túmulo vazio; Jesus ressuscitado chama-a pelo nome; a alegria do primeiro anúncio.

Sumário

- Maria Madalena encontra o túmulo vazio.
- Jesus ressuscitado chama-a pelo nome.
- A alegria do primeiro anúncio.

A CIDADE de Magdala estava situada na margem do lago de Genesaré. Jesus passou ali momentos agradáveis e realizou muitos milagres. Maria, uma das mulheres que seguiam o Senhor e tinha sido libertada de sete demónios, era de lá. A sua fidelidade levou-a até ao Calvário, onde esteve junto de Maria, na sexta-feira da Paixão. No domingo seguinte, levantou-se muito cedo, antes do amanhecer, saiu da cidade e dirigiu-se ao sepulcro onde o corpo de Jesus tinha sido depositado. O seu amor venceu o medo, pois tinha a força de quem ama e deseja amar cada vez mais.

Podemos imaginá-la a andar depressa, com alguma preocupação por não ser descoberta na porta da cidade, carregando um saco de ervas aromáticas e ligaduras para terminar de embalsamar o Senhor. Vai lá para ungir o Seu corpo inerte. O caminho passa pelo monte Calvário, o que a faz reviver a dor da sexta-feira. Mas ao chegar ao túmulo, descobre com surpresa que os soldados não estão a guardar o local. Além do mais, a pedra que cobria a entrada está deslocada, a uns metros de distância. Vê, então, já entre lágrimas, que o túmulo está vazio. «Mulher, porque choras?» (Jo 20, 13), perguntam-lhe uns desconhecidos – os anjos – ao vê-la desconsolada. É comovente a resposta da Madalena: «Levaram o meu Senhor e não sei onde O puseram» (Jo 20, 13).

Sentia a falta de Jesus. Não podia suportar perdê-l’O de vista. As lágrimas de Maria são um exemplo de coragem e ternura. Aquele que ela mais amava no mundo tinha tido uma morte cruel e agora o cadáver tinha desaparecido. Não lhe restava sequer o consolo de ungir o Seu corpo. Durante o sábado, os seus pensamentos tinham voado uma e outra vez para o sepulcro. Como desejara mostrar-Lhe o seu carinho, logo à primeira luz do domingo! As lágrimas da Madalena ensinam-nos que o verdadeiro temor de Deus é o medo de O perder, de não estar conscientes da Sua proximidade, de passar por alto os Seus pedidos e graças. Como S. Josemaria dizia muitas vezes: «Sem Jesus, não estamos bem»^[1]. Ele é tudo.

«O TÚMULO vazio! Maria Madalena chora, num mar de lágrimas. Precisa do Mestre. Tinha ido ali para se consolar um pouco perto d’Ele, para Lhe fazer companhia, porque sem o Senhor, nada vale a pena – meditava uma vez S. Josemaria –. Maria persevera na oração, procura-O por todo o lado, só pensa n’Ele. Meus filhos, face a tal fidelidade, Deus não resiste»^[2].

«Mulher, porque choras? A quem procuras?» (Jo 20, 15), perguntou-lhe também o próprio Cristo quando a encontrou, pouco depois. No início, Maria confunde-O com o encarregado do jardim em que se encontrava o sepulcro. Entre a confusão e as lágrimas, não era fácil prestar a devida atenção a tudo o resto. Por isso, responde: «Senhor, se foste tu que O levaste, diz-me onde O puseste, para eu O ir buscar». Na realidade, Maria Madalena, provavelmente, não teria sido capaz de carregar um corpo tão pesado, mas mais uma vez, as dificuldades não são um impedimento ao seu amor. «Pobre Madalena, esgotada pela fadiga da sexta-feira santa, com as forças extremamente debilitadas, e mesmo assim ainda pensa em “O ir buscar”!».^[3]

Só quando Jesus pronuncia o seu nome – «Maria!» (Jo 20, 16) –, com aquela entoação peculiar, é que ela descobre que tem Cristo diante de si, em corpo glorioso. «Como é belo pensar que a primeira aparição do Ressuscitado aconteceu de uma forma tão pessoal! Que há alguém que nos conhece, que vê o nosso sofrimento e desilusão, que se comove por nossa causa e nos chama pelo nosso nome»^[4]. A recompensa do amor fiel de

Madalena é contemplar agora a beleza do Ressuscitado. Arriscou a vida por Jesus, procurou-O com paixão e o Senhor retribuiu-lhe com generosidade. Cheia de emoção, prostrou-se a Seus pés e agarra-se a eles. Um gesto eloquente: não quer voltar a perder Cristo. Tinha sofrido muito ao contemplar a humilhação do Mestre, pensando que O tinha perdido para sempre. É impressionante «a ternura com que Jesus trata esta mulher, que tantos exploravam e todos julgavam. Ela encontrou, finalmente, em Jesus, uns olhos puros, um coração capaz de amar sem explorar. No olhar e no coração de Jesus, ela recebeu a revelação de Deus Amor»^[5].

O ITINERÁRIO que Maria Madalena percorre até se encontrar com Cristo glorioso é, de certo modo, semelhante ao de todos os cristãos: levantar-se das quedas com humildade; procurar o Senhor sem se deter nos momentos de desânimo; cuidar dos outros; acompanhar Jesus quando a cruz aparece inesperadamente; não perder a esperança, mesmo quando tudo parece escuro, porque Jesus está vivo.

Como lhe aconteceu a ela, a voz de Jesus, que pronuncia o nosso nome com uma *entoação muito pessoal*, desperta-nos e arranca-nos do desalento. Viver atentos à Sua voz, pendentes do que Cristo nos quer dizer a cada momento, transforma a vida quotidiana numa ocasião constante de amor. «A humanidade precisa de mulheres e homens assim: capazes de se voltarem incansavelmente para a misericórdia divina, leais aos pés da cruz, atentos para escutar – nas tarefas quotidianas – o seu nome dos lábios do Ressuscitado».^[6] Maria é a primeira entre os discípulos a ver Jesus ressuscitado. As lágrimas de tristeza transformaram-se, em poucos segundos, em lágrimas de emoção. Jesus confia a esta mulher fiel o primeiro anúncio da grande notícia: «Não Me detenhas (...). Vai ter com os meus irmãos e diz-lhes que vou subir para o meu Pai e vosso Pai, para o meu Deus e vosso Deus» (Jo 20, 18). O luto do seu coração transformou-se numa festa impossível de descrever.

Diante dos nossos olhos, a figura desta mulher que entra a correr em Jerusalém engrandece-se. Traz nos lábios uma mensagem de esperança para os discípulos de Cristo e para o mundo inteiro: O Senhor vive! Ressuscitou! No seu coração, reina agora a alegria vibrante da Páscoa, que nasce de um

túmulo vazio e inunda o mundo inteiro. Juntamente com a Mãe de Jesus, a Madalena é, naquele momento, a mulher mais feliz da terra.

NOTAS

[1] cf. Javier Echevarría, “*María Magdalena, cercana al Maestro*”, em *Alfa y Omega*, 21/07/2016.

[2] S. Josemaria, Meditação, 22/07/1964.

[3] Venerável Fulton Sheen, *A vida de Cristo*, cap. 54.

[4] Francisco, Audiência geral, 17/05/2017.

[5] Bento XVI, Homilia, 17/06/2007.

[6] cf. Javier Echevarría, “*María Magdalena, cercana al Maestro*”, em *Alfa y Omega*, 21/07/2016.

Quarta-feira da Oitava da Páscoa

Reflexão para meditar na quarta-feira da Oitava da Páscoa. Os temas propostos são: os discípulos de Emaús saem de Jerusalém; Jesus acompanha-nos sempre na nossa viagem; o reconhecimento de Deus no Pão e na Palavra.

Sumário

- Os discípulos de Emaús saem de Jerusalém.
- Jesus acompanha-nos sempre na nossa viagem.
- O reconhecimento de Deus no Pão e na Palavra.

DOIS DISCÍPULOS, desanimados e pesarosos, regressam a casa ao entardecer do domingo. A tristeza reflete-se no seu caminhar cansado. Saíram, a meio da tarde, para a aldeia de Emaús. Nos seus corações permanece a amargura duns sonhos desfeitos. Tinham confiado as suas vidas ao Senhor com entusiasmo mas, após os acontecimentos daqueles dias, a sua esperança tinha desaparecido. «Aquela cruz erguida no Calvário era o sinal mais eloquente duma derrota que não tinham previsto»^[1]. Tinham acreditado nas suas palavras, tinham-n’O seguido pelos caminhos da Galileia e da Judeia, mas agora pensam que tudo acabou.

Naquela manhã tinham recebido a notícia de que o túmulo de Jesus estava vazio. Ninguém sabia o paradeiro do seu corpo. Algumas mulheres disseram que Ele estava vivo, mas eles decidiram fechar os ouvidos a esse testemunho. Em vez de se animarem um ao outro a manter viva a esperança, contagiaram-se mutuamente no desânimo. Decidiram deixar Jerusalém para esquecer e refazer as suas vidas, desta vez sem a expectativa no Messias e longe dos outros discípulos. Mas isto não foi boa ideia; a solução para a amargura dificilmente passa pelo isolamento, porque no caminho da fé precisamos uns dos outros. Quando o horizonte está escuro e não encontramos soluções adequadas, a esperança dos que estão perto de nós pode confortar-nos. «Se virmos que alguns andam sem esperança, como

os dois em Emaús, aproximemo-nos com fé – não em nosso próprio nome, mas em nome de Cristo – para lhes assegurarmos que a promessa de Jesus não pode falhar»^[2].

O Senhor sabe o que se passa nas profundezas daqueles corações. Não deixará de tentar bater à porta deles, como faz com cada um de nós. Cristo Ressuscitado está à espera do melhor momento para caminhar ao seu lado e para lhes fazer saber que nunca os abandonará.

UM VIAJANTE misterioso «aproximou-Se deles e pôs-Se com eles a caminho» (Lc 24, 15). Como noutras ocasiões, os discípulos não descobriram inicialmente o Ressuscitado, porque «os seus olhos estavam impedidos de O reconhecerem» (Lc 24, 16). Tinham estado muitas vezes com Jesus; talvez até tivessem sido do grupo dos setenta e dois, protagonistas de milagres e acontecimentos extraordinários. Mas agora notavam a sua ausência e só viam no viajante um anónimo desconhecido. Na realidade, Jesus nunca tinha deixado de estar junto deles. «Imagino a cena – diz S. Josemaria –, já bem adiantada a tarde. Sopra uma brisa suave. De um lado e de outro, campos semeados de trigo já crescido, e as velhas oliveiras com os ramos prateados pela luz trémula... Jesus, no caminho! Senhor, que grande és Tu sempre! Mas comoves-me quando Te rebaixas para nos acompanhares, para nos procurares na nossa lida diária. Senhor, concede-nos a simplicidade de espírito, o olhar limpo, a mente clara, que permitem entender-Te, quando vens sem nenhum sinal externo da tua glória»^[3].

De certo modo, «o caminho que conduz a Emaús é o caminho de todo o cristão, mais ainda, de cada ser humano»^[4]. E nesse caminho, Jesus é o nosso companheiro de viagem. Certamente, em cada um de nós há um pouco destes dois discípulos, porque somos frágeis e por vezes, quando surgem as dificuldades, deslizamos para um certo desalento. Precisamos de reacender, então, a certeza de que Jesus «está sempre connosco para nos dar esperança, para acender o nosso coração e dizer: vai em frente, Eu estou contigo»^[5]. Jesus caminha connosco «nos momentos mais dolorosos, mesmo nos momentos mais feios, mesmo nos momentos de derrota: o

Senhor está lá. E esta é a nossa esperança: vamos em frente com esta esperança, porque Ele está junto de nós»^[6].

A presença de Deus é, acima de tudo, saber que somos sempre olhados amorosamente por Ele. Não é tanto um esforço pessoal para fazer ou dizer coisas, que também não faltará, mas a presença de Deus é, sobretudo, a garantia de que o Senhor contempla a nossa vida como o faria um pai ou uma mãe se pudessem viver, em cada segundo, olhando para o seu querido filho: vendo-o crescer, encorajando-o, desfrutando da sua personalidade e da sua forma de se comportar com os outros.

CLÉOFAS e o seu companheiro falavam do que tinham vivido nesses últimos dias, os mais dolorosos das suas vidas. Com delicadeza, o viajante começa a conversa: «Que palavras são essas que trocáis entre vós pelo caminho?» (Lc 24, 17). Deixou-os falar sobre a sua perda e a sua enorme frustração. Quando tinham desabafado, o Senhor «explicou-lhes em todas as Escrituras o que Lhe dizia respeito» (Lc 24, 27). As palavras de Deus feito homem fizeram “arder” de esperança os seus corações. Tirou-os do desânimo e da escuridão.

«Fica connosco» (Lc 24, 29), disseram-Lhe eles, quando «Jesus fez menção de seguir para diante» (Lc 24, 28). Ambos, não sabendo ainda com quem estavam, não querem perder a sua companhia e imploram-Lhe que não vá embora. Jesus ficou, entrou com eles em casa, sentou-Se à mesa, «tomou o pão, recitou a bênção, partiu-o e entregou-lho» (Lc 24, 30). Era assim que costumava fazer com os seus discípulos e assim o tinha feito também na última ceia. Nesse momento os seus olhos abriram-se totalmente e reconheceram-n’O «ao partir o pão». Talvez tenham descoberto pela primeira vez as feridas nas suas mãos, cobertas pelo manto. Então Jesus desapareceu da vista deles, «deixando-os assombrados ante aquele pão partido, novo sinal da sua presença»^[7].

De certo modo, vemos, por detrás desta cena, a imagem de uma peculiar Eucaristia. Em cada Missa, Jesus faz-Se presente para nos alimentar com o mesmo alimento que saciou a fome dos discípulos de Emaús: a sua Palavra e o seu Pão. «Também hoje podemos entrar em diálogo com Jesus,

escutando a sua palavra. Também hoje, Ele parte o pão para nós e Se entrega a Si próprio como nosso pão»^[8]. Deste modo, a nossa fé «não se alimenta de ideias humanas, mas da palavra de Deus e da sua presença real na Eucaristia»^[9], que nos rejuvenesce dia após dia na fé, na esperança e no amor. «Jesus fica. Abrem-se os nossos olhos como os de Cléofas e os do seu companheiro, quando Cristo parte o pão; e, mesmo que Ele volte a desaparecer da nossa vista, também seremos capazes de empreender de novo o caminho – anoitece –, para falar d’Ele aos outros; porque tanta alegria não cabe num só coração»^[10].

Pedimos a Maria que, vivendo com o ouvido atento enquanto o Senhor nos fala pelo caminho, saibamos reconhecer o seu Filho nos acontecimentos de todos os dias e na Eucaristia.

NOTAS

[1] Francisco, Audiência geral, 24/05/2017.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 316.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 313.

[4] Bento XVI, *Regina Cæli*, 06/04/2008.

[5] Francisco, Audiência geral, 24/05/2017.

[6] *Ibid.*

[7] Bento XVI, *Regina Cæli*, 06/04/2008.

[8] *Ibid.*

[9] *Ibid.*

[10] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 314.

Quinta-feira da Oitava da Páscoa

Reflexão para meditar na quinta-feira da Oitava da Páscoa. Os temas propostos são: «Paz» é a primeira palavra do Ressuscitado; Jesus renova a esperança nas nossas vidas; a missão de difundir a paz entre todas as pessoas.

Sumário

- «Paz» é a primeira palavra do Ressuscitado.
- Jesus renova a esperança nas nossas vidas.
- A missão de difundir a paz entre todas as pessoas.

DURANTE A OITAVA da Páscoa, a liturgia da Igreja recorda-nos as principais aparições do Senhor Ressuscitado. Todas elas têm um denominador comum: os discípulos não reconhecem imediatamente Jesus na pessoa que se faz presente e fala com eles. Os seus corações ainda não estavam preparados para esta experiência. A sua surpresa ao descobri-Lo é tão grande que alguns deles ficam atónitos e confusos.

Isto é o que acontece na aparição aos apóstolos reunidos no Cenáculo, narrada por S. Lucas (Lc 24, 36-49). Os dois discípulos de Emaús regressaram a Jerusalém para contar o que tinha acontecido no caminho. Quando chegam, encontram os outros a conversar sobre o que Pedro tinha visto e também sobre as notícias que lhes chegaram acerca do túmulo vazio. Enquanto falavam destas coisas, «Jesus apresentou-Se no meio deles e disse-lhes: “A paz esteja convosco”» (Lc 24, 36). É importante notar que a primeira palavra que o Senhor pronuncia depois de ter vencido a morte é «paz», porque a paz «é o primeiro dom do Ressuscitado»^[1]. Não há dúvida de que era o que os apóstolos precisavam de escutar depois dos temores que tinham acumulado naqueles dias de traição e solidão.

O profeta Isaías anunciava o Messias como «Príncipe da Paz» (Is 9, 6). O reino de Cristo é, em palavras de S. Paulo, um reino de «paz e alegria»

(Rm 14, 17). Ambos, por inspiração divina, apontavam para o coração de Jesus, fonte da verdadeira paz. O Mestre tinha afirmado aos seus apóstolos, no mesmo Cenáculo, horas antes da sua Paixão: «Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz» (Jo 14, 27). Em cada Eucaristia escutamos novamente dos lábios de Cristo sacerdote o desejo de que «a paz esteja» connosco, seus discípulos. «Jesus deseja para nós, no meio das nossas idas e vindas diárias, uma autêntica paz, serenidade e descanso. E mostra-nos o caminho: identificarmo-nos cada vez mais com Ele, com a humildade e a mansidão do seu coração»^[2].

O MEDO obscurecia os olhos dos apóstolos; não reconheciam Jesus e pensavam que era um espírito. O Senhor explicou-lhes, então, que o seu corpo era real: «Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo; tocai-Me e vede (...). Dito isto, mostrou-lhes as mãos e os pés» (Lc 24, 39-40). Embora tenham ficado admirados ao contemplar a sua Humanidade Santíssima, não conseguiam acreditar, talvez devido à surpresa de tanta alegria. Por isso, Jesus acrescentou: «Tendes aí alguma coisa para comer? Deram-Lhe uma posta de peixe assado, que Ele tomou e começou a comer diante deles» (Lc 24, 41-43).

Jesus vivo continua a mostrar-nos as suas chagas e diz-nos: «Sou Eu». Quando a presença de Cristo se desvanece na nossa vida, podemos descobrir pela fé que Ele não foi para longe; os fracassos humanos, as contradições e até mesmo os defeitos, vistos à luz que brota das chagas gloriosas do Ressuscitado, já não significam um drama impossível de resolver, já não nos tiram facilmente a alegria.

S. Tomás Moro escreveu à sua filha, a partir da Torre de Londres: «Minha queridíssima filha, nunca deixes que a tua alma se perturbe por algo que me possa acontecer neste mundo. Nada pode acontecer, a não ser o que Deus quer. E tenho a certeza de que, seja o que for, por muito mau que possa parecer, será de facto para o melhor»^[3]. A esperança em Jesus ressuscitado «infunde no coração a certeza de que Deus conduz tudo para o bem, porque inclusive faz sair vida do túmulo. O sepulcro é o lugar donde aquele que entra não sai. Mas Jesus saiu por nós, ressuscitou por nós, para levar vida onde havia morte, para começar uma nova história que tinha sido

fechada, coberta com uma pedra. Ele, que removeu a rocha da entrada do sepulcro, pode remover as pedras que selam o coração»^[4].

A NOSSA MISSÃO apostólica é levar a paz de Cristo aos que nos rodeiam. Quando os setenta e dois discípulos foram enviados às aldeias da Galileia, a mensagem que deviam levar a cada família era esta: «Paz a esta casa» (Lc 10, 5-6). Na noite do domingo, Jesus envia-os a pregar «em seu nome o arrependimento e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém» (Lc 24, 47-48). Deus deseja que esta paz que Ele nos entrega se estenda por toda a terra. Encarregou-nos de a difundir «em seu nome». Neste sentido, dizia um Padre da Igreja: «Devíamos ter vergonha de prescindir da saudação da paz, que o Senhor nos deixou quando ia sair do mundo. A paz é um nome e uma coisa saborosa, que sabemos que provém de Deus»^[5]. A paz será, a partir desse mandato de Jesus, um sinal de identidade do cristão.

«Procuremos o que contribui para a paz e a edificação mútua» (Rm 14, 19), exortava São Paulo os romanos. Na tarefa evangelizadora, o cristão imita o modo de fazer do Ressuscitado, que mostra as suas chagas, não para censurar os discípulos pelo seu abandono, mas para lhes mostrar qual é a fonte da paz, para lhes devolver o que tinham perdido. «Peçamos ao Senhor, na nossa oração, que nos dê um coração como o d'Ele. Isto trará descanso às nossas almas e àqueles que estão junto de nós»^[6]. São Josemaria repetia como jaculatória esta breve oração: «*Cor Iesu sacratissimum et misericors, dona nobis pacem*: Coração sacratíssimo e misericordioso de Jesus, dá-nos a paz». No nosso anseio por sermos difusores dessa paz de Deus, encontraremos em Maria, Rainha da Paz, um exemplo especial e uma poderosa intercessão.

NOTAS

[1] S. Paulo VI, Alocução, 09/04/1975.

[2] Fernando Ocariz, Mensagem, 19/06/2020.

[3] S. Tomás Moro, *Um homem sozinho: Cartas da Torre*, n. 7.

[4] Francisco, Homilia, 11/04/2020.

[5] S. Gregório Nazianzeno, em *Catena Aurea*, vol. VI, p. 545.

[6] Fernando Ocáriz, Mensagem, 19/06/2020.

Sexta-feira da Oitava da Páscoa

Reflexão para meditar na sexta-feira da Oitava da Páscoa. Os temas propostos são: Jesus surpreende os seus discípulos na margem do lago; João e Pedro reconhecem o Senhor ressuscitado; estamos todos chamados a lançar as redes.

Sumário

- Jesus surpreende os seus discípulos na margem do lago.
- João e Pedro reconhecem o Senhor ressuscitado.
- Estamos todos chamados a lançar as redes.

DEPOIS das primeiras aparições em Jerusalém, os apóstolos voltaram à sua terra. As mulheres tinham-lhes transmitido uma mensagem de Cristo ressuscitado: «...que devem ir para a Galileia. Lá Me verão» (Mt 28, 10). Em Cafarnaum, há alguns anos, tinha começado a aventura da sua vocação e era lá que o Senhor queria voltar a reuni-los. Num daqueles dias, vários discípulos saíram para pescar no mar de Tiberíades com Pedro e João. Ao amanhecer, decidiram regressar para terra com a rede vazia, como já tinha acontecido noutras vezes, depois de um esforço estéril que tinha durado toda a noite. Nesse momento, quando o sol já clareava, enquanto atracavam na praia, «Jesus apresentou-Se na margem, mas os discípulos não sabiam que era Ele» (Jo 21, 1-13). «Quando tudo parecia terminado, de novo, como no caminho de Emaús, é Jesus que vem ao encontro dos seus amigos. Desta vez encontra-os no mar, lugar que traz à mente as dificuldades e as tribulações da vida»^[1].

Os discípulos, que nesse momento não reconhecem o Senhor, ouvem um estranho que da margem se lhes dirige, com um pedido: «Rapazes, tendes alguma coisa para comer?» (Jo 21, 5). «Que coisa mais humana! – observa S. Josemaria –. Deus dizendo às criaturas que lhe deem de comer. Deus precisando de nós. Que bonito, que maravilha as grandezas de Deus! Deus necessita de nós. Ninguém faz falta (...) e, no entanto, ao mesmo

tempo, digo que Deus precisa de nós: de ti e de mim»^[2]. Os pescadores, cansados da labuta e decepcionados depois de uma noite na barca, respondem negativamente, mesmo sem olhar. Então, Jesus vem com a sua onnipotência, para lhes abrir os olhos carregados de sono, para levar os seus corações para um pensamento mais profundo, mais de Deus, com mais visão sobrenatural. «Disse-lhes Jesus: Lançai a rede para a direita do barco e encontrareis» (Jo 21, 6). Os discípulos confiaram em Jesus, não sem algum receio, porque já não tinham vontade de continuar a pescar, queriam chegar à margem e ir descansar. A humildade de se abrir às palavras de Jesus, sempre com uma atitude nova, abriu caminho ao poder do Senhor na vida daqueles pescadores; um poder que irá além de todos os seus cálculos e esperanças.

SEGUINDO a sugestão daquele desconhecido, lançaram as redes à direita da barca e logo sentiram o peso da pesca, tão grande, que «já mal a podiam arrastar por causa da abundância de peixes» (Jo 21, 6). No coração de João – «o discípulo a quem Jesus amava» – entrou uma grande esperança. Talvez se lembrasse do dia em que Jesus o tinha escolhido, naquele mesmo cenário, também depois de uma noite de fadiga muito parecida com esta. Ao reconhecer quem tinha operado o milagre, disse a Pedro: «É o Senhor!» (Jo 21, 17).

João é a melhor representação do amor. Soube estar presente no Calvário e agora tem os olhos preparados para descobrir o Senhor, que os contempla na margem. «A limpeza daquele homem, a entrega daquele homem, que sempre se tinha conservado limpo, que não tinha tido uma dúvida, que se tinha dado a Deus totalmente desde a adolescência, permite que reconheça o Senhor. É necessária uma sensibilidade especial para as coisas de Deus, uma purificação. É verdade que Deus também se fez ouvir por pecadores: Saulo, Balaão... No entanto, normalmente, Deus Nosso Senhor quer que as criaturas tenham através da entrega e do amor uma capacidade especial para conhecerem estas manifestações»^[3].

Assim que Simão Pedro ouviu as palavras de João, lançou-se ao mar para ir mais depressa ao encontro de Jesus. «Pedro é a fé. E lança-se ao mar, com uma audácia maravilhosa. Com o amor de João e a fé de Pedro, aonde

podemos nós chegar!?»^[4] interrogava-se S. Josemaria. Agrada tanto ao Senhor o amor delicado de João, que sabe ver, como a fé algo impetuosa de Pedro, que quer chegar à margem o mais rapidamente possível. Da mesma forma que necessitou daqueles dois apóstolos, o Senhor precisa de nós para chegar aos corações dos homens, de cada um de nós, com o nosso caráter, sem mesmo excluir os nossos defeitos. Normalmente, estes pesam muito, e suportamo-los com a impressão de que são um obstáculo para a seguir a vontade do Senhor. No entanto, os nossos defeitos são a ocasião de que Deus se serve para fazer os seus milagres, de um modo livre e gratuito. Diante deles, Deus não nos acusa. A sua ternura acolhe-nos tal como somos e nos renova e anima para a missão.

A PESCA daquela manhã foi abundante e exclusiva. O Senhor pediu-lhes que lhe levassem alguns dos peixes que tinham pescado. Pedro, com a destreza de quem conhece bem o seu ofício, arrastou para a terra a rede repleta, de modo a deixar tudo perto do Senhor. É tão grande a sua emoção que, ao terminar a refeição que Jesus lhes tinha preparado, contaram um por um o que tinham retirado do lago: «Cento e cinquenta e três grandes peixes» (Jo 21, 11). A generosidade do Senhor não é calculista. Já tinha acontecido em Caná, na multiplicação dos pães e peixes, e hoje acontece novamente: a quantidade é magnânima. O Senhor não põe limites. É o que São Paulo explicará mais tarde aos cristãos de Roma, sabendo que a entrega na cruz é a maior de todas: «Ele, que não poupou nem o seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos dará também com Ele todas as coisas?» (Rm 8, 32).

«Lançai a rede (...) e encontrareis» (Jo 21, 6). A pesca de Cristo precisa de «pescadores de homens» dispostos a sair de noite para pescar, dispostos a lançar a rede seguindo o mandato da sua voz. Pescadores que saibam confiar mais em Jesus do que nos seus cansaços e experiências, que trabalhem pelo Evangelho com a certeza de que foram enviados por ele. No entanto, ainda que o Senhor deseje que a pesca seja abundante, os frutos chegam quando Deus quer, do modo e no tempo que Ele dispuser. «Nos misteriosos desígnios da sua sabedoria, Deus sabe quando é o tempo de intervir. E então, em todos os tempos, assim como a dócil adesão à palavra

do Senhor fez com que se enchesse a rede dos discípulos, também agora, o Espírito do Senhor pode tornar eficaz a missão da Igreja no mundo»^[5].

Enquanto comiam os pães e os peixes preparados nas brasas por Jesus, os discípulos não se atreveram a perguntar-lhe: «Quem és tu? Pois sabiam que era o Senhor» (Jo 21, 12). As pessoas que nos rodeiam, movidas por uma profunda sede de Deus, também perguntam a Deus no seu interior: «Tu, Jesus, quem és? Um homem bom, um mestre que deu preciosas lições de humanismo à humanidade? És somente isso ou, na realidade, és o Filho do Deus vivo?»^[6]. Na terra, nós somos os seus discípulos e queremos navegar todos os mares. Com a ajuda de Maria, Rainha dos Apóstolos, faremos sempre a pesca que Deus quer, ao serviço da Igreja e de todas as almas.

NOTAS

[1] Bento XVI, Homilia, 21/04/2007.

[2] S. Josemaria, Notas de uma meditação, 25/06/1958.

[3] *Ibid.*

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 266.

[5] Bento XVI, Homilia, 21/04/2007.

[6] Francisco, Homilia, 14/04/2013.

Sábado da Oitava da Páscoa

Reflexão para meditar no sábado da Oitava da Páscoa. Os temas propostos são: Jesus chama todos a ser apóstolos; Deus conta com as nossas forças e com as nossas fraquezas; encontrar força em Cristo Ressuscitado.

Sumário

- Jesus chama todos a ser apóstolos.
- Deus conta com as nossas forças e com as nossas fraquezas.
- Encontrar força em Cristo Ressuscitado.

A PRIMEIRA aparição do Ressuscitado foi a Maria Madalena; assim no-lo narra o evangelista Marcos. Jesus depois acompanhou os discípulos de Emaús e, finalmente, apresentou-se aos onze apóstolos (cf. Mc 16, 9-15). Em todas aquelas aparições, Jesus desejava devolver-lhes a paz, reanimar a sua fé e avivar a missão apostólica a que eram chamados. É verdade que, quando o Mestre mais precisava, os discípulos se tinham deixado levar pela cobardia. Mesmo após a ressurreição, continuaram confusos e cheios de dúvidas. Cristo, ao apresentar-se perante os onze, «censurou-os pela sua incredulidade e dureza de coração, porque não acreditaram naqueles que O tinham visto ressuscitado» (Mc 16, 14).

Apesar de tudo, Jesus não duvidou em confirmá-los na sua vocação: haviam sido eleitos para serem suas testemunhas, não queria substituí-los por outros. Aquela visita termina com o encargo divino: «Ide por todo o mundo e proclamai o Evangelho a toda a criatura» (Mc 16, 15). O dom de estar chamados à missão apostólica recai sobre eles, ainda que não fossem especialmente fortes nem se destacassem por uma preparação específica. Assim entendemos a agitação causada por Pedro e João quando, umas semanas depois curaram um paralítico: como «sabiam que eram homens iletrados e plebeus, ficaram espantados» (At 4, 13).

Os Apóstolos, com os seus dons e os seus defeitos, serão «pescadores de homens» enviados a todos os mares da terra. Desta forma, todos saberão que a salvação é obra de Deus. «Todo o homem e mulher é uma missão, e esta é a razão pela qual se encontra a viver na terra (...). O facto de nos encontrarmos neste mundo sem ser por nossa decisão faz-nos intuir que há uma iniciativa que nos antecede e faz existir. Cada um de nós é chamado a refletir sobre esta realidade: “Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo”»^[1].

S. PAULO compreendeu bem o significado de ser apóstolo de Jesus Cristo e expressou-o com as seguintes palavras: «De bom grado, portanto, prefiro gloriar-me nas minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo. Por isso me alegro nas fraquezas, nas afrontas, nas necessidades, nas perseguições e nas angústias, por Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte» (2Cor 12, 9-10). A própria debilidade pode ser uma força para o discípulo, pois quando nos encontramos desprovidos de recursos próprios, descobrimos que possuímos um dom maior, que permanece sempre: Deus que se nos dá por inteiro. Por isto, o apóstolo das gentes gloria-se nas suas debilidades «não se gloria das suas obras, mas da atividade de Cristo que age precisamente na sua debilidade»^[2].

Ao anunciar a mensagem de Cristo, a experiência da nossa vulnerabilidade não tem que fazer-nos tremer, desde que tenhamos uma atitude humilde e de total confiança na ação de Deus. A evangelização que é feita pela Igreja é d’Ele, não nossa. Sentimo-nos como S. Paulo, «vasos de barro» (2Cor 4, 7) que Deus enche com o tesouro da sua graça que recebe assim no seu interior, imerecidamente, joias que não têm preço.

O Reino de Deus não se realiza apenas graças a uma boa estratégia humana, nem se apoia unicamente na nossa habilidade para enfrentar desafios novos. Ainda que tudo isto certamente possa fazer parte da nossa colaboração, é em Deus que encontramos a força e o conhecimento para a nossa missão. O Senhor associa-nos ao seu reino, pois quer contar connosco para o difundir: isto é incrível. «na medida em que aumenta a nossa união com o Senhor e se faz intensa a nossa oração, também nós vamos ao essencial e compreendemos que não é o poder dos nossos meios, das nossas

virtudes e das nossas capacidades que realiza o Reino de Deus, mas é Deus que realiza maravilhas precisamente através da nossa debilidade, da nossa inadequação ao encargo»^[3].

«IDE POR TODO O MUNDO e proclamai o Evangelho a toda a criatura» (Mc 16, 15). Este é o mandamento imperativo do Mestre. Estavam reunidos na mesma casa, talvez em torno da mesma mesa, em que Jesus lhes havia oferecido a sua carne para comer e o seu sangue para beber. Os apóstolos não se justificaram pela sua falta de fidelidade ou de fortaleza. Nem se desculparam diante do Senhor Ressuscitado, ainda que certamente pensassem que a missão os superava. Como se sentiriam ao escutar aquelas palavras de Jesus? Com certeza sentiram-se atordoados com uma mensagem tão ambiciosa. Iremos nós chegar a todo o mundo – perguntar-se-iam – quando nem sequer soubemos dar a cara diante dos da nossa cidade?

Olhando apenas para si próprios, era fácil convencerem-se de que aquela missão era uma utopia. No entanto, olhando para o Ressuscitado tudo mudava: fixaram-se nas palmas das Suas mãos, no Seu lado, no Seu olhar; se Jesus queria que corresse o mundo inteiro, eles fá-lo-iam em seu nome. Para tal missão, S. Josemaria propunha o seguinte itinerário «Conhecer Jesus Cristo, dá-l’O a conhecer, levá-l’O a todos os sítios»^[4]. Esta missão, que abrange todos os batizados, realiza-se em primeiro lugar ao deixar-nos atrair por Ele. «Deixai-vos amar por Ele e sereis as testemunhas de que o mundo precisa»^[5]. Tal como aconteceu com Pedro, a nossa própria experiência do amor do Senhor é o ponto de partida para atrair outros a esse amor: «Não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos» (At 4, 20)

A fé cresce por meio do testemunho pessoal, é fortalecida na missão. Desta forma, temos a certeza de que dar a conhecer Jesus é o presente mais precioso que podemos entregar. Maria alenta-nos, como boa mãe, para que com a graça de Deus saibamos dar o melhor de nós.

NOTAS

[1] Francisco, Mensagem, 20/05/2018.

[2] Bento XVI, Audiência geral, 13/06/2012.

[3] *Ibid.*

[4] S. Josemaria, citado em Pedro Casciaro, *Soñad y os quedaréis cortos*, Rialp, Madrid 1994, p. 39.

[5] Bento XVI, Mensagem para a XXVIII JMJ, 18/10/2012.

II domingo da Páscoa

Reflexão para meditar no II domingo da Páscoa ou domingo da Divina Misericórdia. Os temas propostos são: Tomé quer tocar as chagas de Jesus; a misericórdia de Deus aviva a nossa fé; as chagas do Ressuscitado introduzem-nos no Seu amor.

Sumário

- Tomé quer tocar as chagas de Jesus.
- A misericórdia de Deus aviva a nossa fé.
- As chagas do Ressuscitado introduzem-nos no Seu amor.

O EVANGELHO DA MISSA de hoje, depois de relatar a primeira aparição do Senhor aos discípulos, centra-se na figura do apóstolo Tomé, que não tinha estado presente na aparição anterior. Quando todos, exultantes de alegria, lhe contam que viram o Senhor, Tomé não acredita neles. Nem a insistência dos outros dez apóstolos, nem o testemunho das santas mulheres, nem o relato do que aconteceu com os discípulos de Emaús, conseguem fazê-lo mudar de opinião. Além disso, ele reafirma a sua incredulidade ao responder: «Se não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, se não meter o dedo no lugar dos cravos e a mão no seu lado, não acreditarei» (Jo 20, 25).

Podemos imaginar os sentimentos que se debatiam no coração de Tomé. Ele era um homem determinado e generoso que amava sinceramente o Senhor. Por exemplo, quando Jesus decide ir a Betânia ressuscitar Lázaro, em perigo de ser capturado e condenado à morte, Tomé anima os outros apóstolos: «Vamos também nós e morramos com Ele» (Jo 11, 16). Ou, na Última Ceia, quando Jesus fala aos discípulos do céu que os espera se seguirem os Seus passos, Tomé manifesta com simplicidade que não está a entender: «Senhor, não sabemos para onde vais, como podemos saber o caminho?» (Jo 14, 4-5).

Tomé era um homem feliz junto de Jesus, queria segui-Lo e declarou-se disposto a partilhar o Seu destino. No entanto, ainda não tinha entendido completamente a amplitude da sua missão. Com a morte de Cristo, a sua crise pessoal foi profunda. Mas o desejo sincero de seguir o Senhor que sempre tinha demonstrado tornou possível que o seu coração acolhesse a luz da fé. «Apesar da sua incredulidade, devemos agradecer a Tomé que ele não se tivesse conformado com ouvir os outros dizer que Jesus estava vivo, nem por vê-l’O em carne e osso, mas que tivesse querido ver *em profundidade*, tocar as suas feridas, os sinais do seu amor (...). Precisamos de ver Jesus *tocando o seu amor*. Só assim vamos ao coração da fé e encontramos, como os discípulos, uma paz e uma alegria que são mais sólidas do que qualquer dúvida»^[1].

OITO DIAS DEPOIS, Jesus volta a encontrar os discípulos. Nesta ocasião, Tomé está presente. Após a saudação inicial, o Senhor imediatamente se dirigiu a ele: «Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; aproxima a tua mão e mete-a no meu lado» (Jo 20, 27). Tomé está cheio de espanto, e o seu coração explode de alegria. A sua boca pronuncia «a profissão de fé mais esplêndida do Novo Testamento»^[2]: «Meu Senhor e Meu Deus» (Jo 20, 28). Neste domingo da Divina Misericórdia contemplamos a grandeza da misericórdia de Deus com Tomé e, nele, com cada um de nós. Jesus vem para confortar – e de que maneira – aquele discípulo que, por não acreditar, tanto sofreu.

Tomé sente-se compreendido. A aparição é como um abraço que o liberta dos seus medos e inseguranças, aqueles sentimentos que o tinham levado a refugiar-se na incredulidade. No fundo do seu coração sempre houve um resto de esperança, embora Tomé tivesse evitado avivá-lo por medo de se enganar. Dá-se conta, de repente, que Jesus era digno de fé pelos Seus gestos, os Seus milagres, os Seus ensinamentos, o Seu incrível amor e misericórdia. Recorda a sua vida com Jesus Cristo e surpreende-se por ter entendido tão pouco.

Depois de ter manifestado a sua fé e adoração de uma forma tão breve como formosa – «Meu Senhor e meu Deus» – aceita a reprimenda afetuosa que Jesus lhe faz: «Porque Me viste acreditaste: felizes os que acreditam

sem terem visto» (Jo 20, 29). É completamente verdade, pensa ele. Por essa razão, dedicará o resto da sua vida – chegando mesmo a alcançar o martírio – a difundir essa fé que brilhou para além de todas as suas dúvidas. Embora provavelmente não lhe tivessem faltado outros momentos de incerteza, Tomé aprendeu a confiar em Deus e a mover-se no claro escuro da fé.

«NÃO VEJO AS CHAGAS como as viu Tomé, mas confesso que és o Meu Deus e Meu Senhor»^[3]. Cabe-nos a nós acreditar sem ter visto, sem ter partilhado a vida com Jesus nesta terra ou ter sido testemunhas diretas da Sua ressurreição. No entanto, a nossa fé é a mesma professada por Tomé e os outros apóstolos; e, como eles, somos chamados a evangelizar o mundo inteiro. Para isso, contamos com a proximidade e a misericórdia do Senhor. O mesmo Cristo que se apresentou diante do apóstolo incrédulo e Lhe mostrou as Suas chagas, oferece-se a nós. «Ele não se impõe dominando: Ele mendiga um pouco de amor, mostrando-nos, em silêncio, as Suas mãos chagadas»^[4].

Jesus quis abrir as fontes da sua vida para que pudéssemos participar dela. As chagas do Senhor foram, para Tomé e para os outros apóstolos, um sinal do Seu amor. Ao vê-las, eles não se encheram de dor, o que teria sido compreensível, mas viram-se inundados de paz. Essas marcas de Cristo – que Ele desejou manter – são um selo da Sua misericórdia. Contemplá-las permite-nos evitar, por antecipação, as dúvidas que nos poderiam assaltar quando olhamos para a nossa resposta fria. Essas chagas são a prova de que o amor de Jesus é firme e plenamente consciente.

«As chagas de Jesus são um escândalo para a fé, mas são também um comprovativo de fé. Por isso, no corpo de Cristo ressuscitado, as chagas não desaparecem; elas permanecem porque essas chagas são o sinal permanente do amor de Deus por nós e são indispensáveis para acreditar em Deus. Não para acreditar que Deus existe, mas para acreditar que Deus é amor, misericórdia, fidelidade. S. Pedro, citando Isaías, escreve aos cristãos: “As suas chagas curaram-nos”»^[5]. Peçamos a Maria Santíssima, «ícone perfeito da fé»^[6], que saibamos tocar as chagas de Jesus como o fez Tomé.

NOTAS

- [1] Francisco, Homilia, 08/04/2018.
- [2] Bento XVI, Audiência, 27/09/2006.
- [3] Hino Eucarístico *Adoro Te devote*.
- [4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 179.
- [5] Francisco, Homilia, 27/04/2014.
- [6] Francisco, *Lumen fidei*, n. 58.

Segunda-feira da II semana da Páscoa

Reflexão para meditar na segunda-feira da II semana da Páscoa. Os temas propostos são: a oração dos primeiros cristãos; com o Batismo, renascemos em Cristo; Batismo e vida de acordo com o Espírito.

Sumário

- A oração dos primeiros cristãos.
- Com o Batismo, renascemos em Cristo.
- Batismo e vida de acordo com o Espírito.

DURANTE o tempo da Páscoa, a primeira leitura da Missa segue a narrativa dos Atos dos Apóstolos, o livro que nos relata os primeiros passos da Igreja. É a melhor fonte para abordar a vida dos primeiros cristãos, nos quais S. Josemaria encontrou luz para os cristãos do nosso tempo. Apercebemo-nos de que nessas primeiras comunidades reinava um clima de alegria, de profunda gratidão, de entusiasmo sobrenatural que as impelia a partilhar a sua fé com todos. Não se ocultam as dificuldades que existiam, tanto externas como, por vezes, internas à Igreja, mas nem a umas nem a outras é concedida demasiada importância: empalidecem perante a grandeza da vida da graça e a ação do Espírito Santo.

Pedro e João regressam depois de terem sido presos por uma noite, por ordem das autoridades. A agitação foi grande ao ver que muitas pessoas, depois de terem ouvido estes apóstolos e testemunhado um milagre, tinham acreditado em Jesus. Depois de os interrogar, ameaçar e instá-los a parar de pregar, os guardas tiveram de libertar Pedro e João por medo do povo, «pois todos glorificavam a Deus pelo que tinha acontecido» (At 4, 21). No regresso, essa primeira comunidade de cristãos, talvez preocupada com as perseguições que se avizinhavam, decide unanimemente rezar parte do Salmo II. E no fim desta oração – diz-nos a Escritura – «o lugar em que se encontravam reunidos estremeceu, e todos ficaram cheios do Espírito Santo, começando a anunciar a palavra de Deus com desassombro» (At 4, 31).

Lendo os Atos dos Apóstolos, descobrimos que a força motriz do apostolado é a oração. Quem reza «experimenta diretamente a presença de Jesus e é tocado pelo Espírito. Os membros da primeira comunidade (...) compreendem que a história do encontro com Jesus não parou no momento da Ascensão, mas continua na sua vida. Narrando o que o Senhor disse e fez – a escuta da Palavra – rezando para entrar em comunhão com Ele, tudo se torna vivo. A oração infunde luz e calor: o dom do Espírito faz nascer neles o fervor»^[1].

A LEITURA do Evangelho, por seu lado, convida-nos a dar um passo atrás no tempo: lemos a conversa de Jesus com Nicodemos em que falam da boa nova trazida por Cristo; aquele diálogo em que o Senhor o convida a “nascer de novo”. Em contraste com os primeiros cristãos, que já tinham recebido a graça do Batismo e gozado da assistência do Espírito Santo, Nicodemos tem mais dificuldade em compreender as palavras de Jesus. Nicodemos é um judeu influente que admira Cristo. Pensa que alguém que realiza tais prodígios deve ser um homem de Deus. Vem de noite para não ser visto na companhia deste mestre invulgar, mas dirige-se ao Senhor com respeito e sinceridade. É por isso que as palavras com que Jesus lhe responde rapidamente levam a conversa ao nível mais alto: «Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus» (Jo 3, 5).

Nós, assim como os primeiros cristãos, somos mulheres e homens novos, regenerados pelo Batismo; nascemos do alto. S. Josemaria explicou que «no Batismo, o nosso Pai Deus tomou posse das nossas vidas, incorporou-nos à de Cristo e enviou-nos o Espírito Santo»^[2]. Este sacramento dá-nos a imensa dignidade de sermos filhos de Deus e de sermos chamados à santidade, que nada mais é do que «a plenitude da filiação divina»^[3]. Ser santo, portanto, não é apenas uma questão de comportamento externo, não consiste só em aspirar a uma perfeição ética, mas sim em reconhecer em nós a vida de graça que nos foi infundida e desejar sinceramente que ela se torne na fonte da nossa existência; consiste em ter cada vez mais os sentimentos do Filho, em ter um coração cada vez mais parecido com o seu.

Com o Batismo começa uma aventura apaixonante, uma aventura de amor, uma vida que não só é nova, mas que o Senhor quer renovar continuamente ao ritmo do sopro imprevisível do Espírito Santo. «O Batismo *immerge-nos na morte e ressurreição do Senhor*, afogando na pia batismal o homem velho, dominado pelo pecado que separa de Deus, e fazendo com que nasça o homem novo, recriado em Jesus. (...) Se festejamos o dia do nascimento, como não festejar – pelo menos recordar – o dia do renascimento? (...) É outro aniversário: o aniversário do renascimento»^[4].

«DESDE QUE RECEBEMOS o Batismo, recém-nascidos ainda, começou-nos na alma a vida sobrenatural. Mas temos de renovar ao longo da nossa existência – e mesmo ao longo de cada jornada – a determinação de amar a Deus sobre todas as coisas»^[5]. S. Josemaria explicava assim uma característica intrínseca da nossa vocação cristã: essa disposição de aceitar a graça de Deus de uma forma sempre renovada, esse secundar as inspirações do Paráclito com uma docilidade que amplia a nossa liberdade interior. A vocação batismal introduz-nos no dinamismo da vida de acordo com o Espírito Santo. A nossa fidelidade ao Senhor não se caracteriza pela inércia e monotonia, mas pela contínua novidade de uma resposta livre e amorosa. São Josemaria continuava: «Na entrega voluntária, em cada instante dessa dedicação, a liberdade renova o amor, e renovar-se é ser continuamente jovem, generoso, capaz de grandes ideais e de grandes sacrifícios»^[6].

«Como é grande a dádiva do Batismo! Se nos déssemos realmente conta, a nossa vida tornar-se-ia um “obrigado” contínuo. Que alegria para os pais cristãos, que viram desabrochar do seu amor uma nova criatura, levá-la à pia batismal e vê-la renascer do seio da Igreja, para uma vida que nunca terá fim!»^[7]. Embora muitos possam talvez não se lembrar do dia em que, como Jesus disse a Nicodemos, “nasceram de novo”, é um momento sempre acessível à nossa imaginação e à nossa oração: ali poderemos agradecer a Deus e às pessoas de cuja fé Deus se serviu para nos incorporar em Cristo.

A vida de Maria, desde o *fiat* – faça-se! – da Anunciação ao *fiat* silencioso que repetiu aos pés da cruz, é para nós um exemplo de resposta

fiel à sua vocação nas mais variadas situações. É uma manifestação de docilidade sempre renovada à graça de Deus.

NOTAS

[1] Francisco, Audiência Geral, 25/11/2020.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 128.

[3] S. Josemaria, *Carta*, 02/02/1945, n. 8.

[4] Francisco, Audiência Geral, 11/04/2018.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 27.

[6] *Ibid.*, n. 31.

[7] Bento XVI, *Angelus*, 11/01/2009.

Terça-feira da II semana da Páscoa

Reflexão para meditar na terça-feira da II semana da Páscoa. Os temas propostos são: Nicodemos depois da cruz; a unidade, desde o início, foi dom e tarefa; conhecerão os cristãos pelo seu amor mútuo.

Sumário

- Nicodemos depois da cruz.
- A unidade, desde o início, foi dom e tarefa.
- Conhecerão os cristãos pelo seu amor mútuo.

PROVAVELMENTE FOI longa a conversa entre Jesus e Nicodemos, embora o Evangelho só nos tenha transmitido algumas frases. Aquele doutor da lei esperava encontrar-se com um profeta, alguém escolhido por Deus, mas as suas expectativas foram completamente excedidas: havia ali algo mais, algo radicalmente diferente, um homem de cuja boca ouvia revelações que nunca tinha imaginado. Não sabemos até que ponto as compreendeu ou quantos detalhes Jesus lhe quis explicar naquele momento. Mas sabemos que, nas horas difíceis da Paixão, quando quase todos os discípulos tinham fugido, Nicodemos deu a cara publicamente para dar uma sepultura digna ao corpo de Cristo. Nesses momentos recordaria as palavras daquela conversa noturna, quando o Senhor tinha profetizado a sua morte na cruz e os frutos desse sacrifício: «Assim como Moisés elevou a serpente no deserto, também o Filho do homem será elevado, para que todo aquele que acredita tenha n'Ele a vida eterna» (Jo 3, 14-15).

Nicodemos conhecia esse episódio da história do seu povo: Moisés tinha colocado a serpente de bronze num poste para que, ao olhar para ela, aqueles que tinham sido mordidos pelas serpentes venenosas do deserto ficassem curados (cf. Nm 21, 8-9). Referindo-se a esse episódio, Jesus lembra-nos que «ninguém é libertado do pecado por si mesmo e pelas suas próprias forças, nem se eleva acima de si mesmo; ninguém é completamente libertado da sua fragilidade, ou da sua solidão, ou da sua

escravidão. Todos precisam de Cristo, modelo, mestre, libertador, salvador, vivificador»^[1]. Para acreditarmos, para sermos salvos, para aprendermos a amar, precisamos de olhar para Cristo na cruz. Nos seus gestos e nas suas palavras compreenderemos a caridade que Ele quer infundir nos nossos corações. Mais do que esta conversa noturna, o seu encontro pessoal com a cruz transformou ainda mais Nicodemos. A partir daí superou os seus medos e os seus respeitos humanos para se mostrar abertamente como amigo de Jesus. Contemplar a cruz muda-nos sempre.

TAMBÉM OS APÓSTOLOS ficam ainda mais transformados quando, depois da ressurreição do Senhor, conseguem compreender o verdadeiro alcance e significado da sua morte na cruz. Fica gravado nos seus corações que «foi o Amor que levou Jesus ao Calvário»; e que, «na Cruz, todos os seus gestos e todas as suas palavras são de amor, de amor sereno e forte»^[2]. Só olhando com profundidade para a grandeza do amor divino na cruz podem compreender plenamente, por um lado, o novo mandamento que Jesus lhes tinha dado durante a Última Ceia (cf. Jo 13, 34) e, por outro, a oração pela unidade entre os seus discípulos que Cristo tinha elevado ao Pai nessa mesma noite (cf. Jo 17, 21).

Aquelas palavras de Jesus sobre o amor fraterno e sobre a unidade foram fielmente transmitidas pelos apóstolos aos primeiros cristãos. De facto, quando é descrita a comunidade nascente de Jerusalém, diz-se que «a multidão dos crentes tinha um só coração e uma só alma» (At 4, 32). A unidade e harmonia que tinham alcançado não era somente uma conquista humana, fruto da prática de virtudes relacionais ou de terem estabelecido acordos inteligentes. Era sobretudo um dom de Deus, uma obra do Espírito Santo naqueles que tinham nascido para a vida da graça através do batismo. Mas, ao mesmo tempo que era um dom, é-nos dito em seguida que era também uma tarefa: a triste história de Ananias e Safira, relatada imediatamente a seguir (cf. At 5, 1-10), mostra claramente que essa unidade – forte, a ponto de terem de um só coração e uma só alma – era um dom precioso, mas frágil, que dependia também da liberdade pessoal com que cada um se abria a recebê-lo.

Este “milagre da unidade” é realizado pelo Espírito Santo, mas também depende de estarmos devidamente disponíveis para recebê-lo: pode ser dificultado pela soberba, pelo egoísmo, pela murmuração, pela desconfiança... «Os Atos dos Apóstolos mostram como na cidade santa de Jerusalém, marcada pelos acontecimentos da recente Páscoa, a Igreja estava a nascer. Esta jovem Igreja, já desde o início, “perseverava na comunhão”, ou seja, formava a comunhão corroborada pela graça do Espírito Santo. E assim é até ao dia de hoje. Jesus Cristo no seu mistério pascal constitui o centro desta comunidade. Ele faz com que a Igreja viva, cresça e se realize como um corpo “bem coordenado e unido por todos os ligamentos que o unem e nutrem de acordo com a atividade própria de cada membro” (Ef 4, 16)»^[3]. A unidade é um dom para a Igreja e para a tarefa de cada um.

«OS APÓSTOLOS davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus com grande coragem. E eram olhados com grande estima» (At 4, 33). O cristianismo difundiu-se rapidamente nos primeiros séculos. Isso aconteceu graças à coragem dos cristãos, mas sobretudo graças ao testemunho de caridade que viviam entre eles e que procuravam difundir entre todos. «Vede como se amam!», comentavam frequentemente; «vede como cada um está disposto a morrer gostosamente pelo outro!»^[4].

Para serem credíveis, os cristãos têm de estar unidos, deve resplandecer a caridade com que se tratam uns aos outros. O apostolado não é senão o transbordar dessa caridade para com todos, porque cada um sente uma profunda preocupação pelos outros. S. Josemaria considerava-o essencial para o Opus Dei: «Quero que a Obra seja sempre assim: uma família pequena e unida, ainda que estejamos espalhados por todo o mundo»^[5]. Comentava também que por muito que o seu apostolado se estendesse, dever-se-ia lutar por fortalecer o clima de confiança e simplicidade, de alegria e carinho.

«Que grande responsabilidade nos confia hoje o Senhor! Ele diz-nos que as pessoas conhecerão os discípulos de Jesus pela forma como se amam entre eles. Por outras palavras, o amor é o cartão de identidade do cristão, é o único “documento” válido para sermos reconhecidos como discípulos de Jesus. Se este documento caduca e não for continuamente renovado,

deixamos de ser testemunhas do Mestre. Por isso pergunto-vos: quereis acolher o convite de Jesus para serdes seus discípulos? Quereis ser seus amigos fiéis? O verdadeiro amigo de Jesus distingue-se principalmente pelo amor concreto (...); amar significa dar, não apenas algo material, mas algo de si mesmo: o tempo pessoal, a amizade, as capacidades pessoais»^[6].

Peçamos a Maria Santíssima que, com o calor de uma caridade concreta, e com uma unidade que atraia a todos, saibamos transmitir a luz e o calor da fé.

NOTAS

[1] Concílio Vaticano II, *Ad Gentes*, n. 8.

[2] S. Josemaria, *Via Sacra*, XI estação.

[3] S. João Paulo II, Homilia, 13/06/1999.

[4] Tertuliano, *Apologeticum*, 39.

[5] S. Josemaria, Apontamentos de una reunião familiar, 17/05/1970.

[6] Francisco, Homilia, 24/04/2016.

Quarta-feira da II semana da Páscoa

Reflexão para meditar na quarta-feira da II semana da Páscoa. Os temas propostos são: Cristo é a luz do mundo; o testemunho de fé dos apóstolos; não fazemos apostolado, somos apóstolos.

Sumário

- Cristo é a luz do mundo.
- O testemunho de fé dos apóstolos.
- Não fazemos apostolado, somos apóstolos.

«A LUZ VEIO AO MUNDO e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque eram más as suas obras. Todo aquele que pratica más ações odeia a luz e não se aproxima dela, para que as suas obras não sejam denunciadas. Mas quem pratica a verdade aproxima-se da luz, para que as suas obras sejam manifestas, pois são feitas em Deus» (Jo 3, 19-21). Com estas palavras que lemos no Evangelho, continua a conversa de Jesus com Nicodemos. Um tema recorrente surge no livro de S. João: Cristo é a luz do mundo e quem o segue «não andar­á em trevas, mas terá a luz da vida» (Jo 8, 12). A luz que Cristo trouxe ao mundo não era deslumbrante: acolhê-la ou não, abordá-la ou olhar para o outro dependia da liberdade de cada coração. Na verdade, a luz foi rejeitada por muitos. Outros, inclusivamente, tentaram apagá-la. Mas o plano divino de salvação supera qualquer esquema humano.

A luz de Cristo ressuscitado continua a ser uma luz de amor, que não se impõe, mas se apresenta humilde, discreta, à liberdade dos homens. Não quer sobrecarregar-nos ou passar por cima da nossa possibilidade de escolha. Mas quando a acolhemos sob essa aparência de fragilidade, mostra-se capaz de dissipar as trevas mais densas. «Cristo, ressuscitado dos mortos, brilha no mundo, e fá-lo de forma mais evidente, precisamente onde, segundo o julgamento humano, tudo parece sombrio e sem esperança. Ele derrotou a morte – Ele vive – e a fé que nele temos penetra, como uma

pequena luz, tudo o que é escuro e ameaçador. Certamente, quem crê em Jesus nem sempre vê apenas o sol na sua vida, quase como se pudesse evitar sofrimentos e dificuldades; porém, tem sempre uma luz clara que lhe indica um caminho, o caminho que conduz à vida em abundância (cf. Jo 10, 10). Os olhos de quem crê em Cristo vislumbram uma luz mesmo na noite mais escura, e já vislumbram o brilho de um novo dia»^[1].

O SENHOR, que se manifestou como a luz do mundo, também disse aos seus discípulos: «Vós sois a luz do mundo» (Lc 5, 14). Todos somos chamados a ser luz e a formar com os outros cristãos um resplendor cada vez mais amplo: «A luz não permanece isolada. Ao seu redor, acendem-se outras luzes. Sob os seus raios esboçam-se os contornos daquilo que nos circunda, de modo que podemos orientar-nos. Não vivemos sozinhos no mundo. Precisamente nas coisas importantes da vida temos necessidade dos outros. Em particular, não estamos sozinhos na fé, somos elos da grande corrente dos crentes. Ninguém chega a acreditar se não for sustentado pela fé dos outros e, por outro lado, com a minha fé, contribuo para que os outros confirmem a sua. Ajudamo-nos reciprocamente a ser exemplos uns para os outros, partilhamos com os outros o que é nosso, os nossos pensamentos, as nossas ações e o nosso afeto. E ajudamo-nos mutuamente a orientar-nos»^[2].

Este foi o caso dos primeiros cristãos, que tinham «um só coração e uma só alma» (At 3, 32). «A comunidade renascida tem a graça da unidade, da harmonia. E o único que pode dar-nos essa harmonia é o Espírito Santo, que é a harmonia entre o Pai e o Filho, é o dom que traz a harmonia»^[3]. O Paráclito mantinha-os unidos e encorajava-os a evangelizar: desta forma, como relata a Sagrada Escritura, a Igreja cresceu rapidamente. Certamente, junto com a luz da fé, as trevas continuavam a estar presentes e não faltaram os problemas. Na Missa de hoje lê-se como, ao ver o aumento do número de pessoas que abraçavam o cristianismo, as autoridades enfurecidas «contra os apóstolos, mandaram-nos prender e meteram-nos na cadeia pública» (At 5, 18). De uma forma ou de outra, não faltarão dificuldades nas nossas vidas quando procurarmos difundir no nosso ambiente a luz de Cristo. Perante a sensação de que os frutos são poucos ou que as nossas circunstâncias pessoais também não são as melhores,

podemos repetir com o salmista: «Este pobre clamou e o Senhor o ouviu» (Sl 33, 7). Esta seria também a atitude dos apóstolos enquanto permaneciam fechados na prisão. E a consolação de Deus não tardou a chegar.

«O ANJO do Senhor abriu as portas da prisão, levou-os para fora e disse-lhes: “Ide apresentar-vos no templo, a anunciar ao povo todas estas palavras de vida”. Tendo ouvido isto, eles entraram no templo de madrugada e começaram a ensinar» (At 5, 19-21). Embora a aparição do anjo não seja descrita, deve ter sido impressionante. Com a primeira luz do dia, e sabendo que seriam presos novamente, os apóstolos empreenderam a indicação que lhes foi dada. Fizeram-no não como quem cumpre um encargo externo, mas como quem realiza a sua própria missão, uma tarefa que tinha passado a ser parte constitutiva de cada um; não só faziam apostolado, mas eram e sentiam-se apóstolos, testemunhas de um acontecimento que transformou as suas vidas.

Também nós «devemos encher de luz o mundo (...) – escreveu S. Josemaria –. Nada pode produzir maior satisfação do que trazer tantas almas para a luz e o calor de Cristo. Pessoas a quem ninguém ensinou a valorizar a vida corrente, para quem o comum parece vão e sem sentido, que não conseguem compreender nem maravilhar-se com esta grande verdade: Jesus Cristo cuidou de nós, mesmo dos pequeninos, até dos mais insignificantes. A todos deveis dizer: Cristo procura-te também, como procurou os primeiros doze, como procurou a mulher samaritana, como procurou Zaqueu; como ao paralisado: *surge et ambula* (Mc 2, 9), levanta-te, o Senhor espera-te; como ao filho da viúva de Naim: *tibi dico, surge!* (Lc 7, 14), eu te digo, levanta-te do teu conforto, da tua preguiça, da tua morte»^[4].

Peçamos à nossa Mãe do céu que mantenha viva em nós a consciência de que somos apóstolos, para que saibamos secundar a ação do Espírito Santo para que muitas almas se aproximem de Deus.

NOTAS

[1] Bento XVI, Discurso, 24/09/2011.

[2] *Ibid.*

[3] Francisco, Homilia, 14/04/2015.

[4] S. Josemaria, *Carta*, 24/03/1930.

Quinta-feira da II semana da Páscoa

Reflexão para meditar na quinta-feira da II semana da Páscoa. Os temas propostos são: os apóstolos partiram para evangelizar; a nossa missão no mundo; Cristo ilumina a existência e a história humana.

Sumário

- Os apóstolos partiram para evangelizar.
- A nossa missão no mundo.
- Cristo ilumina a existência e a história humana.

OS APÓSTOLOS, depois de terem sido libertados, voltaram ao Templo de madrugada para continuar a pregação. Lá foram novamente presos e levados perante os príncipes dos sacerdotes. É a cena que nos conta a primeira leitura da Missa de hoje: «O sumo sacerdote interpelou-os, dizendo: “Já vos proibimos formalmente de ensinar em nome de Jesus; e vós encheis Jerusalém com a vossa doutrina e quereis fazer recair sobre nós o sangue desse homem”. Pedro e os Apóstolos responderam: “Deve obedecer-se antes a Deus que aos homens”» (At 5, 27-29).

Pedro e os doze mostram com a sua resposta «que possuem aquela “obediência da fé” que depois quererão suscitar em todos os homens (cf. Rm 1, 5)»^[1]. No livro dos Atos vemos muitos outros exemplos que mostram a mesma ideia: para os apóstolos, o mais importante é cumprir a missão que Deus lhes confiou. Como testemunhas da ressurreição de Cristo, eles não podem parar de falar sobre o que viram e ouviram. O que eles receberam parece-lhes tão valioso, enche os seus corações de tal maneira que enfrentam qualquer perigo para compartilhá-lo.

O Espírito Santo foi mudando os apóstolos: cada vez seriam menos cobardes e mais corajosos; menos ambiciosos, com menos visão humana e mais capazes de se doar aos outros. Introduzidos nessa vida do Espírito, «já não são homens “sozinhos”». Eles experimentam aquela sinergia especial

que os faz descentrar de si mesmos e os leva a dizer: “nós e o Espírito Santo” (At 5, 32) ou “o Espírito Santo e nós” (At 15, 28). Eles sentem que não podem dizer só “eu”, são homens descentrados de si mesmos. Fortalecidos por esta aliança, os Apóstolos não se deixam intimidar por ninguém»^[2].

«O DEUS dos nossos pais ressuscitou Jesus, a quem matastes, suspendendo-o num madeiro. Foi a Ele que Deus elevou, com a sua direita, como Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados. E nós somos testemunhas destas coisas, juntamente com o Espírito Santo, que Deus tem concedido àqueles que lhe obedecem» (At 5, 30-32). Os apóstolos sabem que são testemunhas de uma verdade que – com a ajuda do Espírito Santo, enviado para que possamos transformá-la em vida – traz salvação a todo o género humano. É o início da nossa missão; a Igreja «continua e desenvolve ao longo da história a missão do próprio Cristo»^[3].

«Perante os desafios deste nosso mundo, tão complexos como apaixonantes, que espera hoje o Senhor de nós, os cristãos? Que saiamos ao encontro das inquietações e necessidades das pessoas, para levar a todos o Evangelho, na sua pureza original e, ao mesmo tempo, na sua radiosa novidade»^[4]. O empenho evangelizador consiste num «apelo a que cada um de nós, com os seus recursos espirituais e intelectuais, com as suas competências profissionais ou a sua experiência de vida, e também com as suas limitações e defeitos, se esforce por descobrir os modos de colaborar mais e melhor na imensa tarefa de pôr Cristo no cume de todas as atividades humanas. Para isto, é preciso conhecer em profundidade o tempo em que vivemos, as dinâmicas que o atravessam, as potencialidades que o caracterizam, os limites e as injustiças, muitas vezes graves, que o oprimem. E, acima de tudo, é necessária a nossa união pessoal com Jesus Cristo, na oração e nos sacramentos. Desta forma, poderemos estar abertos à ação do Espírito Santo, para, com caridade, bater à porta dos corações dos nossos contemporâneos»^[5].

«AQUELE QUE VEM do Alto está acima de todos. Quem é da terra à terra pertence e da terra fala» (Jo 3, 31). Este texto do Evangelho de S. João segue-se imediatamente à conversa entre o Batista e os seus discípulos, na qual o Precursor pronuncia a frase que tantas vezes meditámos: «Ele é que deve crescer, e eu diminuir» (Jo 3, 30). Cristo, que vem do alto, do céu, é o único que pode revelar o Pai e trazer o Espírito Santo. Por isso, «Quem acredita no Filho tem a vida eterna. Quem se recusa a acreditar no Filho não verá a vida» (Jo 3, 36).

Somente Jesus Cristo pode falar das «palavras de Deus» e dar «o Espírito sem medida» (Jo 3, 34). O homem pode aceder a Deus de várias maneiras: por exemplo, contemplando a ordem e a beleza do mundo; refletindo sobre a sede de infinito e plenitude que se alberga no seu coração; através de experiências espirituais que muitas vezes contêm tesouros de sabedoria e um apreciável sentido do sagrado... Todos esses caminhos manifestam a abertura do homem a Deus, mas também evidenciam quão limitado é o conhecimento humano diante do divino.

Pelo contrário, pela fé em Cristo conhecemos a Palavra de Deus completa e definitiva. Como escreveu S. Tomás de Aquino, «antes da chegada de Cristo, nenhum filósofo, apesar de todos os seus esforços, podia saber tanto sobre Deus e sobre o que é necessário para alcançar a vida eterna como, depois de Cristo, uma velhinha sabe pela fé»^[6]. Cada cristão recebeu o dom maravilhoso da fé, que é «encontro com Deus que fala e age na história e que converte a nossa vida diária, transformando a nossa mentalidade, juízos de valor, escolhas e ações concretas. Não é ilusão, fuga da realidade, refúgio cómodo, sentimentalismo, mas é participação de toda a vida e é anúncio do Evangelho, Boa Nova capaz de libertar o homem todo»^[7].

Peçamos a Santa Maria, mãe dos crentes, que nos ajude a centrar cada vez mais a nossa existência em Cristo e a encaminhar para Ele aqueles que encontramos no nosso caminho.

NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 18/09/2019.

[2] *Ibid.*

[3] Concílio Vaticano II, *Ad Gentes*, n. 2.

[4] Fernando Ocáriz, *À luz do Evangelho*.

[5] *Ibid.*

[6] S. Tomás de Aquino, *Expositio in Symbolum Apostolorum*, Proêmio.

[7] Bento XVI, Audiência, 14/11/2012.

Sexta-feira da II semana da Páscoa

Reflexão para meditar na sexta-feira da II semana da Páscoa. Os temas propostos são: Jesus multiplica os pães; as necessidades dos outros não passam despercebidas a um cristão; a Igreja vive da Eucaristia.

Sumário

- Jesus multiplica os pães.
- As necessidades dos outros não passam despercebidas a um cristão.
- A Igreja vive da Eucaristia.

O EVANGELHO de S. João regista sete milagres do Senhor e, entre eles, está a primeira multiplicação dos pães e dos peixes. Trata-se de uma passagem que prefigura a Páscoa do Senhor e a instituição da Eucaristia. Uma grande multidão tinha-se reunido junto à margem do lago de Genesaré, atraída por aquele Mestre cuja fama se tinha espalhado por causa dos seus milagres e dos seus ensinamentos. Do alto de uma colina, o Senhor viu as multidões que O seguiam e, dirigindo-Se a Filipe, que era quem estava mais próximo d'Ele, fez uma pergunta desconcertante: «Onde havemos de comprar pão para lhes dar de comer?» (Jo 6, 5). O primeiro pensamento de Filipe talvez tenha sido que o Mestre não estava a falar mesmo a sério, mas, imediatamente a seguir, deve ter considerado também que Jesus era frequentemente imprevisível. Por isso, limitou-se prudentemente a fazer uma estimativa: «Duzentos denários de pão não chegam para dar um bocadinho a cada um» (Jo 6, 7). Interveio, então, André que mostrou um pouco mais de empatia com a fome das multidões, embora a sua proposta também sublinhasse, acima de tudo, a impossibilidade de fazer alguma coisa para resolver o problema: «Está aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixes. Mas que é isso para tanta gente?» (Jo 6, 9).

S. João assinala que, embora Jesus tenha conversado deste modo com os Apóstolos, «Ele bem sabia o que ia fazer» (Jo 6, 6). O autor sagrado

sublinha que, humanamente, era impossível alimentar tanta gente. E faz isto não só para realçar, por contraste, quão grande foi o milagre, mas sobretudo para sublinhar que a salvação é um dom que vem de Deus; não se trata duma obra humana, embora o Senhor queira contar com os homens para a realizar. «Muitas vezes, ao longo da história da Obra – comentava S. Josemaria – percebi que o Senhor tem as coisas pensadas desde a eternidade, mas que, por outro lado, nos deixa libérrimos. Por vezes parece que nos tenta, que quer provar a nossa fé. Mas Jesus Cristo não nos deixa: se nos mantivermos firmes, Ele está disposto a fazer milagres, a multiplicar os pães»^[1].

«“MANDAI-OS SENTAR”. Havia muita erva naquele lugar e os homens sentaram-se em número de uns cinco mil. Então, Jesus tomou os pães, deu graças e distribuiu-os aos que estavam sentados, fazendo o mesmo com os peixes; e comeram quanto quiseram» (Jo 10, 11). O Evangelho não nos descreve o modo como Jesus realizou materialmente este milagre. O que podemos intuir é como ficaria gravada no coração dos Apóstolos essa experiência de fé. Mais tarde, à luz da Ressurreição, compreenderam que seria assim daí em diante: o Senhor esperava deles – assim como de cada um de nós – que fizessem o possível da sua parte. Ele também continuaria a fazer a sua *parte*. Essa ação de Deus, muitas vezes, não se manifesta e não chegamos a descobrir quem implica nem quais as suas consequências; no entanto, continua a ser a parte mais real e importante. Com a ação do homem dentro da ação de Deus, a missão apostólica iria em frente e a Igreja iria crescendo.

Mas houve também outro ensinamento que o Senhor lhes transmitiu nesta multiplicação dos pães e dos peixes: uma lição de caridade. Mostrou-lhes como um cristão deve estar atento e cuidar das necessidades espirituais e materiais dos outros: primeiro, com um olhar que as perceba, que saiba sentir compaixão, que deseje cuidar dos outros; e depois, com uma atitude generosamente proativa: não basta pensar que seria bonito, mas que infelizmente não se pode fazer nada; não bastam os bons sentimentos se, no final, se fica apenas nisso. Jesus deseja que cada um faça o que estiver ao seu alcance para ajudar pessoas concretas em situações difíceis, sem se resignar à passividade: exorta os seus discípulos a procurarem uma solução,

mesmo que seja apenas para começar, para tentar pôr em marcha um processo positivo; em suma, para complicar as suas vidas, se necessário, a fim de ajudar os outros.

«Para isso precisamos que o Senhor nos dilate o coração, que nos dê um coração à medida do d’Ele, onde caibam todas as necessidades, dores e sofrimentos dos homens e mulheres do nosso tempo, especialmente dos mais frágeis. No mundo atual, a pobreza tem rostos muito diversos: os doentes e os idosos que são tratados com indiferença, a solidão vivida por muitas pessoas abandonadas, o drama dos refugiados, a miséria em que vive grande parte da humanidade como resultado, muitas vezes, de injustiças que bradam ao céu. Nada disto nos pode ser indiferente. Cada cristão deve viver a “imaginação da caridade”, de que falou S. João Paulo II, para levar o bálsamo da ternura de Deus a todos os nossos irmãos que passam necessidade»^[2].

«JESUS TOMOU OS PÃES, deu graças e distribuiu-os» (Jo 6, 11). Nestas palavras, utilizadas por João, há uma prefiguração da Eucaristia. Neste mesmo capítulo do quarto Evangelho, encontramos o discurso do Pão da Vida, no qual Jesus promete dar-Se a Si mesmo como alimento para a nossa alma.

Na Eucaristia, o que era algo material e pequeno, um pouco de pão e de vinho, converte-se em alimento sobrenatural: o Corpo e o Sangue de Cristo, o pão dos anjos, o novo maná que restaura as forças do povo de Deus que é a Igreja. «A Igreja vive da Eucaristia»^[3]. «A comunidade cristã nasce e renasce continuamente desta comunhão eucarística. Por isso, viver a comunhão com Cristo é algo distinto de permanecer passivos e desligados da vida quotidiana; pelo contrário, leva-nos cada vez mais a uma relação com os homens e as mulheres do nosso tempo, para lhes oferecer o sinal concreto da misericórdia e da atenção de Cristo (...). Jesus viu a multidão, sentiu compaixão por ela e multiplicou os pães; faz o mesmo com a Eucaristia. E nós, crentes que recebemos este pão eucarístico, somos instados por Jesus a levar este serviço aos outros, com a sua mesma compaixão»^[4].

«A Eucaristia nunca pode ser apenas uma ação litúrgica. Só é completa se o “*ágape*” litúrgico se converte em amor quotidiano. No culto cristão, as duas coisas tornam-se uma só: ser agraciados pelo Senhor no ato de culto e cultivar o amor em relação ao próximo. Peçamos ao Senhor, nesta hora, a graça de aprender a viver cada vez melhor o mistério da Eucaristia, de modo que assim se comece a transformação do mundo»^[5]. Peçamos também a Maria, «presente com a Igreja e como Mãe da Igreja, em todas as nossas celebrações eucarísticas»^[6], que nos ajude a difundir por todo o mundo a força santificadora do sacrifício do altar.

NOTAS

[1] S. Josemaria, Notas de uma meditação, 01/04/1962.

[2] Fernando Ocáriz, *À luz do Evangelho*.

[3] S. João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*, n. 1.

[4] Francisco, Audiência, 17/08/2016.

[5] Bento XVI, Homilia, 09/04/2009.

[6] S. João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*, n. 57.

Sábado da II semana da Páscoa

Reflexão para meditar no sábado da II semana da Páscoa. Os temas propostos são: o serviço aos outros na Igreja nascente; ser agradecidos e misericordiosos; o Senhor está sempre connosco no barco.

Sumário

- O serviço aos outros na Igreja nascente.
- Ser agradecidos e misericordiosos.
- O Senhor está sempre connosco no barco.

«Naqueles dias, à medida que o número de discípulos crescia, surgiu uma queixa dos helenistas contra os hebreus, porque as suas viúvas eram negligenciadas no atendimento diário» (At 6, 1). Já desde os primeiros tempos do cristianismo, a Igreja teve que enfrentar situações de tensão que iam aparecendo, como a que é descrita nesta passagem. A Igreja, apesar de ter a assistência incessante do Espírito Santo, é composta por pessoas como nós que, animadas pelas melhores intenções, têm as limitações da condição humana e a ferida do pecado.

A Pedro e aos outros apóstolos competia a tarefa de discernir sobre o problema que tinha surgido e propor uma solução. Desta vez foi a de designar «sete homens de boa fama, cheios de Espírito e de sabedoria» (At 6, 3), que se dedicariam mais diretamente a este serviço de caridade. É interessante notar que, desde o início, a Igreja dirigiu a sua atenção para os mais necessitados; e como, ao confiar a alguns cristãos a organização material deste trabalho assistencial, os apóstolos valorizavam, acima de tudo, que fossem pessoas dóceis ao Espírito Santo, dotadas de sabedoria. A vida interior, as virtudes pessoais, o amor pela verdade revelada e a atividade em favor dos outros eram considerados aspetos intimamente unidos para levar a cabo a missão da Igreja.

Cada cristão era chamado então, como ainda o somos agora, a olhar para Jesus Cristo, a viver a sua própria vida, secundando a ação santificadora do Paráclito. Assim, daí deriva a doação aos outros, que será concretizada de diferentes formas. No fundo, para todos, como escreveu S. Josemaria, «resume-se numa única palavra: amar. Amar é ter um coração grande, sentir as preocupações daqueles que nos rodeiam, saber perdoar e compreender: sacrificar-se, com Jesus Cristo, por todas as almas. Se amamos com o coração de Cristo, aprenderemos a servir»^[1].

«A PALAVRA de Deus propagava-se, e o número de discípulos em Jerusalém aumentava consideravelmente» (At 6, 7). O salmo responsorial da Missa de hoje é um eco da alegria dos primeiros cristãos de Jerusalém: «Louvai o Senhor com a cítara, entoai-Lhe salmos com a harpa de dez cordas. A palavra do Senhor é reta, e cumpre com fidelidade todas as Suas obras. Ele ama a justiça e a lei: a terra está cheia da Sua misericórdia» (Sl 33, 2.4-5). É um cântico de louvor ao Senhor que criou o mundo e o sustenta no ser; que olha do céu para os filhos de Adão e conhece cada recanto dos seus corações; que incessantemente mantém sobre os homens um olhar de ternura, de proximidade e salvação.

Ao convidar-nos a meditar sobre este salmo, a Igreja deseja despertar em nós um espírito agradecido e misericordioso, à imagem do Pai. Essa atitude surge de reconhecer as ajudas do céu e converte-se em algo mais profundo quando entendemos que o Senhor infundiu em nós a fé e a caridade para difundir a Sua benevolência à nossa volta, aproveitando as vicissitudes da nossa vida. Podemos transformar-nos em mulheres e homens que veem cada vez mais o mundo com os olhos de Deus e, por isso, apreciam em primeiro lugar o bem, a salvação e o que é nobre, também nos outros. «O Catecismo escreve: “Cada acontecimento e cada necessidade podem converter-se em oferenda de ação de graças”. A oração de ação de graças começa sempre aqui: no reconhecer-se precedidos pela graça. Fomos pensados antes de que aprendêssemos a pensar; fomos amados antes de que aprendêssemos a amar; fomos desejados antes de que no nosso coração surgisse um desejo. Se olharmos para a vida assim, então o ‘obrigado’ converte-se no motivo condutor dos nossos dias»^[2].

«Habitua-te a elevar o coração a Deus, em ação de graças, muitas vezes ao dia», recomendava S. Josemaria. – Porque te dá isto e aquilo –. Porque te desprezaram. Porque não tens o que precisas ou porque o tens. Porque fez tão formosa a tua Mãe, que é também tua Mãe. Porque criou o sol e a lua, este animal e aquela planta. Porque fez aquele homem eloquente e a ti te fez difícil de palavra... – Dá-lhe graças por tudo, porque tudo é bom»^[3].

S. JOÃO CONTA-NOS, de forma breve e sóbria, o que aconteceu após a primeira multiplicação dos pães e dos peixes. Ao entardecer daquele dia, os discípulos entraram nas barcas para atravessar o lago e chegar a Cafarnaum. Jesus não foi com eles, ficou a rezar num monte.

«Como o vento soprava forte, o mar ia-se encrespando. Tendo eles remado duas e meia a três milhas, viram Jesus aproximar-Se do barco, caminhando sobre o mar e tiveram medo. Mas Jesus disse-lhes: “Sou Eu. Não temais”» (Jo 6, 18-20).

Os discípulos, provavelmente, tiveram que gastar várias horas para percorrer de barco, remando contra ventos e marés, os quase cinco quilómetros que os separavam de Cafarnaum. Muitos viram nesta barca, que rangeria a cada embate das ondas, uma figura da Igreja, que enfrenta riscos e dificuldades no mar da história. O mesmo pode acontecer com a nossa própria vida: com frequência, não nos faltam dificuldades, trabalhos e fadigas. E, tal como os apóstolos, também nós podemos mostrar ser pessoas de fé débil, vencidas por medos, inseguranças ou preocupações.

«Sou eu, não temais». O Senhor está sempre connosco, olha para nós e acompanha-nos. Por isso, «não temos senão motivos para agradecer. Não devemos afligir-nos por nada; não devemos preocupar-nos com nada; não devemos perder a serenidade por coisa nenhuma do mundo»^[4]. Às vezes, precisaremos de algum tempo para que vá crescendo essa confiança no Senhor que enche a nossa vida de gratidão. Em certas ocasiões, será necessário que interpretemos a nossa história pessoal à luz do carinho incondicional que Deus nos tem. Jesus manifestou-se caminhando sobre as águas para fortalecer a fé ainda frágil dos Seus discípulos. Podemos terminar este tempo de oração pedindo-Lhe que aumente a nossa confiança

n'Ele – aumenta a nossa fé! –, para que saibamos reconhecer a Sua presença na nossa história pessoal e em todas as circunstâncias da nossa existência.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 158.

[2] Francisco, Audiência, 30/11/2020.

[3] S. Josemaria, *Caminho*, n. 268.

[4] S. Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, “Consumados em Unidade”, 2c.

III domingo da Páscoa (Ciclo A)

Reflexão para meditar no III domingo da Páscoa (Ciclo A). Os temas propostos são: quando se perde a luz no caminho da vida; Jesus encontra os discípulos refazendo os seus passos rumo a Emaús; recuperar o sentido e a força da vida na oração e nos sacramentos.

Sumário

- Quando se perde a luz no caminho da vida.
- Jesus encontra os discípulos refazendo os seus passos rumo a Emaús.
- Recuperar o sentido e a força da vida na oração e nos sacramentos.

NESTES DIAS DE PÁSCOA, a liturgia inclui alguns fragmentos do discurso que Pedro dirigiu aos israelitas no dia de Pentecostes. O apóstolo, depois de receber o dom do Espírito Santo, lembra que o rei David já tinha falado da ressurreição de Cristo: «Por isso o meu coração se alegra e a minha alma exulta e até o meu corpo descansa tranquilo. Vós não abandonareis a minha alma na mansão dos mortos, nem deixareis o vosso Santo sofrer a corrupção» (At 2, 26-27).

Os dias da Paixão parecem distantes. No entanto, Pedro e os outros apóstolos lembram-se bem deles: foram dias de obscuridade. Por alguns instantes, tudo o que os entusiasmara perdera todo o sentido. Agora, pelo contrário, depois de terem testemunhado a ressurreição de Jesus e recebido o Paráclito, podem dizer com o rei David: «Dar-me-eis a conhecer os caminhos da vida, alegria plena em vossa presença» (Sl 16, 11).

Os apóstolos entenderam que o caminho da vida nem sempre é totalmente iluminado. Pode haver fases em que, como na Paixão, nos parece que tudo está perdido e a tristeza nos envolve. Mas a certeza de que Cristo vive enche-nos de esperança e restitui-nos a alegria. Esta é a segurança que nos impulsiona a caminhar mesmo no meio da escuridão. Como aos apóstolos, Ele não nos abandona, nem nos deixa ver a corrupção,

se O deixarmos guiar as nossas vidas. «Cristo não é uma figura que passou, que existiu em certo tempo e que se foi embora, deixando-nos uma recordação e um exemplo maravilhosos. Não. Cristo vive. Jesus é Emanuel: Deus conosco. A Sua Ressurreição revela-nos que Deus não abandona os Seus»^[1].

OS DOIS DISCÍPULOS de Emaús não reconheceram, ao princípio, a luz da ressurreição. No meio da escuridão preferiram ir para o lugar onde se sentiam seguros: a sua pátria. Optaram por colocar a esperança naquilo que já conheciam: a sua casa, o seu trabalho, os seus projetos pessoais... Tinham abandonado tudo isto para seguir Jesus. Mas agora que Aquele que deu sentido a essa entrega, aparentemente, tinha desaparecido, pensam que a única coisa que lhes resta é retornar à sua vida anterior.

Estes discípulos, ao colocarem os seus anseios na recuperação das suas vidas do passado, não conseguem abrir-se à verdadeira esperança. No caminho para Emaús tinham um objetivo claro, mas por dentro sentiam-se perdidos. Tinham ouvido dizer que algumas mulheres não encontraram o corpo de Jesus e que alguns anjos lhes disseram que Ele vive, mas não acreditaram. Nem a confirmação de que outros discípulos viram a mesma coisa os faz mudar de planos (cf. Lc 24, 22-24). Portanto, quando eles se afastam de Jerusalém e encontram o Senhor, «os seus olhos estavam impedidos de O reconhecerem» (Lc 24, 16). O evangelista observa que, ao serem questionados por Jesus sobre de que falavam, os dois «pararam, com ar muito triste» (Lc 24, 17).

Esse estado de espírito dos discípulos é o mesmo daqueles que cedem à tentação de retroceder pelo caminho percorrido. A princípio, essa *nova direção* hipnotiza-nos com «coisas bonitas, mas ilusórias, que não podem cumprir o que prometem, e assim no final deixam-nos uma sensação de vazio e de tristeza. Aquela sensação de vazio e tristeza é um sinal de que empreendemos uma estrada que não era correta, que nos desorientou»^[2]. Pelo contrário, junto do Senhor podemos iluminar o presente – com os seus sinais de vida e de morte – para integrá-lo no projeto que iniciámos com Ele. A situação de absurdo e escuridão não é definitiva, nem é uma boa bússola em momentos de desorientação. A cada momento temos a

oportunidade de recomeçar, de reconhecer Jesus ressuscitado que nos encontra no caminho e nos dá uma verdadeira esperança: tudo pode ser integrado se escutarmos novamente o Seu convite a escutá-l'O e a segui-l'O. A nossa vida não está perdida se vivermos junto d'Ele. «Pois somente o Senhor nos pode dar a confirmação de quanto valem os dias da cruz: morreu por nós, para nos mostrar quão preciosos somos aos Seus olhos. Não há obstáculo nem fracasso que possa impedir o Seu terno abraço»^[3].

JESUS acolhe a tristeza dos dois discípulos. Escuta o desabafo que mostra o motivo da sua decepção: «Nós esperávamos que fosse Ele quem havia de libertar Israel» (Lc 24, 21). O Senhor «compreende a sua dor, penetra nos seus corações, comunica-lhes algo da vida que n'Ele habita»^[4]. Começa a explicar-lhes o verdadeiro significado das Escrituras e como era necessário que o Messias passasse por aqueles sofrimentos. A cada palavra que Jesus pronuncia, os dois homens redescobrem a alegria que marcou a sua vida de discípulos, mas ainda não reconhecem o Senhor. Só quando O virem sentar-Se, partir e abençoar o pão é que perceberão que era o próprio Cristo ressuscitado (cf. Lc 24, 31).

Os dois discípulos partiram para Emaús para retornar à sua vida passada. Mas não foram as suas seguranças que lhes devolveram a ilusão, mas o encontro com Jesus: «Não ardia cá dentro o nosso coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?» (Lc 24, 31). Também nós, ouvindo as Suas palavras no Evangelho e reconhecendo a Sua presença na Eucaristia, podemos experimentar de novo a alegria de caminhar ao Seu lado. Uma vida de oração sincera e de sacramentos frequentes permite reorientar o rumo da própria existência, porque ali a inteligência, a vontade e os sentimentos podem-se encontrar novamente e com serenidade, e serem renovados pela graça. Deus não é alheio à nossa sorte. Mesmo quando passamos por momentos de desorientação, Ele faz-Se presente novamente e oferece-nos um sentido mais profundo do nosso próprio caminho. Se buscarmos refúgio no calor de Jesus ressuscitado, veremos renascer com força a vocação e a missão de discípulos.

A Virgem Maria também passou por uma escuridão semelhante à dos viajantes que iam para Emaús. Ninguém teria sido mais ferido pela morte de Jesus do que Ela. Mas a confiança em Deus levou-A a viver com esperança a ausência do Filho, colocando a Sua segurança na vitória final de Cristo sobre a morte: soube integrar antecipadamente os momentos da Paixão com os frutos da Ressurreição. «Não admitas o desalento no teu apostolado. Não fracassaste, como tão-pouco Cristo fracassou na Cruz. Ânimo!... Continua contracorrente, protegido pelo Coração Materno e Puríssimo da Senhora; *Sancta Maria, refugium nostrum et virtus!*, és o meu refúgio e a minha fortaleza»^[5].

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 102.

[2] Francisco, Audiência, 05/10/2022.

[3] *Ibid.*

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 105.

[5] S. Josemaria, *Via Sacra*, XIII estação, n. 3.

III domingo da Páscoa (Ciclo C)

Reflexão para meditar no III domingo da Páscoa (Ciclo C). Os temas propostos são: fazer-se ao largo no mar da história; Jesus envia-nos a lançar as redes; a Páscoa convida-nos a confiar no Senhor.

Sumário

- Fazer-se ao largo no mar da história.
- Jesus envia-nos a lançar as redes.
- A Páscoa convida-nos a confiar no Senhor.

DEPOIS de uma noite de pesca estéril, os discípulos regressam à margem cansados e decepcionados, com as redes vazias. Nessa altura, veem na praia o Senhor ressuscitado, mas não o reconhecem imediatamente. Como havia sucedido três anos antes, no início da sua vocação, Jesus convida-os de novo a lançar as redes. Durante este encontro pascal, ao fim do caminho terreno com os seus discípulos, Jesus renova o convite que Pedro tinha também escutado no mesmo lago: «Faz-te ao largo; e vós, lançai as redes para a pesca» (Lc 5, 4).

A imagem da barca e das redes evoca a missão da Igreja. Como sucedeu a Pedro e aos restantes companheiros, também nós estamos na barca da Igreja para propagar a luz de Cristo. É um convite constante para entrar no mar da história, e lançar as redes com generosidade e valentia. «Todos os mares são nossos – dizia S. Josemaria –. Onde a pesca é mais difícil, é também mais necessária»^[1]. Para superar as dúvidas e incertezas que possamos atravessar neste mar, precisamos de reconhecer Jesus, que é Quem nos espera na margem. Assim seremos conscientes de que o grande bem que podemos oferecer aos outros é precisamente o encontro com o Senhor. «Nada pode causar maior satisfação do que levar tantas almas à luz e ao calor de Cristo»^[2].

Os peixes, criados para viver na água, morrem ao serem tirados do mar. No entanto, na missão do pescador de homens acontece precisamente o contrário. A rede de Cristo resgata-nos das águas da morte e conduz-nos à verdadeira vida: «É necessário conduzir os homens para fora do mar salgado de todas as alienações rumo à terra da vida, rumo à luz de Deus (...). E só onde se vê Deus, começa verdadeiramente a vida»^[3].

OS APÓSTOLOS aproximaram os peixes e puseram-nos aos pés do Senhor. Neste gesto, vislumbra-se o conteúdo mais profundo de uma verdadeira evangelização. Embora haja meios e atividades que canalizam os desejos apostólicos, o objetivo final é sempre conduzir as almas ao encontro pessoal com Jesus. Ele é a origem, o protagonista e o fim de toda a iniciativa apostólica da Igreja. Tudo o resto, embora também seja importante, é secundário, porque só o encontro com Cristo nos salva. Como nos refere o livro dos Atos dos Apóstolos, foi assim que atuaram os apóstolos depois do Pentecostes. Precisamente porque se sabem testemunhas da vida, morte e ressurreição do Senhor, enchem Jerusalém com o nome de Jesus (cf. At 5, 27-32).

«Apaixona-nos que, nesta *grande catequese* que a Obra é, tudo gire cada vez mais à volta da Sua Pessoa – dizia o Prelado do Opus Dei –. Com o desejo de nos metermos a fundo no Evangelho, ao dar palestras, aulas, meditações, ou ao falar sobre a vida cristã com as pessoas amigas, haveis de transmitir com mais clareza a grande notícia do amor de Deus por cada um. S. Ambrósio dizia: «Recolhe a água de Cristo (...). Enche o teu interior com essa água, para que a tua terra fique bem humedecida (...). E uma vez repleto, regarás os outros»^[4].

Vemos que quando o trabalho dos apóstolos tem como origem a palavra de Jesus, a pesca é abundante. A rede encheu-se de tal modo que não tinham forças para a puxar. Cheios de assombro, os discípulos contaram o número de peixes: havia 153 peixes grandes e «apesar de serem tantos, a rede não se rompeu» (Jo 21, 11). Este pequeno grupo de discípulos experimenta, num período de poucas horas, tanto a fadiga de uma noite sem fruto, como a alegria de uma pesca memorável. Contudo, as palavras de Cristo não prometem peixes, mas convidam-nos a partilhar as redes com Ele. Só Deus

sabe quando as enche ou quando nos acompanha numa noite aparentemente menos fértil.

O APÓSTOLO JOÃO, que é quem nos relata o episódio, é o primeiro a aperceber-se de que o desconhecido da margem é o Mestre. «O amor é o primeiro a captar aquela delicadeza»^[5], comentava S. Josemaria. Iluminado por um amor que na cruz se tornou mais penetrante e profundo, ao ver a rede cheia de peixes, diz a Pedro: «É o Senhor!» (Jo 21, 7). É uma profissão de fé espontânea, paralela à protagonizada por Tomé no Cenáculo quando, deixando para trás a sua incredulidade inicial, exclamou: «Meu Senhor e meu Deus!» (Jo 20, 28).

Encontramos nestes textos pascais um convite a proclamar, com o entusiasmo do «discípulo que Jesus amava» (Jo 21, 7), e com a humildade de Tomé, que Jesus ressuscitado é o Senhor da nossa vida. Cheios desta esperança, apesar da nossa cegueira, dos fracassos e dos problemas com que nos deparamos, não perderemos o otimismo. Embora a noite seja cerrada e o trabalho cansativo, sabemos que o Senhor nos espera e nos olha a partir da margem. «Com Jesus, navegamos no mar da vida sem temor, sem ceder à desilusão quando não pescamos nada, e sem ceder ao “não há mais nada a fazer”. Sempre, tanto na vida pessoal como na vida da Igreja e da sociedade, há algo de belo e corajoso que pode ser feito»^[6].

Podemos pedir ao Senhor durante esta Páscoa que aumente a nossa confiança no seu poder, e que nos aumente a humildade para Lhe dar cada vez mais espaço na nossa vida. Maria, Rainha dos apóstolos, reavivará a confiança e o impulso de que necessitamos para anunciar a alegria do Evangelho em todos os ambientes.

NOTAS

[1] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, agosto de 1962.

[2] S. Josemaria, Notas de uma meditação, 16/04/1954.

[3] Bento XVI, Homilia 24/04/2005.

[4] Fernando Ocáriz, Mensagem, 05/04/2017.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 266.

[6] Francisco, Angelus, 06/02/2022.

III domingo da Páscoa (Ciclo B)

Reflexão para meditar no III domingo da Páscoa (Ciclo B). Os temas propostos são: Cristo Ressuscitado aparece aos seus discípulos; os primeiros cristãos anunciam a misericórdia de Deus; somos testemunhas de Jesus.

Sumário

- Cristo Ressuscitado aparece aos seus discípulos.
- Os primeiros cristãos anunciam a misericórdia de Deus.
- Somos testemunhas de Jesus.

CHEGAMOS à terceira semana da Páscoa. O evangelho leva-nos hoje ao cenáculo, já de noite, no mesmo dia da ressurreição de Jesus. Os discípulos de Emaús «contaram o que tinha acontecido no caminho e como tinham reconhecido Jesus ao partir do pão» (Lc 24, 35). Não há mais dúvidas: são muitas as testemunhas que, ao longo daquele dia, confirmaram a ressurreição do Mestre. Não havia outro tema de conversa. Falavam destas coisas, ajudavam-se mutuamente a recordar as promessas de Jesus, quando «apresentou-Se no meio deles e disse-lhes: “A paz esteja convosco”» (Lc 24, 36). Saudou-os com a paz, como há muito havia recomendado que fizessem quando entrassem em alguma casa (cf. Lc 10, 5).

Embora os presentes no cenáculo estivessem já convencidos da ressurreição do Senhor, reagiram com surpresa e temor perante aquela aparição, pensando «ver um espírito» (Lc 24, 37). Aconteceu-lhes como naquela noite no mar, quando lhes apareceu sobre as águas, no meio da tempestade (cf. Mc 6, 50). Agora, Jesus insiste na realidade da sua presença física. E mostra-lhes as suas feridas como se fossem as suas credenciais, o seu documento de identidade. Ele disse-lhes: «Porque estais perturbados e porque se levantam esses pensamentos nos vossos corações? Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo; tocai-Me e vede: um espírito

não tem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho». Dito isto, mostrou-lhes as mãos e os pés» (Lc 24, 38-40).

Perante a agitação dos apóstolos, que o evangelista explica pela alegria que os dominou, Jesus esclarece com outro argumento: «Perguntou-lhes: “Tendes aí alguma coisa para comer?”» (Lc 24, 41). Mais uma vez partilha a mesa com eles, como três dias antes, quando instituiu a Eucaristia. Desta forma, demonstra que ele «não vem do mundo dos mortos – aquele mundo a que ele definitivamente voltou as costas – mas vem precisamente do mundo da pura vida»^[1]. Podemos acolher a sugestão que S. Josemaria nos propõe ao contemplar a ressurreição de Cristo: «Antes de terminar a dezena, beijaste as chagas dos seus pés... e eu, mais atrevido – por ser mais criança –, pus os meus lábios no seu lado aberto»^[2].

«ABRIU-LHES então o entendimento para compreenderem as Escrituras» (Lc 24, 45). Como havia feito com os discípulos de Emaús, o Senhor dá-lhes a graça de discernir as profecias do Antigo Testamento que se referiam a ele. Depois de três anos de ensinamentos, Jesus continua a formá-los: agora ajuda-os de forma especial na interpretação das Escrituras. Com essa luz, os discípulos entendem o significado de tudo o que viveram com o Mestre. «E disse-lhes: assim está escrito que o Messias havia de sofrer e de ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que havia de ser pregado em seu nome o arrependimento e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém» (Lc 24, 46-47). Impulsionados por estas palavras, os primeiros cristãos anunciam a proximidade da misericórdia de Deus, só que agora não se trata de uma simples promessa; a partir daí os discípulos seriam ministros da reconciliação, pois o próprio Jesus lhes havia dito: «A quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados» (Jo 20, 23).

Ouvimos na primeira leitura da Missa o testemunho de S. Pedro: «Arrependei-vos e convertei-vos, para que os vossos pecados sejam perdoados» (At 3, 19). E na segunda recordamos a advertência de S. João: «Escrevo-vos isto, para que não pequeis. Mas se alguém pecar, nós temos Jesus Cristo, o Justo, como advogado junto do Pai. Ele é a vítima de propiciação pelos nossos pecados, e não só pelos nossos, mas também pelos do mundo inteiro» (1Jo 2, 1-5). Todos os anos, a Igreja renova este convite

no tempo pascal. «A Confissão é a passagem da miséria à misericórdia, é a escrita de Deus no coração. Sempre que nos abeiramos dela, lemos que somos preciosos aos olhos de Deus, que Ele é Pai e ama-nos mais de quanto nos amamos a nós mesmos. (...). Quantas vezes nos sentimos sozinhos e perdemos o encadeamento da vida. Muitas vezes já não sabemos como recomeçar, cansados de nos aceitarmos. Temos necessidade de começar do princípio, mas não sabemos de onde (...). Só como perdoados podemos recomeçar revigorados, depois de termos experimentado a alegria de ser amados até ao extremo pelo Pai. Só através do perdão de Deus é que acontecem em nós coisas verdadeiramente novas»^[3].

A LITURGIA atualiza o mistério pascal e, portanto, a missão apostólica. Como há vinte séculos, Jesus ressuscitado agora nos diz: «Vós sois as testemunhas de todas estas coisas» (Lc 24, 48). Esta chamada ao apostolado faz parte da nossa identidade cristã. «A nova evangelização deve implicar um novo papel para cada um dos batizados. Esta convicção torna-se um apelo dirigido a cada cristão, para que ninguém adie o seu compromisso de evangelização, porque se alguém experimentou verdadeiramente o amor de Deus que o salva não precisa de muito tempo de preparação para sair e anunciá-lo»^[4].

«Vós sois as testemunhas de todas estas coisas» (Lc 24, 48). Mas como ser boas testemunhas? «Só podemos ser testemunhas se conhecermos Cristo em primeira mão, e não apenas através dos outros, desde a nossa própria vida, do nosso encontro pessoal com ele. Encontrando-o realmente na nossa vida de fé, tornamo-nos testemunhas e podemos contribuir para a inovação do mundo, para a vida eterna»^[5]. Viver com sentido de missão supõe ter um coração enamorado, ser amigo de Jesus ressuscitado, tratá-lo no pão e na palavra. «Jesus Cristo vive – disse S. Josemaria – com carne como a minha, mas gloriosa; com um coração de carne como o meu (...). “Sei que o meu Redentor vive” (Jb 19, 25). Meu Redentor, meu Amigo, meu Pai, meu Rei, meu Deus, meu Amor, viva! Ele preocupa-se comigo»^[6].

Conscientes de uma missão tão importante, queremos fazer o mesmo que aqueles primeiros cristãos: recorreremos a Maria, Rainha dos Apóstolos, para nos ajudar a sermos mensageiros de Jesus Cristo.

NOTAS

[1] Bento XVI. *Jesus de Nazaré*, parte II, Princípia, Cascais, 2011, p. 218.

[2] S. Josemaria, *Santo Rosário*, primeiro mistério glorioso.

[3] Francisco, Homilia, 29/03/2019.

[4] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 120.

[5] Bento XVI, Audiência, 20/01/2010.

[6] S. Josemaria, *Instrução*, 09/01/1935, n. 248.

Segunda-feira da III semana da Páscoa

Reflexão para meditar na segunda-feira da III semana da Páscoa. Os temas propostos são: Jesus quer que O sigamos por amor; a fé em Jesus permite-nos realizar as obras de Deus; viver com o pensamento de Cristo.

Sumário

- Jesus quer que O sigamos por amor.
- A fé em Jesus permite-nos realizar as obras de Deus.
- Viver com o pensamento de Cristo.

A NOTÍCIA DA multiplicação dos pães espalhou-se por toda a região; tanto que uma multidão foi ao local do milagre. «Quando a multidão viu que nem Jesus nem os seus discípulos estavam ali, subiram todos para os barcos e foram para Cafarnaum, à procura de Jesus. Ao encontrá-l’O no outro lado do mar, disseram-Lhe: “Mestre, quando chegaste aqui?”» (Jo 6, 24-25). Na mesma noite do milagre, Jesus tinha-se aproximado do barco onde estavam os seus discípulos, caminhando sobre as águas. O facto não passou despercebido aos que viviam naquela zona, porque «a multidão que permanecera no outro lado do mar notou que ali só estivera um barco e que Jesus não tinha embarcado com os discípulos; estes tinham partido sozinhos» (Jo 6, 22).

Por tudo isso, o povo percebia que esse profeta era especial, pois a sua pregação vinha acompanhada de sinais poderosos que davam autoridade às suas palavras. Mas o Senhor rapidamente aproveita a oportunidade para purificar gradualmente o seu interesse e convidá-los a elevar o olhar. Não se tratava de seguir um taumaturgo que lhes desse alimento diário, mas de procurar a vida eterna, de procurar a salvação. «Jesus respondeu-lhes: “Em verdade, em verdade vos digo: vós procurais-Me, não porque vistes milagres, mas porque comestes dos pães e ficastes saciados”» (Jo 6, 26).

Com o eco daquelas palavras do Senhor, podemos avaliar e examinar como é a nossa retidão de intenção no seguimento de Cristo, se queremos cumprir sempre e em tudo a sua vontade. Não nos aconteça o que Sto. Agostinho disse sobre estas páginas do Evangelho: «Vós procurais-Me por razões carnis, não espirituais. Quantos há que procuram Jesus, guiados apenas por interesses temporais! (...) Raramente se procura Jesus por Jesus»^[1]. O Senhor mostrou àquela multidão que, embora tivessem visto o milagre, não estavam a procurar o verdadeiro significado. «É como se tivesse dito: ‘Vós procurais-me por interesse’. E creio que sempre nos faz bem perguntarmo-nos: por que procuro Jesus? Porque o sigo? Todos nós somos pecadores. E, portanto, sempre temos algum interesse, algo para purificar, ao seguir Jesus; devemos trabalhar interiormente para segui-Lo, por Ele, por amor»^[2].

AQUELES admiradores de Jesus, por estarem focados apenas nos seus interesses pessoais, não perceberam que estavam diante do enviado de Deus. «Não compreenderam que aquele pão, partido para tantos, para muitos, era a expressão do amor do próprio Jesus. Deram mais valor àquele pão do que ao seu doador»^[3]. Mas Jesus aproveitou o seu interesse para orientar os seus desejos: «Trabalhai, não tanto pela comida que se perde, mas pelo alimento que dura até à vida eterna e que o Filho do homem vos dará. A Ele é que o Pai, o próprio Deus, marcou com o seu selo» (Jo 6, 27). Introduziu assim o grande tema de todo o capítulo do Evangelho que a liturgia da Igreja nos propõe durante esta semana: a Eucaristia.

Mas, primeiro, Jesus tinha que preparar o terreno para essa pregação. «Disseram-Lhe então: “Que devemos nós fazer para praticar as obras de Deus?”» (Jo 6, 28). De acordo com a mentalidade da época, os que estavam a ouvir Jesus pensavam que deveriam observar umas práticas religiosas para merecer o alimento milagroso. O Senhor surpreendeu-os com a sua resposta: «A obra de Deus consiste em acreditar n’Aquele que Ele enviou» (Jo 6, 29). A obra de Deus é acreditar. A prioridade é da graça, mais que das nossas ações. «Hoje, estas palavras também nos são dirigidas: a obra de Deus não consiste tanto em ‘fazer’ coisas, mas em ‘acreditar’ n’Aquele que Ele enviou. Isto significa que a fé em Jesus nos permite cumprir as obras de Deus. Se nos deixarmos arrebatados por esta relação de amor e de confiança

com Jesus, seremos capazes de realizar boas obras que têm o perfume do Evangelho, para o bem e as necessidades dos irmãos»^[4].

«A obra de Deus consiste em acreditar n’Aquele que Ele enviou» (Jo 6, 29). A chave da nossa fé está na plena confiança na graça de Deus. «O centro da existência, aquilo que dá sentido e esperança firme ao caminho muitas vezes difícil da vida é a fé em Jesus, o encontro com Cristo (...). A fé é o elemento fundamental. Não se trata aqui de seguir uma ideia, um programa, mas de encontrar Jesus como uma Pessoa viva, de se deixar comprometer totalmente por Ele e pelo seu Evangelho. Jesus convida a não se limitar ao horizonte puramente humano e a abrir-se ao horizonte de Deus, ao horizonte da fé»^[5].

«A OBRA DE DEUS consiste em acreditar n’Aquele que Ele enviou» (Jo 6, 29). «Jesus recorda-nos que o verdadeiro significado da nossa existência terrena está afinal na eternidade, no encontro com Ele, que é dom e doador, e recorda-nos também que a história humana – com os seus sofrimentos e as suas alegrias – deve ser considerada num horizonte de eternidade, ou seja, no horizonte do encontro definitivo com Ele. E este encontro ilumina todos os dias da nossa vida»^[6].

De facto, a fé aproxima-nos do ponto de vista de Deus, da «mente de Cristo» (1Cor 2, 16), para podermos ler e entender tudo a partir daí. Por isso, a fé não é um simples conteúdo teórico para confessar ou pregar. Ela manifesta-se, antes de tudo, na vida quotidiana de quem acredita, pois essa luz mostra o sentido da vida, ilumina a existência pessoal e comunitária com a perspectiva de Deus. A fé, ao descobrir a possibilidade de se associar aos desígnios providentes de Deus, torna-se operativa, «opera pela caridade» (Gal 5, 6). «Fé com obras, fé com sacrifício, fé com humildade»^[7], dizia S. Josemaria. A fé move-me a ver as coisas com o pensamento de Cristo? Procuo descobrir a relação que a realidade em que vivo tem com os planos de Deus, especialmente a partir da Sagrada Escritura?

Dirijamo-nos a Jesus como a personagem do Evangelho que lhe rogava: «Creio! Mas ajuda a minha falta de fé!» (Mc 9, 24). Digamos-Lhe também:

«Senhor, creio! Mas ajuda-me, para que eu creia mais e melhor! Dirigimos igualmente uma súplica a Santa Maria, Mãe de Deus e Mãe nossa, Mestreira de fé: Bem-aventurada tu que acreditaste, porque se hão de cumprir as coisas que te foram ditas da parte do Senhor»^[8].

NOTAS

[1] Sto. Agostinho, *Tratado sobre o Evangelho de S. João*, 25, 10.

[2] Francisco, Meditação matutina, 05/05/2014.

[3] Francisco, Angelus, 02/08/2015.

[4] Francisco, Angelus, 05/08/2018.

[5] Bento XVI, Angelus, 05/08/2012.

[6] Francisco, Angelus, 02/08/2015.

[7] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 203.

[8] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 204.

Terça-feira da III semana da Páscoa

Reflexão para meditar na terça-feira da III semana da Páscoa. Os temas propostos são: Jesus é o verdadeiro pão do céu; a Eucaristia, centro e raiz da vida cristã; cuidar a Missa e ser almas de Eucaristia.

Sumário

- Jesus é o verdadeiro pão do céu.
- A Eucaristia, centro e raiz da vida cristã.
- Cuidar a Missa e ser almas de Eucaristia.

DEPOIS DA multiplicação dos pães e dos peixes, uma multidão seguiu Jesus até Cafarnaum. Ali perguntaram-lhe que ações deviam realizar para se unirem às obras de Deus. O Mestre respondeu-lhes que a chave era acreditar nele como enviado do Pai (cf. Jo 6, 22-29). Agora contemplamos o seguimento desse diálogo, quando os que o ouviam exigiram um prodígio para confirmar as suas palavras, como se o milagre da noite anterior não tivesse sido suficiente. «Replicaram: “E que sinal fazes tu para vermos e acreditarmos em ti? Qual é a tua obra? Os nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: deu-lhes de comer pão do céu”» (Jo 6, 30-31).

Aquela multidão desafiou Jesus para que lhes demonstrasse se podia fazer algo semelhante aos portentos de Moisés. Mas o Senhor, compreendendo as suas inquietações, pôs-se a explicar-lhes qual tinha sido a verdadeira origem do maná. Ensinou-lhes que, mais importante do que esse acontecimento era o que este anunciava: o pão da vida eterna, o verdadeiro pão do céu. «Jesus replicou-lhes: “Em verdade, em verdade vos digo: não foi Moisés que vos deu pão do céu, mas é o meu Pai que vos dá o verdadeiro pão do céu. Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo”» (Jo 6, 32-33).

Jesus é o novo Moisés que leva à sua plenitude os anúncios do profeta. Aqueles signos demonstram-no: a multiplicação dos pães recorda o dom do

maná no deserto, e o andar sobre as águas evoca a passagem do Mar Vermelho. Mas nos dois casos, Jesus vai mais além daquilo que se anunciava no Pentateuco. De facto, depois de dar de comer a cinco mil pessoas, os que presenciaram o milagre proclamaram: «Este é verdadeiramente o profeta que vem ao mundo» (Jo 6, 14); e mais tarde, ao ouvir que esse pão pode dar a vida, «disseram-lhe: “Senhor, dá-nos sempre deste pão”» (Jo 6, 34). É uma reação natural. A samaritana tinha pedido o mesmo quando Jesus lhe falou da água que salta até à vida eterna. Também nós, como aquela multidão, queremos que Deus aumente o nosso desejo de receber aquele pão que dá vida.

«JESUS respondeu-lhes: “Eu sou o pão da vida”» (Jo 6, 35). Estas palavras são uma revelação central da nossa fé. No quarto Evangelho não se menciona a instituição do sacramento da Eucaristia. Em contrapartida, transmite-se a teologia deste sacramento. Jesus apresenta-se como o pão que dá sentido e esperança ao caminhar terreno, como o alimento que Deus serviu a Elias para caminhar durante «quarenta dias e quarenta noites até Horeb, o monte de Deus» (1Rs 19, 8). Jesus é o pão da vida porque ficou no sacramento da Eucaristia como «a fonte e o cume de toda a vida cristã»^[1], como «o centro e a raiz da vida interior»^[2]. Fonte e cume; centro e raiz. Atinge esta grandeza porque contém o próprio Jesus Cristo, autor da graça, e porque «nela atingem o auge a ação santificadora de Deus em nosso favor e o nosso culto para com Ele»^[3].

«A Eucaristia é o próprio Jesus que se entrega inteiramente a nós. Nutrirmo-nos dele e viver nele mediante a comunhão eucarística, se o fizermos com fé, transforma-a num dom a Deus e aos irmãos. Nutrirmo-nos desse Pão de vida significa entrar em sintonia com o coração de Cristo, assimilar as suas escolhas, os seus pensamentos, os seus comportamentos. Significa entrar num dinamismo de amor e converter-se em pessoas de paz, pessoas de perdão, de reconciliação, de compartilhar solidário. O mesmo que Jesus fez»^[4]. S. Josemaria tinha-o bem experimentado, pois desde jovem passou longos períodos de tempo diante do tabernáculo. Por isso aconselhava: «Sê alma de Eucaristia! Se o centro dos teus pensamentos e esperanças está no sacrário, filho, que abundantes os frutos de santidade e de apostolado!»^[5].

SER ALMA DE EUCARISTIA leva-nos a cuidar especialmente a Missa para que cada dia possa estar vivificado pela graça e pela força de Deus. Para isto, podemos pedir ao Senhor que nos conceda aprender a penetrar nas palavras que Ele próprio dirige ao Pai e que a Igreja nos propõe em cada celebração. Deste modo, a santidade de Deus atingirá cada vez mais a nossa vida diária, os nossos êxitos e fracassos, as nossas dificuldades e alegrias. Neste empenho também nos pode ajudar a meditação das leituras, prepará-la com comunhões espirituais, ou dar graças por ter participado na Missa e pela comunhão. Se empreendemos este caminho, desejamos cumprimentar Jesus no sacrário, estar a sós com Ele, passar ali momentos de oração mais ou menos longos.

Também podemos pedir ao Senhor a graça de sermos mais sensíveis à sua presença na Eucaristia. Jesus: aumenta-nos a fé, dá-nos mais luz na razão para crer firmemente e para penetrar com profundidade no mistério deste sacramento. E dá-nos também mais amor, mais força para desejar a comunhão frequente e para amar com todas as nossas forças a tua presença no tabernáculo. Pode servir-nos o conselho de S. Josemaria: «Vai perseverantemente ao Sacrário, fisicamente ou com o coração, para te sentires seguro, para te sentires sereno: mas também para te sentires amado... e para amar!»^[6].

Pedimos ajuda a Maria, mulher eucarística, para amar o seu filho como ela fez; queremos receber Jesus com as suas disposições: «Com aquela pureza, humildade e devoção».

NOTAS

[1] Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium*, n. 11.

[2] S. Josemaria, *Forja*, n. 69.

[3] *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, n. 274.

[4] Francisco, *Angelus*, 16/08/2015.

[5] S. Josemaria, *Forja* n. 835.

[6] S. Josemaria, *Forja*, n. 837.

Quarta-feira da III semana da Páscoa

Reflexão para meditar na quarta-feira da III semana da Páscoa. Os temas propostos são: podemos ir a Jesus durante todo o dia; o projeto de Deus conosco; pedir ao Senhor para fazer a Sua vontade.

Sumário

- Podemos ir a Jesus durante todo o dia.
- O projeto de Deus conosco.
- Pedir ao Senhor para fazer a Sua vontade.

É SÁBADO e Jesus prega na sinagoga de Cafarnaum. Desperta o interesse dos presentes quando diz que a obra de Deus é uma questão de fé. A expectativa cresce quando, como sinal para confirmar as Suas palavras, lhes oferece o pão do céu. E o diálogo atinge o seu ápice ao afirmar: «Eu sou o pão da vida: Quem vem a Mim nunca mais terá fome e quem acredita em Mim nunca mais terá sede» (Jo 6, 34). Acrescenta uma promessa, juntamente com uma exigência: «Todos aqueles que o Pai Me dá virão a Mim e àqueles que vêm a Mim não os rejeitarei» (Jo 6, 37).

O Pai dá-nos o Seu Filho para que recebamos a adoção filial. Mas o nosso ir a Jesus é livre, ninguém se aproxima d'Ele por obrigação. «Vamos a Jesus: pode parecer uma banal e genérica exortação espiritual; mas tentemos concretizá-la, interrogando-nos: hoje, nos casos que me passaram pelas mãos no escritório, aproximei-me do Senhor? Fi-los motivo de diálogo com Ele? E, nas pessoas que encontrei, envolvi Jesus, levei-as a Ele na oração? Ou fiz tudo fechado nos meus pensamentos, limitando-me a regozijar-me com o que me saía bem e a lamentar-me do que resultava mal? Em resumo, vivo a caminho do Senhor ou girando sobre mim mesmo? Qual é a direção do meu caminho? Procuro apenas causar boa impressão, defender a minha função, os meus tempos e os meus espaços, ou vou ter com o Senhor?»^[1].

«Àqueles que vêm a Mim não os rejeitarei» (Jo 6, 37) Viemos para estar com Jesus, queremos aceitar livremente o convite do Pai a cada momento. E agradecemos-Lhe essa segurança de que não nos vai expulsar, que sempre estará do nosso lado, da nossa parte. O Senhor exorta-nos a começar e recomeçar quantas vezes for necessário.

«DESCI DO Céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade d'Aquele que Me enviou» (Jo 6, 38). O caminho que Jesus percorreu foi o de fazer Sua a vontade do Pai. Este é o modelo para levar uma vida feliz. Porque Deus é quem deseja, mais fortemente do que qualquer outro, a nossa felicidade eterna e terrena. Sintonizar-se com esse projeto é a maneira mais segura de construir essa felicidade. Amar a vontade de Deus não é submeter-se a regras arbitrárias, mas confiar no Seu imenso desejo de compartilhar a Sua felicidade conosco.

E vale a pena confiar nesse plano de Deus mesmo em tempos difíceis; também aqui o nosso modelo continua a ser Cristo. «Não é fácil cumprir a vontade de Deus! Não foi fácil para Jesus que, nisto, foi tentado no deserto e também no Horto das Oliveiras onde, com agonia no coração, aceitou a provação que O esperava. Não foi fácil para alguns discípulos, que O abandonaram porque não entendiam o que era fazer a vontade do Pai (cf. Jo 4, 34). Não é para nós, já que todos os dias temos tantas opções numa bandeja»^[2].

Nos momentos de sofrimento podemos lembrar-nos que Jesus sofreu profundamente no Horto das Oliveiras, com o Seu coração humano. A tentação do discípulo que quer agradar a Deus em tudo pode consistir em lutar sem o coração. Embora nos pareça que temos claro no nosso pensamento o que deveríamos fazer, mesmo com grande certeza, por outro lado, no coração pode não haver a mesma determinação, nem os nossos afetos nos convidem para esse caminho. Para isso, precisamos de buscar a vontade de Deus também com o coração. S. Josemaria repetia estas palavras, sabendo que ninguém quer tanto a nossa felicidade como o nosso criador: «Quero o que quiserdes, quero porque o quereis, quero como quiserdes, quero quando quiserdes...»^[3].

«O QUE FAÇO para fazer a vontade de Deus? Primeiro, pedir a graça de querer fazê-la. Peço ao Senhor que me faça querer fazer a Sua vontade? Ou procuro arranjinhos porque tenho medo da vontade de Deus? E também podemos fazer outra coisa: rezar para conhecer a vontade de Deus para mim e para a minha vida, para saber que decisão devo tomar agora, como administrar as minhas coisas, etc.»^[4] Foi também o que S. Josemaria procurava fazer: «Ao compreender então que Jesus esperava alguma coisa de mim – algo que eu não sabia o que era! – compus para mim, umas jaculatórias: Senhor, que queres? Que me pedes? Pressentia que me procurava para uma realidade nova e o *Rabboni, ut videam* – Mestre, que eu veja – levou-me a suplicar a Cristo, numa oração contínua: Senhor, que se faça isso que Tu queres»^[5].

Esse modo de atuar dos santos introduz-nos na sua familiaridade com Deus, nessa harmonia de desejos que é o caminho para a felicidade. Por isso podemos pedir: «que o Senhor nos conceda a graça, a todos nós, para que um dia possa dizer de nós o que disse daquele grupo, daquelas pessoas que O seguiam e que estavam sentadas ao Seu redor (...): “Aí estão minha mãe e meus irmãos. Aquele que fizer a vontade de Deus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mc 3, 35). Fazer a vontade de Deus faz-nos ser parte da família de Jesus, faz-nos mãe, pai, irmã, irmão»^[6]. Jesus deseja fazer-nos participantes dos Seus projetos de salvação e amor; espera a nossa resposta livre e criativa e dá-nos a graça de realizá-la. «A fidelidade no tempo é o nome do amor»^[7].

Maria respondeu sim a Deus não só na Anunciação do anjo, mas ao longo da sua vida, mesmo nos momentos dolorosos da paixão do filho. Peçamos-lhe para ter um coração sensível, que aspire à vida grande e feliz a que Deus nos quer associar.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 04/11/2019.

[2] Francisco, Homilia, 28/01/2015.

[3] S. Josemaria, Oração manuscrita, abril de 1934.

[4] Francisco, Homilia, 27/01/2015.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 197.

[6] Francisco, Homilia, 27/01/2015.

[7] Fernando Ocáriz, Meditação, 19/03/2020.

Quinta-feira da III semana da Páscoa

Reflexão para meditar na quinta-feira da III semana da Páscoa. Os temas propostos são: Deus Pai atrainos para Jesus; pedir o Pão da vida; a Eucaristia enche-nos de esperança.

Sumário

- Deus Pai atrainos para Jesus.
- Pedir o Pão da vida.
- A Eucaristia enche-nos de esperança.

QUANDO JESUS anunciou na sinagoga de Cafarnaum que Ele era o Pão da vida, os presentes, com uma compreensível lógica humana, perguntavam-se: «Não é Ele Jesus, o filho de José, de quem nós conhecemos o pai e a mãe? Como se atreve a dizer agora: ‘Eu descí do céu?’» (Jo 6, 42). O Senhor reagiu de imediato e explicou: «Ninguém pode vir a Mim, se o Pai, que Me enviou, não o trouxer» (Jo 6, 44).

Esta passagem introduz-nos «na *dinâmica da fé*, que é uma *relação*: a relação entre a pessoa humana – todos nós – e a Pessoa de Jesus, em que o Pai desempenha um papel decisivo, e naturalmente também o Espírito Santo, que aqui está subentendido. Não basta encontrar Jesus para acreditar n’Ele, não basta ler a Bíblia, o Evangelho – isto é importante, mas não basta –, nem é suficiente assistir a um milagre, como a multiplicação dos pães. Muitas pessoas estiveram em contacto próximo com Jesus e não acreditaram n’Ele, pelo contrário, desprezaram-n’O e condenaram-n’O. E eu pergunto-me: por quê? Não foram atraídas pelo Pai? Não foi assim, isso aconteceu porque os seus corações estavam fechados à ação do Espírito de Deus. E se tiveres o coração fechado, a fé não entrará. Deus Pai sempre nos atrai a Jesus: somos nós que abrimos ou fechamos o nosso coração»^[1].

Também a nós o Pai conduz ao Seu Filho, para que possamos aprender com Ele e dar-Lhe toda a glória. Esta missão exige que procuremos estar

sempre perto de Jesus, deixando-nos instruir por Ele, para sermos Seus discípulos. «*A fé, que é como uma semente no fundo do coração, desabrocha quando nos deixamos ‘atrair’ pelo Pai, rumo a Jesus, e ‘vamos ter com Ele’ de coração aberto, sem preconceitos. Então reconhecemos no Seu rosto, a Face de Deus, e nas Suas palavras, a Palavra de Deus*»^[2].

VER DEUS, contemplá-l’O ao longo do dia não é uma meta impossível. Pelo contrário, é uma promessa que podemos concretizar de várias maneiras, graças a Jesus. O próprio Deus, que colocou no nosso coração o desejo de eternidade, permaneceu na Eucaristia para estar sempre conosco. É em Cristo presente na Eucaristia que melhor se satisfazem os nossos anseios de amor eterno. Podemos dialogar com Ele na oração, visitá-l’O no Sacrário, ouvir as Suas palavras no Evangelho. Jesus tornar-se-á pouco a pouco o nosso melhor Amigo, e poderemos pedir ao Pai qualquer coisa em Seu nome: «Se pedimos em nome de Jesus Cristo, o Pai no-lo concederá, estai certos disso. A oração sempre foi o segredo, a arma poderosa (...). A oração é o fundamento da nossa paz»^[3].

Neste impulso de petição, Jesus ensinou-nos a pedir sobretudo esse «Pão da vida», esse alimento de eternidade. «No deserto, os vossos pais comeram o maná e morreram» (Jo 6, 49), diz Jesus Cristo, comparando-Se com o alimento que Deus enviara, por intercessão de Moisés. E sublinha que, enquanto aquele era efêmero, a Eucaristia é Pão eterno. Não se trata de uma simples recordação, mas de um memorial, de uma atualização, como rezamos em todas as orações eucarísticas e nalguns hinos: *O memoriale mortis Domini! Panis vivus, vitam praestans homini!*^[4]: Ó memorial da morte do Senhor, pão vivo, que ao homem dás a vida! A Eucaristia não olha apenas para o passado, mas para o presente e para o futuro. A nossa passagem pela terra é uma peregrinação de Eucaristia em Eucaristia, até à participação definitiva no banquete celestial. «Sempre que a Igreja celebra a Eucaristia, lembra-se desta promessa, e o seu olhar volta-se para “Aquele que vem” (Ap 1, 4)»^[5].

«Nos dias repletos de ocupações e de problemas, mas também nos dias de descanso e de lazer, o Senhor convida-nos a não esquecer que, se é necessário preocuparmo-nos com o pão material e retemperar as nossas

forças, é ainda mais fundamental estreitar a relação com Ele, fortalecer a nossa fé n’Aquele que é o ‘Pão da vida’, que sacia o nosso desejo de verdade e de amor»^[6].

JESUS PROMETE-NOS um alimento divino que estará sempre disponível para nós, para que possamos comer dele e não morrer (cf. Jo 6, 50). Com este passaporte, podemos confiar em que, se formos fiéis, a nossa chamada para a vida eterna será uma realidade. Assim, o próprio Deus nos enche de esperança, aquela «virtude teologal por meio da qual desejamos e esperamos de Deus a vida eterna como nossa felicidade, colocando a nossa confiança nas promessas de Cristo, e apoiando-nos na ajuda da graça do Espírito Santo para a merecermos e perseverarmos até ao fim da nossa vida terrena»^[7].

Jesus conclui a Sua pregação na sinagoga reiterando a mensagem central de todo o discurso: «Eu sou o pão vivo que desceu do Céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão que Eu hei de dar é a minha carne que Eu darei pela vida do mundo» (Jo 6, 51). O Senhor promete-nos o impensável: a comunhão na Sua própria vida, por toda a eternidade. Esta esperança, embora encontre a sua plenitude no céu, ilumina os nossos passos aqui na terra. Esta esperança «diz-nos também que as nossas atividades diárias têm um sentido que vai mais além daquilo que vemos no imediato: como dizia S. Josemaria, elas ganham uma *vibração de eternidade* se as fizermos por amor a Deus e aos outros»^[8].

Tudo isto nos enche de otimismo, conscientes de que Deus está sempre junto de nós. A alegria cristã fundamenta-se na promessa divina de que viveremos para sempre com Ele. Por esta razão, a tradição chama à Eucaristia «penhor da futura glória»: porque nos fortalece na peregrinação da nossa vida terrena e nos faz desejar a vida eterna, unindo-nos a Cristo, à Santíssima Virgem e a todos os santos^[9].

NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 09/08/2015.

[2] *Ibid.*

[3] S. Josemaria, *Carta* 14/02/1944, n. 18.

[4] Hino *Adoro Te devote*.

[5] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1403.

[6] Bento XVI, *Angelus*, 05/08/2012.

[7] *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, n. 387.

[8] Fernando Ocáriz, *Mensagem*, 04/11/2018.

[9] cf. *Compêndio do Catecismo da Igreja*, n. 294.

Sexta-feira da III semana da Páscoa

Reflexão para meditar na sexta-feira da III semana da Páscoa. Os temas propostos são: a Eucaristia diviniza-nos; sinal de unidade e vínculo de caridade; unir o nosso dia à Missa.

Sumário

- A Eucaristia diviniza-nos.
- Sinal de unidade e vínculo de caridade.
- Unir o nosso dia à Missa.

QUANDO JESUS termina o seu discurso sobre a Eucaristia na sinagoga, inicia-se uma discussão inesperada. Então, os judeus, exaltados, puseram-se a discutir entre si, dizendo: «Como pode Jesus dar-nos a sua carne a comer?» (Jo 6, 52). Se algo percebemos bem é que se deram conta do realismo das palavras do Mestre. Sabem que não se está a falar de um simples símbolo. E a força daquelas palavras gera inquietação. Perante a reação cética, o Senhor não diminui a força da sua expressão; pelo contrário, reafirma a necessidade da Eucaristia para ter vida divina. Disse-lhes Jesus: «Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós» (Jo 6, 53).

«Ouvindo este discurso, as pessoas compreenderam que Jesus não era um Messias como o desejavam, que não aspirava a um trono terreno. Não buscava consensos para conquistar Jerusalém; pelo contrário, deseja ir à Cidade santa para compartilhar a sorte dos profetas: dar a vida por Deus e pelo povo. Aqueles pães, distribuídos a milhares de pessoas, não queriam provocar uma marcha triunfal, mas sim prenunciar o sacrifício da Cruz, em que Jesus se torna Pão, corpo e sangue oferecidos em expiação»^[1].

Mas, também no mesmo trecho, encontramos uma promessa maravilhosa: «Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece

em Mim e Eu nele» (Jo 6, 56). Jesus promete-nos a possibilidade de viver em Deus e que, ao mesmo tempo, Ele pode permanecer em nós. «Não somos nós que humanizamos Deus Nosso Senhor quando O recebemos: É Ele que nos diviniza, nos enaltece, nos levanta. Jesus Cristo faz algo que nós não podemos fazer: sobrenaturaliza a nossa vida, as nossas ações, os nossos sacrifícios. Ficamos endeusados»^[2]. Por isso, «cada vez que comungamos, parecemo-nos mais a Jesus, transformamo-nos mais em Jesus. Assim como o pão e o vinho se convertem em corpo e sangue do Senhor, também aqueles que O recebem com fé são transformados em eucaristia vivente (...). A comunhão abre-nos e une-nos a todos os que são uma só coisa n'Ele. É este o prodígio da comunhão: convertemo-nos n'Aquele que recebemos!»^[3].

A EUCARISTIA é chamada sinal de unidade e vínculo de caridade. Isto deve-se a que «a comunhão aumenta a nossa união com Cristo. Receber a Eucaristia na comunhão traz consigo, como fruto principal, a união íntima com Cristo»^[4]. S. Paulo, nos primeiros tempos do Cristianismo, explicou esta unidade que se gera ao partilhar a mesa eucarística: «O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo? Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão» (1Cor 10, 16-17). Podemos dizer, assim, que a Igreja forma um Corpo; e, também por estas razões, um dos nomes com que se conhece este sacramento é precisamente «comunhão».

S. Josemaria era muito consciente dessa unidade forte que se fundamenta na Eucaristia. Por esse motivo, pôs no sacrário do Conselho Geral do Opus Dei as palavras de Jesus na última ceia: «*Consummati in unum!* (Jo 17, 23), que sejam totalmente um. Porque é como se todos estivéssemos aqui – dizia o fundador do Opus Dei –, pegados a Ti, sem Te abandonar nem de dia nem de noite, num cântico de ação de graças e – por que não? – de petição de perdão (...). Para reparar, para agradecer, para dar graças»^[5].

«A Eucaristia é o sacramento da unidade. Quem a recebe não pode deixar de ser artífice de unidade (...). Que este Pão de unidade nos cure da ambição de prevalecer sobre os outros, da ganância de entesourar para nós

mesmos, de fomentar discórdias e disseminar críticas; que desperte a alegria de nos amarmos sem rivalidades, nem invejas, nem murmurações maldizentes. E agora, vivendo a Eucaristia, adoremos e agradeçamos ao Senhor por este dom supremo: memória viva do seu amor, que forma de nós um só corpo e nos conduz à unidade»^[6].

«ASSIM COMO O PAI, que vive, Me enviou e Eu vivo pelo Pai, também aquele que Me come viverá por Mim» (Jo 6, 57). A comunhão de Jesus com o Pai é o modelo para vivermos em Deus. Esta união manifesta-se no desejo de nos unirmos sempre à sua vontade. E, em cada Eucaristia, dá-nos a força para o conseguir: «Se vivermos bem a Missa, como não havemos depois de continuar o resto da jornada com o pensamento no Senhor, com o desejo ardente de não nos afastarmos da sua presença, para trabalhar como Ele trabalhava e amar como Ele amava?»^[7].

Com a nossa alma sacerdotal podemos converter cada dia numa Missa; podemos unir o nosso trabalho quotidiano ao sacrifício de Cristo no Calvário, que se renova no altar. Essa união pode-se ver simbolizada na gota de água que o sacerdote acrescenta ao vinho quando prepara as oferendas enquanto diz: «Pelo mistério desta água e deste vinho, sejamos participantes da divindade d’Aquele, que assumiu a nossa humanidade»^[8]. Com razão ensina o Catecismo que «na Eucaristia, o sacrifício de Cristo torna-se também sacrifício dos membros do seu Corpo. A vida dos fiéis, o seu louvor, o seu sofrimento, a sua oração e o seu trabalho são unidos aos de Cristo»^[9].

Cristo conclui o seu discurso na sinagoga dizendo: «Quem comer deste pão viverá eternamente» (Jo 6, 58). Jesus, que desceu do céu graças à resposta afirmativa de sua mãe, é o pão vivo, que dá a vida. «Maria de Nazaré, ícone da Igreja nascente, é o modelo para cada um de nós saber como é chamado a acolher a doação que Jesus fez de Si mesmo na Eucaristia»^[10].

NOTAS

- [1] Bento XVI, Angelus, 19/08/2012.
- [2] S. Josemaria. Notas de uma meditação, 14/04/1960.
- [3] Francisco, Audiência geral, 21/03/2018.
- [4] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1391.
- [5] S. Josemaria. *Em diálogo com o Senhor*, n. 121.
- [6] Francisco, Homilia 18/06/2017.
- [7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 154.
- [8] Missal Romano.
- [9] *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, n. 281.
- [10] Bento XVI, *Sacramentum caritatis*, n. 26.

Sábado da III semana da Páscoa

Sumário

- Viver a Palavra de Deus.
 - Vermo-nos em Jesus através da Sagrada Escritura.
 - Procurar, encontrar e amar Cristo no Evangelho.
-

JESUS está a concluir o seu discurso na sinagoga de Cafarnaum. Minutos antes, alguns dos presentes tinham reagido com surpresa perante a revelação de que lhes daria a comer o seu próprio corpo. Fala o Senhor: «Isto escandaliza-vos? E se virdes o Filho do homem subir para onde estava anteriormente?» (Jo 6, 61-62). Se antes tinha falado da sua carne e do seu sangue como fontes da vida eterna, agora sublinha a importância das suas palavras: «As palavras que Eu vos disse são espírito e vida» (Jo 6, 63). Essa é a razão pela qual se diz que a Santa Missa se celebra em duas mesas: no ambão da Palavra e no altar da Eucaristia. Em cada uma delas é dispensado o alimento do Pai: os seus ensinamentos e a comunhão com o seu corpo e com o seu sangue.

Para assimilar melhor a riqueza da Palavra de Deus convém, além de a escutar com atenção na liturgia, meditá-la com frequência na oração, estudá-la e tratar de vivê-la. «A Palavra de Deus ouvida e celebrada, sobretudo na Eucaristia, alimenta e reforça interiormente os cristãos e torna-os capazes de um autêntico testemunho evangélico na vida diária»^[1].

S. Josemaria aconselhava: «Ao abrires o Santo Evangelho pensa que não só tens de saber o que ali se narra – obras e ditos de Cristo – mas também tens de vivê-lo. Tudo, cada ponto relatado, se recolheu, pormenor a pormenor, para que o encarnes nas circunstâncias concretas da tua existência. Nosso Senhor chamou os católicos para o seguirem de perto e, nesse Texto Santo, encontras a Vida de Jesus; mas, além disso, deves encontrar a tua própria vida. Aprenderás a perguntar tu também, como o Apóstolo, cheio de amor: “Senhor, que queres que eu faça?”... – A Vontade

de Deus! – ouvirás na tua alma de modo terminante. Então, pega no Evangelho diariamente, e lê-o e vive-o como norma concreta. Assim procederam os santos»^[2].

«AS PALAVRAS que Eu vos disse são espírito e vida» (Jo 6, 63). Jesus veio para nos dar vida em abundância e deixou-nos a Sagrada Escritura para que mergulhássemos na sua riqueza, para que o conhecêssemos cada vez melhor e, dessa maneira, o pudéssemos amar sobre todas as coisas. «É esse amor de Cristo que cada um de nós se deve esforçar por realizar na sua vida. Mas para ser *ipse Christus* é preciso *mirar-se n'Ele*. Não basta ter uma ideia geral do espírito que Jesus viveu; é preciso aprender com Ele pormenores e atitudes. É preciso contemplar a sua vida, sobretudo para daí tirar força, luz, serenidade, paz»^[3].

Podemos pedir ao Senhor a graça de «vermo-nos n'Ele» como num espelho. Para o conseguir, S. Josemaria costumava meter-se nas cenas do Evangelho e recomendava-o como um meio eficaz para crescer na amizade com Jesus, para ver a vida com os seus olhos e reagir como Jesus o faria. Então, os frutos dessa contemplação da vida do Senhor surgirão de modo espontâneo na nossa conversa e na nossa vida; esse reflexo despertará nos nossos amigos o desejo de conhecer mais detalhes da passagem de Jesus pela terra: «É fundamental que a Palavra revelada fecunde radicalmente a catequese e todos os esforços para transmitir a fé. A evangelização requer a familiaridade com a Palavra de Deus e isto exige (...) propor um estudo sério e perseverante da Bíblia e também promover a sua leitura orante»^[4].

S. Josemaria contava um episódio da sua vida que sucedeu quando ia pela rua a ler o Evangelho num livro pequeno com as capas forradas de tecido. Ao passar perto de uns trabalhadores, ouviu que se perguntavam que estaria a ler aquele sacerdote. E um daqueles homens respondeu, também em voz alta: “A vida de Jesus Cristo”. A conclusão sobrenatural do fundador do Opus Dei ficou plasmada no segundo ponto de *Caminho*: «Pensei e penso que oxalá fossem a minha atitude e a minha conversa que todos pudessem dizer ao ver-me ou ouvir-me falar: este lê a vida de Jesus Cristo»^[5].

O SANTO EVANGELHO é o livro «que nos conserva a voz de Jesus e é a fonte de onde a nossa oração bebe melhor a água da graça, onde a nossa ânsia de verdade se sacia tão plenamente com a luz do céu presa às palavras do Mestre»^[6]. Muitas vezes preparamos a Santa Missa meditando os seus textos e em cada dia podemos ler uma passagem do Novo Testamento onde experimentamos que essas palavras de Jesus são espírito e são vida (cf. Jo 6, 63). S. Josemaria sugeria que «para aprender d’Ele é necessário conhecer a sua vida: ler o Santo Evangelho, meditar no sentido divino do caminho terreno de Jesus. Porque temos de reproduzir na nossa, a vida de Cristo, conhecendo Cristo à força de ler a Sagrada Escritura e de a meditar, à força de fazer oração»^[7].

Se entrarmos por esse caminho, também aprenderemos a tratar o Senhor seguindo o exemplo das personagens do Evangelho: a pedir-Lhe com fé, como o pai do filho doente; a escutá-l’O com piedade, como Maria em Betânia; a tocar-Lhe discretamente, como a hemorroíssa; a segui-l’O sobre todas as coisas, como os discípulos. Mas, acima de tudo, aprenderemos de Maria e de José, que o conheceram mais de perto, a cumprir sempre e em tudo a vontade de Deus. Por essa razão, o fundador do Opus Dei aconselhava um caminho sobrenatural a partir da leitura do Santo Evangelho: «Que procures a Cristo. Que encontres a Cristo. Que ames a Cristo»^[8].

Peçamos à Virgem Santíssima e a S. José que nos alcancem do Senhor a graça de encontrar o seu filho na Escritura, de o conhecer e seguir. «Amái a Santíssima Humanidade de Jesus Cristo! (...). E da Humanidade de Cristo, passaremos ao Pai, com a sua Omnipotência e a sua Providência, e ao fruto da cruz, que é o Espírito Santo. E sentiremos a necessidade de nos perdermos neste amor, para encontrar a verdadeira vida»^[9].

NOTAS

[1] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 174.

[2] S. Josemaria, *Forja*, n. 754.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 107.

[4] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 175.

[5] S. Josemaria, *Apuntes íntimos*, n. 521.

[6] S. Josemaria, Notas de uma meditação, 30/05/1937.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 14.

[8] S. Josemaria, *Caminho*, n. 382.

[9] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 18/08/1968.

IV domingo da Páscoa (Ciclo A)

Reflexão para meditar no IV domingo da Páscoa ou domingo do Bom Pastor (Ciclo A). Os temas propostos são: o Bom Pastor conhece-nos a cada um; confiança de se saber guiado pelo Senhor; formamos parte da família de Cristo.

Sumário

- O Bom Pastor conhece-nos a cada um.
- Confiança de se saber guiado pelo Senhor
- Formamos parte da família de Cristo.

ESTE QUARTO DOMINGO da Páscoa é tradicionalmente chamado Domingo do Bom Pastor. Lemos no Evangelho da Missa de hoje que, durante a festa da Dedicção, Jesus pronunciou estas palavras no Pórtico de Salomão do Templo de Jerusalém: «As minhas ovelhas escutam a minha voz. Eu conheço as minhas ovelhas e elas seguem-Me. Eu dou-lhes a vida eterna e nunca hão de perecer e ninguém as arrebatará da minha mão. Meu Pai, que Mas deu, é maior do que todos e ninguém pode arrebatá nada da mão do Pai» (Jo 10, 27-30).

A Igreja inteira alegra-se porque Cristo Ressuscitado é o seu Pastor e conhece cada um de nós. «Ele nos fez, a Ele pertencemos, somos o seu povo, as ovelhas do seu rebanho» (Sl 99, 3). Sabe perfeitamente como somos com um conhecimento do coração, próprio de quem ama e de quem é amado; de quem é fiel e de quem sabe que, por sua vez, pode ser confiável (cf. Sl 99, 3)^[1]. O Senhor ressuscitado compreende-nos «com a ciência mais “interior”, com o mesmo conhecimento com que o Filho conhece e louva o Pai e, no Pai, abraça a verdade infinita e o amor»^[2].

As ovelhas do rebanho reconhecem a voz do seu pastor, respondem à sua chamada e seguem-no. Ao escutar a voz e assobios do seu pastor, as ovelhas sentem-se aliviadas, porque sabem que estão seguras. «O mistério

da voz é sugestivo: pensemos que desde o ventre da nossa mãe nós aprendemos a reconhecer a sua voz e a voz do nosso pai; do tom de uma voz sentimos o amor ou o desprezo, o carinho ou a insensibilidade. A voz de Jesus é única! Se aprendemos a distingui-la, Ele guia-nos pelo caminho da vida»^[3].

COM ESTA CERTEZA de fé, os primeiros Apóstolos partiram pelo mundo conhecido. Eles sabiam que eram testemunhas deste amor único, sentiam-se seguros nas mãos de Deus. Quando os caminhos lhes foram fechados, abriram outros com valentia. Foi o que Paulo e Barnabé fizeram em Antioquia da Pisídia, quando se depararam com a obstinação e a inveja de alguns judeus: «Era a vós que devia ser anunciada primeiro a palavra de Deus. Uma vez, porém, que a rejeitais e não vos julgais dignos da vida eterna, voltamo-nos para os gentios, pois assim nos mandou o Senhor» (At 13, 46-47).

Nada de mal nos pode acontecer se confiarmos em Cristo e deixamos que seja Ele a orientar-nos, como um bom pastor, com a sua mão poderosa. Deste modo, as suas ovelhas «nunca mais terão fome nem sede, nem o sol ou o vento ardente cairão sobre eles. O Cordeiro, que está no meio do trono, será o seu pastor e os conduzirá às fontes da água viva. E Deus enxugará todas as lágrimas dos seus olhos» (Ap 7, 16-17).

Isto não quer dizer que o cristão deixe de experimentar dificuldades. O próprio Jesus adverte os seus apóstolos: «Hão de entregar-vos aos sinédrios e às sinagogas, sereis açoitados e levados à presença de governadores e reis por causa de Mim» (Mc 13, 9). Um filho de Deus enfrenta as contrariedades inevitáveis de todo o caminho sabendo que Jesus «conhece os nossos méritos e os nossos defeitos, e está sempre pronto para cuidar de nós, para curar as feridas dos nossos erros com a abundância da sua misericórdia»^[4]. Por isso é o Bom Pastor, porque se preocupa «com as suas ovelhas, reúne-as, enfaixa a que está ferida, cura a doente»^[5].

SERVINDO-SE DA IMAGEM do Bom Pastor, Jesus revela a sua unidade com o Pai: «Eu e o Pai somos um só (...). O Pai está em Mim e Eu

no Pai» (Jo 10, 30.38). As autoridades judaicas tinham-lhe perguntado: «Até quando nos manterás em suspenso? Se Tu és o Cristo, diz-nos claramente» (Jo 10, 24). A resposta do Mestre é tão audaz e surpreendente que os escandaliza: «Tu, sendo homem, a ti mesmo te fazes Deus» (Jo 10, 33). Muitos dos ouvintes que o escutaram reagem com fé, mas alguns, em especial os chefes do povo, rejeitam-n'O com ódio, até ao ponto de pegarem em pedras para O lapidar.

A unidade entre o Pai e o Filho é um ponto central do mistério de Deus. O Pai O «santificou e enviou ao mundo» (Jo 10, 36), e O encarregou de cuidar das ovelhas. Formamos parte da família de Cristo porque Ele mesmo nos escolheu (cf. Ef 1, 4). «Vimos ao seu redil atraídos pela sua voz e pelos seus assobios de Bom Pastor, com a certeza de que só à sua sombra encontraremos a verdadeira felicidade temporal e eterna»^[6]. O Senhor sai ao encontro de todos porque «lhe importam – e muito! –, todas as suas ovelhas, e não fecha as portas às que estão feridas, às sarnosas, quando regressam com ânimo de se deixar curar»^[7].

Por isso, comove-nos a queixa de Jesus perante a obstinação de alguns corações: «Disse-vos e não acreditais» (Jo 10, 25). A fé requer uma vontade atenta e livre, um coração disposto a escutar a voz do pastor. «Posso ver graças à luz do sol, mas se fecho os olhos, não vejo: isto não é por culpa do sol, mas por minha culpa, porque ao fechar os olhos impeço que me chegue a luz do sol»^[8]. Maria ajudar-nos-á a abrir de par em par o coração ao amor de Deus, para escutar com alegria a voz do Bom Pastor que nos chama pelo nosso nome.

NOTAS

[1] Bento XVI, Homilia, 29/04/2007.

[2] S. João Paulo II, Homilia, 27/04/1980.

[3] Francisco, *Regina Cœli*, 21/04/2013.

[4] Francisco, *Regina Cœli*, 25/04/2021

[5] *Ibid.*

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 22.

[7] S. Josemaria, *Mientras nos hablaba en el camino*, n. 279.

[8] S. Tomás de Aquino, *Sup. Ev. Ioann. in loc.*

IV domingo da Páscoa (Ciclo B)

Reflexão para meditar no IV domingo da Páscoa ou domingo do Bom Pastor (Ciclo B). Os temas propostos são: Jesus é o Bom Pastor; dar a vida pelas ovelhas; todos somos ovelha e pastor.

Sumário

- Jesus é o Bom Pastor.
- Dar a vida pelas ovelhas.
- Todos somos ovelha e pastor.

OS EVANGELHOS proclamados nos Domingos das primeiras semanas da Páscoa narravam as aparições de Cristo ressuscitado. Hoje encontramos com o discurso em que Jesus se apresenta como o Bom Pastor e explica aos seus ouvintes as características de quem vela pelas ovelhas: atenção, espírito de sacrifício, união com o Pai, liberdade plena para assumir a missão... E parece animar os que o ouvem a confiar n'Ele e a querer fazer parte do seu redil. Hoje, Domingo do Bom Pastor, a Igreja convida-nos a entrar no redil de Cristo ressuscitado, a deixar que seja Ele o nosso guia.

A liturgia da Missa de hoje começa dirigindo a Deus Pai uma oração que nos põe diante duma necessidade: «Conduzi-nos à posse das alegrias celestes, para que o pequenino rebanho dos vossos fiéis chegue um dia à glória do reino onde já se encontra o seu poderoso Pastor»^[1]. Jesus conhece a nossa situação e sabe que precisamos da sua força que cura. As feridas do nosso pecado não são motivo de desânimo, mas podem levar-nos a confiar ainda mais no Senhor. Ele ajuda-nos a olhar para a realidade com compreensão e a dirigir mais os nossos olhos para Deus. Jesus precedeu-nos no caminho para a vida eterna: Ele abre-nos a brecha e indica-nos o caminho para a felicidade.

A luz da Páscoa ilumina a figura do Bom Pastor. Podemos dizer que Jesus «é o meu pastor, nada me falta. Faz-me repousar em verdes prados;

guia-me para águas sossegadas» (Sl 23, 1-2) porque venceu a morte e voltou à vida. «Depois de triunfar sobre o inferno – diz um hino litúrgico –, o Restaurador do género humano regressa para o Céu, Ressuscitado, levando a sua ovelha aos ombros»^[2]. Nessa ovelha podemos encontrar uma imagem da humanidade, uma imagem de cada um de nós.

«EU SOU O BOM PASTOR. O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas» (Jo 10, 11). Com estas breves palavras, Jesus diz-nos como se identifica o bom pastor: é aquele que se entrega a si próprio para cuidar das almas que lhe foram confiadas. Para ele, essa tarefa é o mais importante. Há uma relação íntima entre o bom pastor e as ovelhas que estão ao seu cargo: conhece-as uma a uma, passa o tempo rodeado por elas, reconhece o seu balir, o modo como andam... O bom pastor não abandona nunca as suas ovelhas porque fazem parte da sua vida, enquanto o «assalariado», o que não as ama como suas, só se empenha pessoalmente em cuidá-las.

Jesus sublinha que dá a vida pelas ovelhas como um ato de liberdade e, portanto, de amor: «É por isto que o Meu Pai me ama, porque dou a minha vida para a retomar. Ninguém ma tira, mas dou-a livremente. Tenho o poder de a dar e o poder de a retomar. Este é o mandato que recebi do meu Pai» (Jo 10, 17-18). Que esperança nos dá saber-mo-nos amados por um pastor assim! Se a paixão do Senhor nos mostra o extremo a que chega o seu amor por nós, a sua ressurreição diz-nos que vale a pena deixar-se conquistar por esse amor, porque aí encontramos a força para começar a caminhar, já aqui, de acordo com uma vida nova. «Meu Deus – reza S. Josemaria –, que fácil é perseverar, sabendo que Tu és o Bom Pastor, e nós – tu e eu – ovelhas do teu rebanho! Porque bem nos consta que o Bom Pastor dá a vida inteira por cada uma das suas ovelhas»^[3].

Como ovelhas do rebanho de Cristo saberemos ir ter a esses lugares onde Ele nos dá a vida: a esses momentos de oração diária, às práticas de piedade que marcam o ritmo dos nossos dias... Mas, principalmente, aos sacramentos, pois através deles somos renovados na vida divina. Então podemos dizer com o salmista: «Preparas-me uma mesa em frente dos meus adversários. Unges com óleo a minha cabeça, o meu cálice transborda. A

Tua bondade e misericórdia acompanham-me todos os dias da minha vida» (Sl 23, 5-6).

O DOMINGO DEDICADO ao Bom Pastor é um bom dia para pedir que na Igreja estejam sempre presentes os cuidados do bom pastor. Oferecer esses cuidados é missão especial dos ministros sagrados. No entanto, em certo sentido, todos os batizados, identificados com Cristo, estamos chamados a ser pastores dos outros: a ajudar com o exemplo, com a oração e com o conselho. Por isso, S. Josemaria dizia que todos somos ovelha e pastor.

Para sermos bons pastores precisamos de imitar Jesus quando serve, cura, acompanha, ouve... Em última análise, quando dá a vida pelos outros de maneira gratuita. «O intermediário faz o seu trabalho e cobra o pagamento (...). Pelo contrário, o mediador esquece-se de si para unir as partes, dá a vida, dá-se a si mesmo, o preço é esse: a própria vida, paga com a própria vida, com o seu cansaço, com o seu trabalho, com muitas coisas»^[4]. Os outros não são um meio para atingir algo, nem sequer são fins que nos podem parecer elevados. Essa seria a atitude do assalariado da parábola: não se importa com as ovelhas mas apenas com o lucro que pode ter com elas.

O bom pastor olha para cada pessoa com a gratuidade de Deus; vê-as na sua condição fundamental: um filho ou filha de Deus chamado para a glória e para participar do seu amor. Por isso, serve todos com alegria e isto gera uma confiança sincera nos outros: desejam aproximar-se do pastor porque sabem que procura a sua felicidade. No final, o prémio desta entrega também é a alegria que não acaba nunca: «Quando o Pastor Supremo se manifestar, recebereis a coroa de glória que não murcha» (1Pe 5, 4).

NOTAS

[1] Missal Romano, Oração Coleta, Domingo IV do Tempo Pascal.

[2] Hino *Salve dies*.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 319.

[4] Francisco, Homilia, 09/12/2016.

Segunda-feira da IV semana da Páscoa

Reflexão para meditar na segunda-feira da IV semana da Páscoa. Os temas propostos são: Cristo é a nossa porta; o Bom Pastor chama-nos um por um; ouvir Jesus na Igreja.

Sumário

- Cristo é a nossa porta.
- O Bom Pastor chama-nos um por um.
- Ouvir Jesus na Igreja.

«EU SOU A PORTA DAS OVELHAS» (Jo 10, 7). Jesus designa-se a si mesmo como a porta pela qual devem passar os pastores e o rebanho. Ele avisa que alguns tentam chegar ao rebanho por outros caminhos, tentam *saltar* a cerca, mas esses não são os bons pastores. Somente passando por Cristo, a Porta, as ovelhas podem andar com segurança, encontrar pasto, vida em abundância. Jesus está no centro da nossa fé, é o início e o fim da criação, o alfa e o ómega, como proclama o sacerdote ao acender a círio durante a Vigília Pascal. «Aviva a tua fé – dizia-nos S. Josemaria –. Cristo não é uma figura que passou. Não é uma recordação que se perde na história. Vive! “*Jesus Christus heri et hodie: ipse et in sæcula!*”, diz S. Paulo. Jesus Cristo ontem e hoje e sempre!»^[1].

Com que força ficaria impressa a figura de Jesus nas pessoas que entravam em contacto com Ele! S. Pedro e S. João, depois da cura do coxo de nascença e da advertência do Sinédrio para não falar mais de Cristo ressuscitado, simplesmente respondem: «Não nos podemos calar sobre o que vimos e ouvimos» (At 4, 20). S. Paulo, que encontrou Jesus no caminho de Damasco, considerava-o a sua própria vida (cf. Flp 1, 21) e o seu grande desejo era pregar Cristo, «força de Deus e sabedoria de Deus» (1Cor 1, 24).

Ao considerar a imagem de Cristo como Porta, podemos pensar se realmente queremos fazer passar tudo o que nos acontece através d’Ele. No

nosso relacionamento com Jesus pode haver «uma dimensão da experiência cristã que talvez deixemos um pouco encoberta: a dimensão espiritual e afetiva. O sentirmo-nos ligados ao Senhor por um vínculo especial como as ovelhas ao seu pastor. Por vezes racionalizamos demasiado a fé e corremos o risco de perder a percepção do timbre daquela voz, da voz de Jesus bom pastor, que estimula e fascina. Como aconteceu com os dois discípulos de Emaús, aos quais ardia o coração enquanto o Ressuscitado falava ao longo do caminho. É a maravilhosa experiência de se sentir amado por Jesus (...). Para Ele nunca somos desconhecidos»^[2].

DURANTE os anos da sua pregação na terra, o Senhor foi iluminando uma multidão de pessoas. A Sagrada Escritura diz-nos que as pessoas que se aproximavam d'Ele ficavam maravilhadas com a sua forma de pregar, muito diferente daquela a que estavam habituados (cf. Mc 1, 22). As suas palavras de uma profunda e nova esperança – uma esperança que não termina aqui na terra – fizeram com que multidões se reunissem ao seu redor como ovelhas que desejam ouvir a voz do seu pastor. Cristo chama as ovelhas pelo nome (cf. Jo 10, 3), fala ao coração de cada pessoa. Isso implica que, por detrás da sua voz, sempre podemos encontrar uma chamada pessoal do Senhor. Não são ideias de pouca importância no nosso quotidiano: a fé é autêntica quando se torna nossa, quando descobrimos que orienta os nossos desejos mais profundos e ilumina realmente as circunstâncias em que vivemos, as nossas relações familiares, profissionais e sociais... Depois, movemo-nos com liberdade, como as ovelhas que entram e saem do aprisco, encontrando a segurança que as pastagens lhes dão (cf. Jo 10, 9).

Ao tirar as ovelhas do redil, o pastor «caminha à sua frente, e as ovelhas seguem-no, porque conhecem a sua voz» (Jo 10, 4). Para conhecer mais claramente a voz de Cristo, precisamos de aprofundar cada vez mais no conteúdo da fé. S. Paulo compara a fé a um escudo que nos ajuda a «apagar todos os dardos inflamados do Maligno» (Ef 6, 16). Essas convicções, quando as assumimos na nossa própria vida com a graça de Deus, sustentam-nos, mas, acima de tudo, impulsionam-nos a levar a paz aos ambientes em que vivemos. Assim, por exemplo, quem assimilou a verdade de ser filho de Deus saberá enfrentar com serenidade as dificuldades de

cada dia, saberá tratar melhor os outros porque são seus irmãos, saberá pensar neste nosso mundo como o lar que Deus Pai nos deu de presente.

A experiência de nos encontrarmos com Cristo transforma-nos. Não nos leva somente a acreditar em algo, mas a ser alguém novo, a ser Cristo para os outros. S. Josemaria destacava que «ser santo, ser feliz na terra e alcançar a felicidade eterna – nisso consiste a santidade – é ser Cristo»^[3].

AS OVELHAS do redil de Cristo reconhecem a sua voz e rejeitam a voz dos estranhos (cf. Jo 10, 5.8). Crer em Jesus é também fazer parte da grande comunidade de homens e mulheres de várias condições e origens que constituem a Igreja. É disso que nos fala o apóstolo S. João: «o que vimos e ouvimos nós vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo» (1Jo 1, 3).

À medida que aprofundamos na nossa fé, surge o desejo de o fazer por meio dos ensinamentos do Magistério. Trata-se da porta para a valorização da herança que o Senhor nos deixou, o tesouro da família que se transmite de geração em geração, aquela voz do pastor que não cessa com o passar do tempo. «Tal como uma mãe ensina os seus filhos a falar e, dessa forma, a compreender e a comunicar, a Igreja, nossa Mãe, ensina-nos a linguagem da fé, para nos introduzir na inteligência e na vida da fé»^[4].

Muitas vezes, recebemos esta fé nos nossos lares, como aconteceu com Timóteo, a quem S. Paulo podia dizer: «Conservo a lembrança daquela tua fé tão sincera, que foi primeiro a de tua avó Loide e de tua mãe Eunice e que, não tenho a menor dúvida, habita em ti também» (2Tim 1, 5). Muitas vezes «são as mães, as avós, aquelas que realizam a transmissão da fé»^[5]. Sendo um encontro que transforma as pessoas, a transmissão da vida com Jesus encontra um canal privilegiado na família ou na amizade social, pois é um amor livre que se expande.

Podemos pedir a Jesus, Pastor, a Porta do rebanho, que escutemos a sua voz, aquele sussurro que quer conduzir-nos à felicidade, aqui e no Céu.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Caminho*, n. 584.

[2] Francisco, Regina Cæli, 07/05/2017.

[3] S. Josemaria, *Notas de um encontro familiar*, 28/08/1974.

[4] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 171.

[5] Francisco, Homilia, 26/01/2015.

Terça-feira da IV semana da Páscoa

Reflexão para meditar na terça-feira da IV semana da Páscoa. Os temas propostos são: Jesus atuava há dois mil anos e continua a agir agora; ninguém poderá separar-nos do amor de Cristo; ser seus colaboradores no mundo.

Sumário

- Jesus atuava há dois mil anos e continua a agir agora.
- Ninguém poderá separar-nos do amor de Cristo.
- Ser seus colaboradores no mundo.

COM CERTA frequência, os chefes do povo de Israel pediam a Jesus para lhes mostrar um sinal definitivo de que era o Messias: «Até quando nos vais trazer em suspenso? Se és o Messias, diz-nos claramente» (Jo 10, 24). Ao que o Senhor respondeu: «Já vo-lo disse, mas não acreditais. As obras que Eu faço em nome de meu Pai dão testemunho de Mim» (Jo 10, 25). Com efeito, Jesus já tinha realizado muitos milagres e prodígios que os próprios chefes do povo tinham presenciado. E não só isso, mas também tinha exposto a sua doutrina cheia de esperança e amor. A sua pregação ficava validada com a sua atuação. Por isso, disse noutra ocasião: «Se eu não faço as obras do meu Pai, não me acrediteis; mas se as faço, crede nas minhas obras» (Jo 10, 37-38).

Jesus atuava então e continua a fazê-lo agora. Por exemplo, atua e fá-lo de maneira generosa na nossa vida. Este é um âmbito da ação de Deus que precisamos de recordar frequentemente; por vezes «perde-se a memória das grandes coisas que o Senhor fez na nossa vida, na sua Igreja, no seu povo, e acostumamo-nos a caminhar com as nossas forças, com a nossa autossuficiência (...). Moisés adverte o povo para que, quando chegar à terra que não conquistou, se lembre de todo o caminho que o Senhor lhe fez fazer»^[1].

Por vezes, como aqueles chefes do povo de Israel, podemos ter a tentação de pedir a Jesus provas da sua divindade, quando podemos encontrá-las na nossa própria vida. Como S. Josemaria gostava de recordar, o poder de Deus não diminuiu (cf. Is 59, 1), continua a realizar em nós os mesmos prodígios que realizou há mais de dois mil anos. Podemos recordar tantos momentos em que Jesus esteve presente ajudando-nos ou dando-nos uma luz inesperada para o nosso caminho. Estas realidades – o bem que realizamos ou que nos acontece – enchem-nos de alegria e serão sempre expressão da proximidade de Cristo Ressuscitado na nossa vida. «Será bom para nós repetir continuamente o conselho de Paulo a Timóteo, o seu amado discípulo: “Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado dos mortos” (2 Tim 2, 8). Lembra-te de Jesus; acompanhou-me até agora e vai-me acompanhar até ao momento em que deva comparecer perante Ele glorioso»^[2].

AS OVELHAS de Cristo sabem reconhecer a sua voz e a sua ação. Se confiarmos n’Ele podemos ter a garantia da sua proteção. «Eu dou-lhes a vida eterna – disse Jesus – e nunca hão de perecer, ninguém as arrebatará da minha mão. Meu Pai, que Mas deu, é maior do que todos e ninguém pode arrebatá-las da mão do Pai. Eu e o Pai somos um só» (Jo 10, 28-30).

Queremos estar sempre nas mãos deste pastor. Contudo, não faltam ocasiões na nossa vida em que parece que nos afastamos da sua proteção. Podem ser momentos de graça porque o Senhor nos dará forças para permanecer agarrados a Ele; descobre-nos então com maior profundidade como é e como atua. Podemos dizer com S. Paulo: «Porque eu estou certo que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas presentes, nem as futuras, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem nenhuma outra criatura nos poderá separar do amor que Deus nos manifesta em Cristo Jesus, Senhor nosso» (Rm 8, 38-39). As palavras de Jesus, em que nos garante que estamos sempre nas suas mãos, «transmitem-nos uma sensação de absoluta segurança e imensa ternura. A nossa vida está totalmente segura nas mãos de Jesus e do Pai, que são uma só coisa: um só amor, uma só misericórdia, revelados de uma vez por todas no sacrifício da cruz»^[3].

Convencidos de estar nas mãos de Deus, o modo como encaramos as nossas atividades quotidianas é diferente. Enchemo-nos principalmente de uma maior serenidade: perante os nossos defeitos, perante os defeitos dos outros, perante o passado, o presente e o futuro. S. Josemaria considerava que os cristãos vivem «amando Deus e sabendo aceitar as contrariedades como bênção vinda das suas mãos!»^[4].

A LEITURA do livro dos Atos dos Apóstolos, que a liturgia de hoje nos propõe, narra a chegada dos cristãos à cidade de Antioquia. Tinham chegado aí numa situação de contradição, porque a perseguição que se desencadeou após a morte de Sto. Estêvão os fez abandonar o lugar onde se encontravam. Porém, não desanimaram, antes falavam espontaneamente sobre Jesus e o seu Evangelho às pessoas que os rodeavam. A Escritura diz que «a mão do Senhor estava com eles e muita gente, tendo acreditado, converteu-se ao Senhor» (At 11, 21).

As mãos de Deus não só nos protegem, mas também nos levam a trabalhar por Ele no mundo. Todos podemos fazer algo pelo Senhor, para difundir o seu calor no nosso ambiente, levando este amor que nos enche. Quanto entusiasmo nos dá saber que somos colaboradores de Deus no mundo! Conta-se que durante um dos bombardeamentos da Segunda Guerra Mundial, o Cristo de uma igreja alemã ficou sem braços; quando pensaram em restaurar a imagem, preferiram deixar o Cristo sem braços e escrever uma frase na trave da Cruz, que recorda a quem a ler, que nós, os cristãos, somos os braços de Jesus na terra. «O Senhor deu-nos a vida, os sentidos, as potências, graças sem conta. E não temos o direito de esquecer que somos, cada um, um operário, entre tantos, nesta fazenda em que ele nos colocou, para colaborar na tarefa de dar alimento aos outros»^[5].

A passagem dos Atos dos Apóstolos termina com a chegada de S. Barnabé e S. Paulo a Antioquia, para reafirmar a fé dos que se tinham convertido. Nessa cidade, a difusão do Evangelho crescia com força. E aí mesmo foi dado, pela primeira vez, aos discípulos o nome de “cristãos” (cf. At 11, 26). Dá a impressão de que este nome surgiu fora da comunidade cristã, mas de qualquer modo foi bem recebido pelos nossos primeiros irmãos na fé. Com quanto orgulho o usariam! Ao dizer que somos cristãos

expressamos a nossa pertença ao Senhor e o desejo de nos identificarmos com Ele. Recordar que somos cristãos, e recordar a ação de Deus em nós, ajuda-nos a avivar a consciência de estar nas mãos de Jesus e de ser seus colaboradores no mundo.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 07/03/2019.

[2] *Ibid.*

[3] Francisco, Regina Cæli, 17/04/2016.

[4] S. Josemaria, *Sulco*, n. 250.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 49.

Quarta-feira da IV semana da Páscoa

Reflexão para meditar na quarta-feira da IV semana da Páscoa. Os temas propostos são: Jesus revela-nos a paternidade de Deus; Cristo é Salvador e Juiz; o desejo de nos associarmos à vontade divina.

Sumário

- Jesus revela-nos a paternidade de Deus.
- Cristo é Salvador e Juiz.
- O desejo de nos associarmos à vontade divina.

O EVANGELHO da Missa de hoje inclui um discurso proclamado por Jesus pouco antes da Sua Paixão. «Disse em alta voz: “Quem acredita em Mim não é em Mim que acredita, mas n’Aquele que Me enviou; e quem Me vê, vê Aquele que Me enviou. Eu vim ao mundo como luz, para que todo aquele que acredita em Mim não fique nas trevas”» (Jo 12, 44-46). Cristo, nestes últimos momentos da Sua vida pública, manifesta aquele amor infinito com que veio ao mundo para nos dar claridade, para nos mostrar o amor do Pai e, assim, semear alegria e paz nas almas.

No texto, vemos que «Jesus vive e atua com referência constante e fundamental ao Pai. A Ele Se dirige frequentemente com a palavra cheia de amor filial: “*Abba*”; também durante a oração em Getsémani esta mesma palavra vem aos Seus lábios. Quando os discípulos Lhe pedem que os ensine a rezar, ensina o “Pai Nosso”. Depois da ressurreição, no momento de deixar a terra, parece que mais uma vez Se refere a esta oração, quando diz: “Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”. Assim, por meio do Filho, Deus revelou-Se na plenitude do mistério da Sua paternidade»^[1].

Uma parte fundamental da missão de Cristo foi mostrar-nos claramente “Aquele que O enviou”; e não só isso, mas, com a Sua morte e a Sua ressurreição, fazer-nos filhos de Deus. Para S. Josemaria, esta realidade é a

base sobre a qual construir a vida interior. Por isso recordava continuamente que «Deus é um Pai cheio de ternura, de amor infinito. Chama-lhe Pai muitas vezes durante o dia e diz-lhe – a sós, na intimidade do teu coração – que o amas, que o adoras, que sentes o orgulho e a força de seres seu filho. Tudo isto pressupõe um autêntico programa de vida interior, que é preciso canalizar através das tuas relações de piedade com Deus – poucas, mas constantes, insisto – que te permitirão adquirir os sentimentos e as maneiras de um bom filho»^[2].

JESUS CONTINUA com o Seu discurso: «Se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, não sou Eu que o julgo, porque não vim para julgar o mundo, mas para o salvar» (Jo 12, 47). Jesus é salvador, mas muito maior do que a imagem que podemos ter de um salvador nesta terra. Jesus também é juiz, mas a Sua justiça não é feita como a fazemos nós, os homens. Para lidar com uma maneira muito humana de pensar sobre Jesus, podemos lembrar que «Sem dúvida, Cristo é e apresenta-Se acima de tudo como salvador. Não considera Sua missão julgar os homens de acordo com princípios humanos apenas. Ele é, acima de tudo, aquele que ensina o caminho da salvação e não o acusador dos culpados (...). Portanto, deve-se dizer que diante dessa luz que é Deus revelado em Cristo, diante de tal verdade, em certo sentido, as mesmas obras julgam cada um»^[3].

A pregação do Senhor ficou marcada pela mansidão. O Evangelho vê nesta atitude o cumprimento das profecias: «Ele não gritará, não levantará a voz, não clamará nas ruas, não quebrará a cana rachada, não apagará a mecha que ainda fumeja. Anunciará com toda a fidelidade a verdadeira justiça» (Is 42, 2-3; cf. Mt 12, 19-20). O Senhor anuncia a verdade com clareza, mas rejeita qualquer atitude que leve a humilhar ou esmagar aqueles que não aceitaram a Sua pregação. Ele quer conquistar o coração de cada um: «Jesus não quer convencer pela força – disse S. Josemaria – e, estando perto dos homens, entre os homens, move-os suavemente a seguir-l’O, em busca da paz verdadeira e da alegria autêntica»^[4].

É bom lembrar a paciência incomensurável de Deus, que conta com os limites dos Seus filhos. Cada alma tem o seu tempo. São inúmeras as histórias de pessoas que, graças ao acompanhamento compreensivo de um

bom amigo, acabam por descobrir a alegria de abrir o coração a Jesus Cristo. «A verdade não se impõe de outro modo senão pela sua própria força, que penetra nos espíritos de modo ao mesmo tempo suave e forte»^[5]: esta convicção, tirada da vida de Cristo e da experiência da Igreja, foi considerada a “regra de ouro”^[6] para a evangelização.

A PREGAÇÃO do Senhor foi sustentada pelo Seu desejo íntimo de cumprir a vontade do Pai: «Eu não falei por Mim próprio: o Pai, que Me enviou, é que determinou o que havia de dizer e anunciar» (Jo 12, 49). Jesus vivia voltado para o Pai e daí tirava forças para iluminar as pessoas ao Seu redor. A atividade do Senhor não é entendida como um ato de simples filantropia, mas surge da fonte do Seu amor a Deus Pai. Queremos descobrir e associar-nos à vontade divina porque a vida está aí: quando conversamos com outras pessoas, quando realizamos atividades de formação ou no meio das nossas tarefas comuns.

Realizar as nossas tarefas diante de Deus também nos ajudará a ver a partir da Sua perspectiva os fracassos aparentes e os momentos em que os frutos não vêm. Qualquer energia gasta fazendo o bem é frutífera, mesmo que não a vejamos externamente: «Tal fecundidade é invisível, incontrolável, não pode ser contabilizada. A pessoa sabe com certeza que a sua vida dará frutos, mas sem pretender conhecer como, onde ou quando»^[7]. E quando o desânimo entra nas nossas vidas, podemos olhar novamente para o nosso Pai Deus: «Aprendamos a descansar na ternura dos braços do Pai. Continuemos para diante, empenhemo-nos totalmente, mas deixemos que seja Ele a tornar fecundos, como melhor Lhe parecer, os nossos esforços»^[8]. Talvez naqueles momentos em que vemos claramente que a missão nos supera, é quando Deus nos ensina que é Ele quem faz novas todas as coisas a partir da nossa correspondência limitada; compreendê-lo e vivê-lo é a maneira de fundamentar a própria vida sobre a rocha.

Neste desejo de sintonizar, como Cristo, verdadeiramente com os desejos do coração de Deus Pai, pode ajudar-nos saborear com novidade o Pai-Nosso. «Rezando “seja feita a Vossa vontade”, não somos convidados a inclinar servilmente a cabeça, como se fôssemos escravos. Não! Deus quer-

nos livres; é o Seu amor que nos liberta. Com efeito, o “Pai-Nosso” é a oração dos filhos, não dos escravos; mas dos filhos que conhecem o coração do seu pai e têm a certeza do seu desígnio de amor»^[9]. Também pode ajudar-nos saborear com novidade aquelas palavras da nossa Mãe: “seja feita a Vossa vontade”, com as quais expressou o desejo de estar sempre a par com Deus.

NOTAS

[1] S. João Paulo II, Audiência geral, 23/10/1985.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 150.

[3] S. João Paulo II, Audiência geral, 30/09/1987.

[4] S. Josemaria, *Cartas* 4, n. 2c.

[5] Concílio Vaticano II, *Dignitatis Humanæ*, n. 1.

[6] cf. S João Paulo II, *Tertio Millennio Adveniente*, n. 35.

[7] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 279.

[8] *Ibid.*

[9] Francisco, Audiência geral, 20/03/2019.

Quinta-feira da IV semana da Páscoa

Reflexão para meditar na quinta-feira da IV semana da Páscoa. Os temas propostos são: lembrar a misericórdia de Deus; recorrer às fontes que purificam; a misericórdia manifestada no serviço.

Sumário

- Lembrar a misericórdia de Deus.
- Recorrer às fontes que purificam.
- A misericórdia manifestada no serviço.

DEPOIS DE TER pregado o Evangelho em Chipre durante a sua primeira viagem apostólica, S. Paulo e S. Barnabé dirigiram-se à Ásia Menor para continuar a anunciar a palavra de Deus. Chegaram a Antioquia da Pisídia e no sábado foram à sinagoga. O chefe convidou-os a dirigir o comentário sobre a Lei e os Profetas. Paulo tomou a palavra e começou a sua pregação com um breve resumo da história do povo eleito (cf. At 13, 16-22). Falou-lhes de como o Senhor tinha tirado «com braço forte» os israelitas da escravidão, de como tinham peregrinado no deserto até entrar na Terra prometida e como, estabelecidos aí, receberam juízes e reis que os guiavam e os protegiam.

O que S. Paulo fez ver no seu comentário é que a história de Israel é uma história de misericórdia divina. «A pregação que os discípulos adotam é uma pregação histórica e é fundamental porque permite recordar os momentos importantes, os sinais da presença de Deus na vida do homem. Voltar atrás para ver como Deus nos salvou, percorrer o caminho com a recordação – com o coração e com a mente»^[1]. Como continuação desse povo escolhido, diremos no salmo da Missa de hoje: «Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor. Anunciarei com a minha boca, de geração em geração, a tua fidelidade» (Sl 89, 2). Apesar da dificuldade que o povo de Deus tinha em certos momentos para crer e ser fiel à Aliança, o Senhor mantinha a sua proteção sobre eles.

Ao mencionar a figura do rei David, S. Paulo recordou aos seus ouvintes que a Aliança olhava especialmente para o futuro. «Da sua descendência, Deus, segundo a promessa, fez surgir para Israel um Salvador, Jesus» (At 13, 23). O cântico de misericórdia chega à sua plenitude em Jesus Cristo. Ele é o Ungido do Pai, com a força do Espírito Santo. Em Jesus toda a humanidade pode encontrar a realização dos seus anseios mais profundos. Também a nossa própria história converge em Cristo ressuscitado. Ele atrai-nos para a sua Pessoa para nos manifestar a misericórdia do seu Pai Deus no nosso passado, presente e futuro.

NA MISSA de hoje proclama-se uma parte do relato da Última Ceia. Depois de ter lavado os pés aos discípulos, o Senhor recorda aos apóstolos que estará presente nos seus enviados (cf. Jo 13, 16-20). É o maravilhoso mistério da compenetração entre Cristo e os seus discípulos. Deus continua a atuar no mundo, também desta maneira. Pode parecer uma coisa demasiado sublime, fora das nossas capacidades, mas é possível pela ação da graça. O gesto do lava-pés é eloquente, precisamente neste sentido: é o Senhor que nos lava, que nos torna capazes de continuar a anunciar o Evangelho com uma confiança renovada e impelidos pela sua ternura e pelo seu amor.

«Em verdade, em verdade vos digo: quem receber o que Eu enviar recebe-me a mim; e quem Me receber, recebe o que Me enviou» (Jo 13, 20). Somos portadores de Cristo! A misericórdia de Deus continua a chegar a muitas pessoas através da palavra e das obras dos cristãos. É verdade que em todos nós há coisas que embaciam o vidro através do qual passa a luz da misericórdia. Mas precisamente nesse afã de recomeçar, de voltar a recorrer ao perdão do Senhor, anuncia-se de novo a bondade do Pai celeste, porque «a Igreja é um povo de pecadores que experimentam a misericórdia e o perdão de Deus»^[2].

Um anjo purificou os lábios do profeta Isaías com uma brasa acesa, antes de ser enviado ao povo de Israel (cf. Is 6, 1-9). E nós podemos recordar que, para poder anunciar adequadamente a mensagem do Evangelho, temos de recorrer às fontes que nos purificam, especialmente ao sacramento da reconciliação. Assim, pregaremos a misericórdia de Deus

que experimentámos antes pessoalmente. «Jesus viveu este drama com os doutores da Lei, que não compreendiam porque é que Ele não deixou lapidar a mulher adúltera, não compreendiam como ia jantar com publicanos e pecadores: não compreendiam. Não entendiam a misericórdia (...). Peçamos ao Senhor que nos faça entender como é o seu coração, o que significa misericórdia, o que quer dizer quando diz: quero misericórdia e não sacrifício!»^[3].

«SE COMPREENDERDES isto e o fizerdes, sereis bem-aventurados» (Jo 13, 17). Jesus deu exemplo de entrega e de serviço esmerado aos apóstolos. Sustentados pela graça de Deus, também eles chegaram a entregar-se pelos homens seus irmãos, anunciando sem cansaço que Jesus vive. Através do serviço gratuito, podemos fazer chegar a misericórdia de Deus a muitas pessoas, e esse serviço também nos leva a tratar os outros de acordo com a sua grandeza de filhos de Deus. S. Paulo pede aos filipenses: «Não atueis por rivalidade nem por vanglória, mas cada um, com humildade, considere os outros superiores a si, procurando não o próprio interesse, mas o dos outros» (Flp 2, 3-4). E depois lembra como Jesus, «sendo de condição divina, não considerou como rapina ser igual a Deus, mas aniquilou-se a si mesmo tomando a forma de servo» (Flp 2, 6-7).

É o amor que nos faz *inclin*ar para servir os outros com gosto. Neste sentido, ao compor as Preces da Obra, S. Josemaria quis que começassem com um *Serviam!* – servirei! – que reflete esse afã de entrega cheio de entusiasmo sobrenatural. «Se deixarmos que Cristo reine na nossa alma não nos converteremos em dominadores, seremos servidores de todos os homens. Serviço. Como gosto desta palavra! Servir o meu Rei e, por ele, todos os que foram redimidos com o seu sangue. Se os cristãos soubéssemos servir! Vamos confiar ao Senhor a nossa decisão de aprender a realizar esta tarefa de serviço, porque só servindo podemos conhecer e amar Cristo, e dá-lo a conhecer e conseguir que outros O amem»^[4].

Na vida de Nossa Senhora vê-se como a ação da misericórdia do Senhor se transforma em serviço. Imediatamente depois da Anunciação, vai ajudar a sua prima Santa Isabel. E nesse momento de entrega rompe a cantar, cheia

de alegria, dando testemunho da ação de Deus, porque «a sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem» (Lc 2, 50).

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 21/04/2016.

[2] Francisco, Audiência geral, 09/08/2017.

[3] Francisco, Homilia, 06/10/2015.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 182.

Sexta-feira da IV semana da Páscoa

Reflexão para meditar na sexta-feira da IV semana da Páscoa. Os temas propostos são: o olhar posto no céu; a vida eterna não nos separa do mundo; Jesus é o caminho.

Sumário

- O olhar posto no céu.
- A vida eterna não nos separa do mundo.
- Jesus é o caminho.

«NÃO SE PERTURBE o vosso coração. Acreditais em Deus, acreditai também em mim» (Jo 14, 2). Encontramos estas palavras na Última Ceia de Jesus. O Senhor exprime o seu imenso carinho pelos que o tinham seguido durante três anos. Ao mesmo tempo, adverte-os sobre alguns factos dolorosos que se aproximam: a traição dum dos seus amigos mais íntimos e as negações de Pedro. Vão chegar momentos duros para os discípulos, mas Jesus não quer que os seus corações desfaleçam. Perante a proximidade das contradições, o Senhor conduz os seus a dirigir o olhar para o céu. «Na casa do meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, ter-vos-ia dito que vos vou preparar um lugar?» (Jo 14, 2).

O céu é a meta para onde caminhamos. É verdade que amamos este mundo que saiu das mãos de Deus e o nosso coração alegra-se com tantas coisas boas que encontramos nele. Sabemo-nos queridos pelo Senhor já nesta terra e isto enche-nos de alegria. Mas sabemos que esta alegria se reforça com a certeza da alegria definitiva. «Estou feliz –afirmava S. Josemaria– com a certeza do céu a que chegaremos, se permanecermos fiéis até ao fim; com a felicidade que teremos, *quoniam bonus*, porque o meu Deus é bom e a sua misericórdia é infinita»^[1].

Como nos ajuda não perder de vista a esperança do céu! Assim podemos valorizar na sua dimensão adequada tudo o que nos acontece, o

agradável e o desagradável. «Só a fé na vida eterna nos faz amar de verdade a história e o presente, mas sem apegos, na liberdade do peregrino que ama a terra porque tem o coração no céu»^[2]. A vida eterna é o prêmio que não decepciona, será o momento em que estaremos intimamente unidos a Deus e a uma multidão de pessoas. Todos os esforços terão valido a pena. «Digo que importa muito, e totalmente – diz Sta. Teresa de Jesus – uma grande e determinada determinação de não parar até chegar, venha o que vier, aconteça o que acontecer, trabalhe-se o que se trabalhar, murmure quem murmurar»^[3].

COMO SERÁ o céu? Em que consiste a eternidade? Como experimentaremos esse amor infinito sem cansaço? Sabemos pela fé que será o momento de felicidade plena, a bem-aventurança esperada, mas não podemos compreender claramente de que modo. «A expressão *vida eterna* trata de dar um nome a esta desconhecida realidade conhecida. É por necessidade uma expressão insuficiente que cria confusão. Com efeito, *eterno* suscita em nós a ideia do interminável e isso assusta-nos; *vida* faz-nos pensar na vida que conhecemos, que amamos, que não queremos perder, mas que, ao mesmo tempo, é com frequência mais cansaço do que satisfação, de forma que, se por um lado a desejamos, por outro não a queremos. Podemos apenas tratar de sair com o nosso pensamento da temporalidade a que estamos sujeitos e augurar dalguma forma que a eternidade não seja um contínuo suceder de dias no calendário, mas o momento pleno de satisfação, em que a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade. Seria o momento de nos submergirmos no oceano do amor infinito, em que o *tempo* – o antes e o depois – já não existe. Podemos unicamente tratar de pensar que este momento é a vida em sentido pleno, submergir-nos sempre de novo na imensidade do ser, ao mesmo tempo que estamos simplesmente a transbordar de alegria»^[4].

Em todo o caso, podemos ter a certeza de que o Senhor, no momento de nos chamar à sua presença, irá muito além das nossas expectativas. No fim de contas, é Ele que nos prepara um lugar (cf. Jo 14, 2). Mas pensar no céu não nos separa das coisas do mundo. Pelo contrário: na nossa entrega diárias aos outros, em pormenores que às vezes parecem insignificantes, vamos preparando o nosso coração para essa felicidade que será derramada

em nós. «A esperança não me separa das coisas desta terra – dizia S. Josemaria –, mas aproxima-me dessas realidades duma forma nova»^[5].

AS PALAVRAS que Nosso Senhor pronunciou naquela noite eram difíceis de compreender para os apóstolos. Tomé mostra a sua perplexidade sem dissimulação: «Senhor, não sabemos para onde vais, como podemos saber o caminho?» (Jo 14, 5). A resposta de Jesus é muito concreta: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida (...); ninguém vai para o Pai a não ser por mim» (Jo 14, 6).

No nosso caminho para a vida eterna podemos dirigir-nos sempre a Jesus em busca de orientação. Podemos confiar n'Ele: «Não tenhais medo! Cristo conhece “o que há dentro do homem”. Só Ele o conhece!»^[6]. Se Cristo é o caminho, a verdade e a vida, então podemos tentar ler tudo o que acontece na nossa existência à luz da Sua Pessoa. A leitura assídua dos Evangelhos ajuda muito nesta tarefa. «Nosso Senhor chamou os católicos – dizia S. Josemaria – para o seguirem de perto e, nesse Texto Santo, encontras a Vida de Jesus; mas, além disso, deves encontrar a tua própria vida»^[7]. Muitos santos encontraram a chave para compreender o que lhes acontecia, depois de terem lido alguma passagem do Evangelho. Lá encontraremos a voz de Cristo para renovar o desejo de chegar ao céu com Ele.

Podemos pedir à nossa Mãe que nos ajude a «levar a todos o Evangelho da vida que vence a morte; que interceda por nós para podermos adquirir a santa audácia de procurar novos caminhos para que chegue a todos o dom da salvação»^[8].

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 208.

[2] Bento XVI, *Angelus*, 01/11/2012.

[3] Sta. Teresa de Jesus, *Caminho de perfeição*, capítulo 21, 2.

[4] Bento XVI, *Spe Salvi*, n. 12.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 208.

[6] S. João Paulo II, Homilia, 22/10/ 1978.

[7] S. Josemaria, *Forja*, n. 754.

[8] Francisco, Mensagem, 04/06/2017.

sábado da IV semana da Páscoa

Reflexão para meditar no sábado da IV semana da Páscoa. Os temas propostos são: descobrir Deus Pai em Jesus; renovar o nosso sentido da filiação divina; rezar como filhos.

Sumário

- Descobrir Deus Pai em Jesus.
- Renovar o nosso sentido da filiação divina.
- Rezar como filhos.

AO LONGO da vida pública do Senhor, os apóstolos descobriram, cada vez com maior clareza, a relação especialíssima que Jesus tinha com o Pai. Falava dele com uma familiaridade chamativa, de tal maneira que os chefes de Israel se escandalizavam. Animava as pessoas a confiar nos seus cuidados paternos, que são ainda mais delicados que os que tem com as plantas do campo ou as aves do céu. Viram que Jesus atuava com energia para defender a santidade do Templo, porque era a casa do Seu Pai. Na última Ceia, Jesus volta a falar do Pai aos seus apóstolos. É nesse momento que finalmente um deles, Filipe, se atreve a fazer um pedido que talvez também estivesse no coração dos outros: «Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta» (Jo 14, 8).

Os apóstolos tinham aprendido de Jesus que Deus tem um rosto paterno. A oração de Israel adquiria assim maior força: «Tenha Deus piedade de nós e nos abençoe, faça brilhar o seu rosto sobre nós» (Sl 67, 2). Por isso Filipe compreende que para ter uma vida plena é suficiente ver o rosto do Pai: descobrir esse olhar de carinho que nos confirma e nos enche de segurança. Tudo o resto é consequência desse encontro. A resposta de Jesus terá surpreendido os apóstolos: «O que me vê a mim, vê o Pai» (Jo 14, 9). Essa resposta explica na realidade todo o comportamento de Cristo: a sua ternura para os débeis, a fortaleza que transmitia nos momentos de dificuldade, a sua paciência para corrigir e formar os discípulos... Cada gesto e cada

palavra eram manifestação do amor do Pai. Por isso o Catecismo da Igreja mostra que «toda a vida de Cristo é revelação do Pai»^[1].

A contemplação deste mistério leva-nos a fazer nossa a mesma convicção de Filipe. Para que a nossa vida seja plena, basta que descubramos o rosto do Pai, quer dizer, basta que saibamos que sempre, e em todo o momento, somos filhos de Deus. Aliás, na nossa oração, podemos dizer a Jesus: Mostra-nos o Pai! Ajuda-me a descobrir a sua presença na minha vida! Que me dê conta de que o seu rosto me olha constantemente com um carinho infinito!

A RELAÇÃO de Cristo com o seu Pai do Céu não fica somente dentro da sua intimidade, mas desdobra-se para fora: «O Pai, que está em mim, realiza as suas obras» (Jo 14, 10). Jesus realizou a sua missão em união perfeita com quem o tinha enviado ao mundo. As suas obras são, ao mesmo tempo, obras do Pai. E essa união, de certa forma, estende-se também àqueles que seguem a Cristo: «Em verdade, em verdade vos digo: aquele que acredita em Mim fará também as obras que Eu faço e as fará maiores do que estas porque Eu vou para o Pai» (Jo 14, 12).

As obras de um cristão são as obras de um filho de Deus. Quando se realizam com a consciência desta relação, convertem-se em expressão do seu maravilhoso amor incondicional. Deus manifesta a força do seu amor paternal na nossa vida normal e corrente. Quanto nos serve, portanto, renovar este sentido de filiação divina!

Para enfrentar com entusiasmo e valentia os nossos dias, S. Josemaria aconselhava: «Chama-lhe Pai muitas vezes ao dia e diz-lhe – a sós, no teu coração – que O amas, que O adoras: que sentes o orgulho e a força de ser Seu filho»^[2]. Esta verdade simples e fundamental – que somos filhos de Deus – enche de luz as nossas ocupações diárias: «Leva-nos a rezar com confiança de filhos de Deus, a mover-nos na vida com a agilidade de filhos de Deus, a raciocinar e decidir com liberdade dos filhos de Deus, a enfrentar a dor e o sofrimento com a serenidade de filhos de Deus, a apreciar as coisas belas como o faz um filho de Deus»^[3]. O valor do que fazemos não se mede pelo êxito, resultados, imagem que damos para fora,

mas pela que está no nosso interior, na nossa dignidade de ser filhos amados.

Descobrimos também que compartilhamos esta dignidade de filhos amados de Deus com as pessoas que nos rodeiam. Assim, muda o nosso olhar sobre os outros. «Temos de portar-nos como filhos de Deus com os filhos de Deus»^[4]. Compreendemos que as suas obras também têm um grande valor porque levam a marca de alguém que tem uma relação especial com o Pai. Aumenta a nossa consideração por aqueles que nos rodeiam: apreciamos a contribuição dos nossos colegas de trabalho ou qualquer serviço que outras pessoas nos prestam.

O EVANGELHO da Missa de hoje termina com uma promessa animadora: «E o que pedirdes em Meu nome, fá-lo-ei para que o Pai seja glorificado no Filho» (Jo 14, 13). Jesus diz aos apóstolos – e diz-nos a nós – que a oração tem uma grande força, mas temos de saber pedir em seu nome, quer dizer, pedir identificando-nos com os sentimentos do Filho. O Senhor quer que a nossa oração leve sempre o tom de um filho que fala com o seu pai. Quando Jesus ensinou aos seus discípulos como se deviam dirigir a Deus, começou a dizer “Pai Nosso”. Começamos essa maravilhosa oração, avivando em nós a consciência de que somos filhos de Deus. E só depois nos atrevemos a pedir tantas coisas: que Deus seja glorificado, que se faça a Sua vontade, que tenhamos o pão diário, que não nos afastemos d’Ele... Mas sempre com esta premissa: somos filhos que se dirigem ao seu Pai. «Tendes bom Pai – dizia Sta. Teresa – que vos dá o Bom Jesus; não se conheça aqui outro para se falar dele»^[5].

Rezar em nome de Jesus implica que aprendamos, pouco a pouco, a pedir o que um bom filho pede. A nossa oração filial, de certo modo, vai além das nossas expectativas. Por isso, S. Paulo diz que «o Espírito Santo vem em auxílio da nossa fraqueza: porque não sabemos pedir aquilo que devemos; mas o Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis» (Rm 8, 26). Neste sentido também nos diz Santa Teresa, ao comentar a oração do Pai-Nosso: «Por desbaratado que ande o pensamento, entre tal Filho e tal Pai, forçosamente há de estar o Espírito Santo, que Ele enamore vossa vontade, e vo-la prenda tão grandíssimo amor»^[6]. É bom que, enquanto

pedimos algo a nosso Pai Deus, lhe digamos que no fundo queremos sobretudo o que o Espírito Santo sabe que é melhor e que nós não conseguimos intuir. Podemos estar certos de que aquilo que nos chega pela sua mão é melhor do que o que esperávamos. Para nós isso é suficiente. E, assim, dizemos de novo com o apóstolo Filipe: «Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta» (Jo 14, 8).

NOTAS

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 516.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 150.

[3] Fernando Ocáriz, Carta Pastoral, 28/10/2020, n. 3.

[4] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 36.

[5] Sta. Teresa, *Caminho de Perfeição*, cap. 27, n. 6.

[6] *Ibid.*, n. 7.

V domingo da Páscoa (Ciclo A)

Reflexão para meditar no V domingo da Páscoa (Ciclo A). Os temas propostos são: podemos confiar em Jesus; fomos criados para o céu: olhar para a nossa própria vida.

Sumário

- Podemos confiar em Jesus.
- Fomos criados para o céu.
- Olhar para a nossa própria vida.

JESUS sabe que, dentro de poucas horas, será preso pelos soldados e como tal prepara-se para viver a Paixão. Decide passar os seus últimos momentos com quem tinha partilhado mais tempo nesta terra, aqueles que amava de maneira especial: os apóstolos. Ao terminar a Última Ceia, abre-lhes a sua intimidade: está perfeitamente consciente de que chegará a dor, o abandono, a tristeza, mas não deixa que o dramatismo se espalhe entre os seus discípulos. «Não se perturbe o vosso coração. Crede em Deus; crede também em mim» (Jo 14, 1).

Esta é a chave que o Senhor dá aos seus discípulos para enfrentar o que está para vir: confiar n'Ele. Pode parecer uma indicação demasiado genérica, mas na realidade responde a uma necessidade essencial no ser humano: a procura de referências, a necessidade de se apoiar em alguém. Quando uma pessoa, por exemplo, se perde na rua, primeiro tenta localizar um lugar que lhe seja familiar para, a partir daí, voltar a traçar o caminho para o seu ponto de destino. Jesus recomenda o mesmo aos apóstolos para quando se sentirem perdidos nos dias da Paixão: acreditar nele. Ou seja, saber que não será um sofrimento em vão, mas que, tal como tinha anunciado, será para nos dar a vida.

Também nós, tal como os apóstolos, podemos passar por situações em que sentimos a ausência de Jesus. O cansaço, a incompreensão ou a doença

podem superar as nossas forças e fazer-nos acreditar que estamos sós. E é nesses momentos que o Senhor nos pede para confiarmos n'Ele, «para não nos apoiarmos em nós mesmos, mas n'Ele. Pois a libertação da perturbação passa pela confiança. Confiar-nos a Jesus, dar o “salto”. E esta é a libertação da perturbação. Jesus ressuscitou e vive precisamente para estar sempre ao nosso lado. Então podemos dizer-lhe: “Jesus, eu creio que ressuscitaste e que está ao meu lado. Penso que me ouves. Apresento-te o que me perturba, os meus problemas: tenho fé em Ti e entrego-me a Ti”»^[1].

NO SEU discurso de despedida durante a Última Ceia, Jesus indica também outro motivo de consolo para viver os dias da Paixão: «Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fosse, como teria dito Eu que vos vou preparar um lugar? E quando Eu tiver ido e vos tiver preparado lugar, virei novamente e hei de levar-vos para junto de mim, a fim de que, onde Eu estou, vós estejais também» (Jo 14, 2-3). O Senhor dispõe-se a morrer para nos reservar um lugar no céu, um sítio que excede todas as expectativas que possamos criar com a nossa imaginação. Só sabemos que será para sempre—apesar de o tempo também ser um mistério— e que estaremos junto de Deus.

A ressurreição de Cristo não foi um milagre qualquer. Não consistiu simplesmente em voltar a dar vida a um corpo morto, como tinha sucedido antes com Lázaro (cf. Jo 11, 1-44) ou o jovem de Naim (cf. Lc 7, 11-17), porque eles, ao fim de um tempo, voltariam a morrer. Jesus rompeu as cadeias «para ir para um tipo de vida totalmente novo, para uma vida que já não está sujeita à lei do futuro e da morte, mas que está mais além disso; uma vida que inaugurou uma nova dimensão do homem»^[2].

Ao inaugurar esta nova dimensão, a vida que Jesus nos deu não responde à lógica de acumular sofrimentos aqui em baixo para depois gozar no Paraíso. Todos os santos, em muitas diversas circunstâncias e épocas, foram pessoas felizes, tal como S. Josemaria escrevia que «a felicidade do Céu é para os que sabem ser felizes na terra»^[3]. Cristo preparou-nos um futuro que ilumina o presente e nos enche de alegria também no nosso caminhar terreno. Deste modo, podemos reconhecer o amor de Deus em qualquer situação: na pobreza e na riqueza, na honra e na calúnia, na saúde

e na doença, na paz e na perseguição; em cada instante da nossa vida estamos a preparar para essa nova morada porque, na realidade, fomos criados para o céu (cf. Fl 4, 11-13).

TOMÉ responde às palavras de Jesus com uma pergunta cheia de sentido comum: «Como podemos nós saber o caminho?» (Jo 14, 5). Efetivamente, as duas propostas do Mestre – confiar n’Ele e a promessa do céu – não parecem tão simples de viver na prática. Tomé, como qualquer pessoa, está a procurar um pouco mais de segurança. De certo modo, é como se se interrogasse: «Como saberei se estou a seguir Deus ou se me estou a autoconvencer de que isto é o correto quando na realidade não o é?».

Filipe também quer uma confirmação e pede: «Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta» (Jo 14, 8). Jesus, no entanto, responde com uma pergunta: «Há tanto tempo que estou convosco e não me ficaste a conhecer, Filipe?» (Jo 14, 9). Talvez tivesse sido mais simples responder diretamente, mas Cristo deseja que o apóstolo encontre a resposta olhando para a sua própria vida. A experiência da sua relação com Jesus é muito mais forte do que qualquer discurso. A lembrança dos episódios vividos juntos – a alegria quando o chamou para o seguir, os primeiros milagres que viu e realizou, as conversas a sós – é o que o levará a confiar em Jesus quando surgirem situações como as da Paixão.

Nestas semanas de Páscoa podemos voltar «ali onde teve início a nossa história de amor com Jesus, onde ocorreu o primeiro chamamento. (...) Reviver o momento, a situação, a experiência em que encontramos o Senhor, experimentámos o seu amor e recebemos um olhar novo e luminoso sobre nós próprios, sobre a realidade, sobre o mistério da vida»^[4]. Então ser-nos-á mais fácil confiar em Jesus e nas suas promessas. Provavelmente a Virgem recordaria com frequência os momentos que marcaram a sua existência, sobretudo os relacionados com o seu Filho. Ela ajudar-nos-á a caminhar sem perder de vista o amor que alimentou a nossa vida e que continua a fazer.

NOTAS

[1] Francisco, Regina Cœli, 10/05/2020.

[2] Bento XVI, *Jesus de Nazaré* III.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 1005.

[4] Francisco, Homilia, 08/04/2023.

V domingo da Páscoa (Ciclo B)

Reflexão para meditar no V domingo da Páscoa (Ciclo B). Os temas propostos são: unidos à videira, que é Cristo; para dar mais fruto; somos todos ramos da mesma videira.

Sumário

- Unidos à videira, que é Cristo.
- Para dar mais fruto.
- Somos todos ramos da mesma videira.

O TRABALHO no campo é bem conhecido dos que ouvem Jesus. As vinhas são uma parte importante da História do povo de Israel, também nos seus textos sagrados. Por isso, Jesus Cristo centra-se num dos seus elementos e aplica-o à relação dos Apóstolos com Ele. «Eu sou a videira verdadeira e o meu Pai é o agricultor (...). Tal como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, mas só permanecendo na videira, assim também acontecerá convosco, se não permanecerdes em Mim» (Jo 15, 1-4).

«Ao encarnar-Se, o próprio Cristo veio a este mundo para ser o nosso fundamento. Em cada necessidade e aridez, Ele é a fonte que dá a água da vida, que nos sacia e fortalece. Ele mesmo carrega sobre Si todo o pecado, medo e sofrimento e, por fim, nos purifica e transforma misteriosamente em ramos bons, que dão vinho bom. Em tais momentos de necessidade, às vezes sentimo-nos como que sob uma prensa, à semelhança dos cachos de uva que são completamente esmagados. Mas sabemos que, unidos a Cristo, nos tornamos vinho generoso. Deus sabe transformar em amor mesmo as coisas pesadas e acabrunhadoras da nossa vida. Importante é ‘permanecermos’ na videira, em Cristo»^[1].

Vivermos unidos a Cristo é a chave da felicidade. E a unidade é fruto do amor. Por isso, as pessoas que se amam acabam por viver em sintonia de ideias, de vontades, de afetos. Acabamos por partilhar de tal forma as coisas

de cada um que aquilo que é dos outros me interessa como se fosse meu. Permitir que esta afinidade se enraíze na nossa relação com Jesus é fonte de alegria e de segurança. Podemos viver em união com Ele no diálogo da oração. Podemos crescer nesta identificação com Cristo pela graça que os sacramentos nos trazem.

PODE ACONTECER que passemos alguma época com pouco entusiasmo, em que parece haver menos luz. Repetem-se os dias em que tudo custa mais. É então a altura de recordar que é o Senhor Quem dá a vida, as flores e os frutos. As plantas são geralmente podadas no final do inverno, como preparação para a chegada da primavera. «Não ouviste dos lábios do Mestre a parábola da videira e das varas? – pergunta S. Josemaria –. Consola-te. Ele é exigente contigo porque és vara que dá fruto... E poda-te, “*ut fructum plus afferas*” – para que dê mais fruto. É claro: dói esse cortar, esse arrancar. Mas depois, que louçania nos frutos, que maturidade nas obras»^[2].

«Para produzir fruto Jesus viveu o amor até ao fim, deixando-se despedaçar pela morte como uma semente se deixa romper em baixo da terra. Precisamente ali, no ponto extremo do seu abaixamento – que é também o ponto mais elevado do amor – *brotou a esperança* (...). Ouve bem como é a transformação que a Páscoa realiza: Jesus transformou o nosso pecado em perdão, a nossa morte em ressurreição, o nosso medo em confiança. Eis porque na cruz nasceu e renasce sempre a nossa esperança; eis porque com Jesus toda a escuridão pode ser transformada em luz, as derrotas em vitórias, as desilusões em esperanças»^[3].

Sabendo que é Deus que quer cuidar de nós e tornar-nos melhores, queremos que Ele faça esse trabalho de remover o que estorva, de retirar o que sobra. Aprendemos a amar melhor, a confiar mais no Senhor. Ao preparar-nos para a nossa missão, Deus conta com as nossas confusões, com as incompreensões, os esforços que passam despercebidos. Assim, o nosso interior adquire nova vitalidade, a nossa capacidade de amar cresce, como Ele, com a raiz na Cruz. Tornamo-nos um pouco mais generosos, à imitação da divina magnanimidade de Cristo.

QUE MARAVILHA, então, saber que somos todos ramos da mesma videira! Esta realidade ajuda-nos a admirar as virtudes e os talentos dos outros, dando graças a Deus porque Ele embeleza e enche de frutos os nossos irmãos, parentes e amigos. Viveremos assim unidos a Cristo e entre nós. Saboreando na nossa alma esta paixão pela unidade, os erros dos que nos rodeiam não nos abalam, pois entendemo-los como um possível caminho de crescimento, tanto para a pessoa como para nós próprios. Não guardamos rancores nem desconfianças, queremos servir a todos, porque todos somos ramos unidos a Jesus.

Por isso, a união com Cristo é ao mesmo tempo união com todos os outros, a quem Ele se entrega. Não posso querer ter Cristo só para mim: «Os ramos não têm vida própria: só vivem se permanecerem unidos à videira

em que brotaram. A sua vida identifica-se com a da videira. A mesma seiva circula na videira e nos ramos, ambos dão o mesmo fruto. Existe, portanto, entre eles um laço indissolúvel, que simboliza muito bem o que existe entre Jesus e os seus discípulos: “Permanecei em mim, que Eu permaneço em vós” (Jo 15, 4)»^[4].

Sabemos que «o nosso amor não se confunde com uma atitude sentimental, nem com a simples camaradagem, nem com o afã pouco claro de ajudar os outros para demonstrarmos a nós mesmos que somos superiores. O nosso amor exprime-se em conviver com o próximo, em venerar – insisto – a imagem de Deus que há em cada homem, procurando que também ele a contemple, para que saiba dirigir-se a Cristo»^[5]. A criatura mais unida a Deus e que melhor refletiu o rosto de Cristo é a Virgem Santíssima, de quem Ele herdou a carne e o sangue. Ela pode recordar-nos que também nos ramos está o Senhor e que, como nós, também as nossas irmãs e irmãos na fé estão unidos à verdadeira Vide.

NOTAS

[1] Bento XVI, Homilia, 22/09/2011.

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 701.

[3] Francisco, Audiência Geral, 12/04/2017.

[4] S. João Paulo II, Audiência Geral, 25/01/1995.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 230.

V domingo da Páscoa (Ciclo C)

Reflexão para meditar no V domingo da Páscoa (Ciclo C). Os temas propostos são: a cruz é o caminho da glória; o nosso amor é a continuidade do de Jesus; o amor começa na própria casa.

Sumário

- A cruz é o caminho da glória.
- O nosso amor é a continuidade do de Jesus.
- O amor começa na própria casa.

DEPOIS do lava-pés, estando à mesa, Jesus quebra o silêncio e abre o seu coração: «Agora foi glorificado o Filho do homem e Deus foi glorificado n'Ele. Se Deus foi glorificado n'Ele, Deus também O glorificará em Si mesmo» (Jo 13, 31-32). A riqueza destas palavras entende-se no contexto da festa judaica da expiação, na qual o Sumo Sacerdote realiza o sacrifício por si mesmo, pelos outros sacerdotes e, por último, por todo o povo. O objetivo era voltar a dar a Israel a consciência da reconciliação com Deus, de ser o povo eleito.

Na oração sacerdotal daquela noite, Jesus, horas antes de se entregar na cruz, dirige-se ao Pai. «Sacerdote e vítima, Ele ora por Si próprio, pelos apóstolos e por todos aqueles que acreditam nele, pela Igreja de todos os tempos»^[1]. E essa glorificação de que o Senhor fala é a obediência plena à vontade de Deus. «Esta disponibilidade e este pedido são o primeiro ato do novo sacerdócio de Jesus, que é um doar-se totalmente na cruz, e precisamente na cruz – o supremo gesto de amor – Ele é glorificado, porque o amor é a glória autêntica»^[2].

«O amor verdadeiro exige sair de si mesmo, entregar-se. O autêntico amor traz consigo a alegria: uma alegria que tem as raízes em forma de Cruz»^[3]. Este é um mistério que encontrou o seu sentido à luz da ressurreição de Jesus. «Cada vez que olhamos para a imagem de Cristo

crucificado, pensemos que Ele, como verdadeiro Servo do Senhor, cumpriu a Sua missão dando a vida, derramando o Seu sangue para a remissão dos pecados»^[4].

NA ALTURA de anunciar aos seus apóstolos que deixava este mundo (cf. Jo 13, 33), Jesus proclama um mandamento novo: «Que vos ameis uns aos outros. Como Eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos» (Jo 13, 34-35). Quando o amor com que vivemos os cristãos é continuidade do de Jesus, prolonga-se a sua presença entre nós.

Pode chamar a atenção que Jesus chamasse «novo» a este mandamento, uma vez que no Antigo Testamento Deus tinha comunicado o preceito do amor. A novidade apoia-se, contudo, no modo e na origem desse amor: *novo* é «amar como Jesus amou». É isto que nos faz ser homens *novos*, pois implica dar a vida aos outros como Ele a deu; mais ainda: deixar que o próprio Cristo atue em nós. «A inserção do nosso eu no seu – “já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20) – é o que verdadeiramente conta (...). O mandamento novo não é simplesmente uma exigência nova e superior. Está unido à novidade de Jesus Cristo, ao submergir-se progressivamente n’Ele»^[5].

O amor do Filho de Deus que viveu entre nós é, na realidade, a fonte de todo o amor: não tem limites, abarca a todos, é capaz de transformar as dificuldades em ocasiões para amar mais. Utilizando umas palavras de S. Josemaria, podemos pedir a Deus com ousadia: «– Dá-me, Senhor, o amor com que queres que te ame»^[6].

AO DAR-NOS o mandamento novo, Jesus envia-nos a viver do seu amor, de maneira a sermos um sinal credível e eficaz de que o reino de Deus chegou ao mundo. Com o nosso modo de amar manifestamos aos nossos contemporâneos que realmente todas as coisas foram renovadas. Os pagãos do século I, admirados perante esta caridade nova, diziam: «Vede como se amam e como estão dispostos a morrer uns pelos outros!»^[7]. O

ambiente entre aqueles primeiros cristãos surpreendia os gentios: «Amam-se ainda antes de se conhecerem»^[8].

«O amor começa na própria casa – dizia Sta. Teresa de Calcutá –. Primeiro está a vossa família, depois a vossa cidade. É fácil pretender amar as pessoas que estão muito longe, mas é muito menos fácil amar os que convivem muito estreitamente connosco»^[9]. É em primeiro lugar às pessoas que estão mais perto de nós a quem mostramos esse amor que recebemos de Jesus. Superando as diferenças e olhando para o que nos une, nós, cristãos procuramos viver um amor que se manifesta em coisas palpáveis: «O próprio Jesus (...) fala-nos de coisas concretas: dar de comer aos famintos, visitar os enfermos. (...) Quando não há esta concretização, pode-se viver um cristianismo de ilusões, porque não se entende bem onde está o centro da menagem de Jesus»^[10].

Amar os outros como Cristo só é possível com a força que Ele nos comunica, especialmente na Eucaristia. Nela, o nosso coração dilata-se. Maria é também, juntamente com o seu Filho, modelo deste amor generoso e total, que sabe vencer todos os obstáculos.

NOTAS

[1] Bento XVI, Audiência, 25/01/2012.

[2] *Ibid.*

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 28.

[4] Francisco, *Angelus*, 30/08/2020.

[5] Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, II, cap. III.

[6] S. Josemaria, *Forja*, n. 270.

[7] Tertuliano, *Apologeticum*, c. 39.

[8] Minúcio Félix, *Octavius*, c. 9.

[9] Sta. Teresa de Calcutá, *Camino de sencillez*.

[10] Francisco, Homilia, 09/01/2014.

Segunda-feira da V semana da Páscoa

Reflexão para meditar na segunda-feira da V semana da Páscoa. Os temas propostos são: a Igreja está aberta a todos; humildade para que o Senhor possa atuar; Deus entrou na história.

Sumário

- A Igreja está aberta a todos.
- Humildade para que o Senhor possa atuar.
- Deus entrou na história.

PAULO E BARNABÉ percorrem o mundo conhecido levando a novidade que tinha mudado a sua vida radicalmente: o encontro pessoal com Cristo. Muitas vezes o Senhor faz com que, além das suas palavras, aqueles discípulos os acompanhem com milagres surpreendentes. Em Listra, por exemplo, curam um coxo de nascença. «Um dia em que escutava as palavras de Paulo, este fixou nele os olhos e, vendo que tinha fé para ser curado, disse-lhe com voz forte: «Levanta-te e põe-te direito sobre os pés». Ele levantou-se e começou a andar. Ao ver o que Paulo tinha feito, a multidão exclamou em licaónico: “Os deuses tomaram forma humana e desceram até nós”» (At 14, 9-11). O sucedido suscita tal admiração que os habitantes da zona os tomam por divindades que desceram à terra.

Durante a Páscoa, revivemos constantemente a energia dos primeiros cristãos: a vibração das suas viagens, dos seus encontros e discursos. «O Livro dos Atos revela a natureza da Igreja, que não é uma fortaleza, mas uma tenda capaz de alargar o seu espaço (cf. Is 54, 2) e de dar acesso a todos. A Igreja ou é “em saída” ou não é Igreja, ou está a caminho, alargando sempre o seu espaço para que todos possam entrar, ou não é Igreja (...). As igrejas devem ter sempre as portas abertas porque este é o símbolo do que é uma igreja. A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai (...). Assim, se alguém quiser seguir uma moção do Espírito e se

aproximar à procura de Deus, não esbarrará com a frieza duma porta fechada»^[1].

O encontro de Paulo e Barnabé com o mundo não judaico mostra a catolicidade da Igreja. A mensagem de Cristo está destinada a todos, seja qual for a sua proveniência geográfica ou cultural. As aventuras do livro dos Atos podem ser um bom manual de instruções para continuar com a alegria de evangelizar no meio das nossas tarefas quotidianas.

SURPREENDE que Deus tenha querido servir-se de cada um de nós para chegar a muitas pessoas. Podia tê-lo feito Ele diretamente, mas preferiu revelar-se nas relações humanas: no meio da amizade, da família, de uma comunidade, etc. E o Seu poder divino não é menor nos nossos dias do que o manifestado no meio dos primeiros cristãos.

«O Senhor fará de nós instrumentos capazes de realizar milagres e até, se for preciso, dos mais extraordinários – dizia S. Josemaria –. Daremos luz aos cegos... Quem não poderia contar mil casos de cegos, quase de nascença, que recobriram a vista, recebendo todo o esplendor da luz de Cristo? E de outros que eram surdos, e outros mudos, que não podiam ouvir ou articular uma palavra como filhos de Deus (...) Faremos milagres como os de Cristo, milagres como os dos primeiros Apóstolos... Talvez esses prodígios se tenham dado contigo mesmo, ou comigo... Talvez fôssemos cegos, ou surdos, ou estropiados, ou cheirássemos a cadáver, e a palavra do Senhor nos tivesse levantado da nossa prostração... Pois bem: se amamos Cristo, se o seguimos com sinceridade, se não nos procuramos a nós mesmos mas tão só a Ele, em seu nome poderemos transmitir a outros de graça, o que de graça nos foi concedido»^[2].

Nesta tarefa de levar a felicidade aos outros é importante aprofundar sempre na humildade de saber que é Deus quem atua no meio de nós. «Na medida em que aumenta a nossa união com o Senhor e se faz intensa a nossa oração, também nós vamos ao essencial e compreendemos que não é o poder dos nossos meios, das nossas virtudes e das nossas capacidades que realiza o Reino de Deus, mas é Deus que realiza maravilhas precisamente através da nossa debilidade, da nossa inadequação ao encargo. Por

consequente, devemos ter a humildade de não confiar simplesmente em nós mesmos, mas de trabalhar na vinha do Senhor, com a ajuda do Senhor»^[3].

S. JUDAS, no Evangelho de hoje, pergunta a Cristo algo que talvez também nos tenha passado pela cabeça: «Senhor, como é que Te vais manifestar a nós e não ao mundo?» (Jo 14, 22). «Porque o Ressuscitado não se manifestou em toda a sua glória aos seus adversários para mostrar que o vencedor é Deus? Porque se manifestou só aos Discípulos?»^[4].

A resposta de Cristo é misteriosa. Aparentemente não alude ao que foi perguntado pelo Seu apóstolo: fala de guardar a sua palavra que vivifica, de ser amado por Deus e de que seremos morada do Espírito Santo. Não sabemos porque quis o Senhor fazer as coisas de determinada maneira e não de outra. Sabemos, sim, que os seus desígnios são sempre os mais sábios. E, na sua imensa sabedoria, para se revelar aos homens quis contar com a liberdade humana e com todas as consequências de querer entrar na lógica da história. «O revelar-se de Deus na história, para entrar em relação de diálogo de amor com o homem, dá um novo sentido a todo o caminho humano. A história não é um simples suceder-se de séculos, anos e dias, mas é o tempo de uma presença que lhe confere pleno significado, abrindo-a a uma esperança sólida»^[5].

Certo é que Deus quis contar com cada um de nós. «Não sei o que se passará contigo – escrevia S. Josemaria –, mas preciso de te confiar a minha emoção interior, depois de ler as palavras do profeta Isaías: “*Ego vocavi te nomine tuo, meus es tu!*”. Eu chamei-te, trouxe-te à minha Igreja, és meu! Que Deus me diga a mim que sou dele! É para enlouquecer de Amor!»^[6]. Podemos pedir a Santa Maria que nos encha de um orgulho santo por termos sido chamados pelo Senhor para propagar o seu anúncio, tal como Paulo e Barnabé; e que, ao mesmo tempo, não nos falte a humildade de saber que é Deus que opera tudo o que de bom há em nós.

NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 23/10/2019.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 262.

[3] Bento XVI, Audiência, 13/06/2012.

[4] Bento XVI, Audiência, 11/10/2006.

[5] Bento XVI, Audiência, 12/12/2012.

[6] S. Josemaria, *Forja*, n. 12.

Terça-feira da V semana da Páscoa

Reflexão para meditar na terça-feira da V semana da Páscoa. Os temas propostos são: a paz que vem de Deus; um fruto da Santa Missa; a paz, consequência da luta.

Sumário

- A paz que vem de Deus.
- Um fruto da Santa Missa.
- A paz, consequência da luta.

AQUELES QUE CONVIVERAM com o Beato Álvaro del Portillo contam que ele encarnava muito bem aquelas palavras de S. Josemaria recolhidas em *Forja*: «Característica evidente de um homem de Deus, de uma mulher de Deus, é a paz na alma: tem “a paz” e dá “a paz” às pessoas com quem convive»^[1]. Trata-se de um desejo de todos os corações: alcançar a paz, não viver na incerteza, estar convencido de que não há tristezas que não tenham consolo. Contudo, não é fácil consegui-lo: há sempre algo que não funciona, limitações com as quais temos de conviver, acontecimentos que parecem irremediáveis... Para ter uma paz duradoura e transmiti-la aos outros, os nossos esforços contam, mas o mais importante é encontrar em Deus a sua fonte inesgotável.

«A paz que o mundo nos propõe é uma paz sem tribulações; uma paz artificial, que se reduz à tranquilidade; uma paz que só se importa com as situações e seguranças de cada um, que nunca nos falte nada (...). É uma tranquilidade que nos torna fechados, incapazes de ver mais além. O mundo ensina-nos o caminho da paz com anestesia; anestesia-nos para que não vejamos outra realidade da vida: a cruz. Por isso, S. Paulo diz que para se entrar no Reino dos Céus temos de sofrer muitas tribulações. Mas será possível ter paz na tribulação? Só por nós, não (...). As tribulações existem: dor, doença, morte... A paz que Jesus dá é um presente: é um dom do Espírito Santo»^[2].

É no trato com o Senhor que encontramos a segurança de que precisamos para nós próprios e para os outros. Só Ele tem a chave. Todos os sonhos de felicidade se realizam em Cristo. Também nós desejamos essa paz que se difunde naturalmente porque transmite a forma mais verdadeira de ver as coisas: com os olhos de Deus.

COMOVEM-NOS as palavras que o Senhor dirigiu aos Apóstolos na Última Ceia e que ressoam no Evangelho de hoje: «Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não vo-la dou como a dá o mundo. Não se perturbe nem intimide o vosso coração» (Jo 14, 27). Que preocupações nos fazem perder a calma? O que é que faz tremer ou vacilar o nosso coração? Só no Senhor encontraremos repouso, a verdadeira paz de saber que o único descanso é colocarmo-nos nas mãos de Deus. «Fomenta na tua alma e no teu coração, na tua inteligência e no teu querer – dizia S. Josemaria – o espírito de confiança e de abandono na amorosa vontade do Pai celeste. Daí nasce a paz interior por que anseias»^[3].

Em cada Santa Missa experimentamos essa comunicação da paz que só Deus concede. Pouco antes de receber a comunhão, depois do Pai-Nosso, o sacerdote abre os seus braços a toda a humanidade e diz: «A paz do Senhor esteja convosco». A mais profunda serenidade de espírito brota do altar. Todo o bem da Igreja, de cada cristão, de cada homem, nasce de Jesus Cristo, do Santo Sacrifício do Calvário. Um cristão que vive unido à Missa, «que vive unido ao Coração de Jesus, não pode ter outros objetivos senão estes: a paz na sociedade, a paz na Igreja, a paz na sua própria alma, a paz de Deus, que se consumará quando vier a nós o seu Reino»^[4].

S. Josemaria escreveu: «*Eu tenho pensamentos de paz e não de aflição*, declarou Deus pela boca do profeta Jeremias. A liturgia aplica estas palavras a Jesus, porque n'Ele se nos manifesta com toda a clareza que é assim que Deus nos ama. Não vem para nos condenar, para nos lançar em rosto a nossa indigência ou a nossa mesquinhez: vem para nos salvar, para nos perdoar, para nos desculpar, para nos trazer a paz e a alegria»^[5].

S. TOMÁS de Aquino explica, tomando a lista de S. Paulo sobre os dons e os frutos do Espírito Santo, que aquele que «vive em caridade permanece em Deus e Deus permanece nele. Daí que a consequência da caridade seja a alegria. Mas a perfeição da alegria é a paz»^[6]. E, ao mesmo tempo, isto implica que «não sejamos perturbados pelas coisas exteriores e que os nossos desejos repousem numa só coisa. Por isso, depois da caridade e da alegria, em terceiro lugar, vem a paz»^[7], que nos facilita colocar o Senhor em primeiro lugar e afastar-nos daquilo que nos afasta d'Ele. Na vida interior, a iniciativa depende d'Ele e da sua graça. Ao mesmo tempo, com a sua ajuda, podemos fortalecer a nossa correspondência, a nossa luta pessoal: «Escreves-me e copio: “A minha alegria e a minha paz. Nunca poderei ter verdadeira alegria se não tiver paz. E o que é a paz? A paz é consequência da vitória. A paz exige de mim uma contínua luta. Sem luta, não poderei ter paz”»^[8].

S. Josemaria ensinava que a paz é consequência da guerra, não de uma guerra qualquer, mas principalmente daquela que cada um mantém consigo mesmo: descartando o egoísmo, trabalhando os seus desejos para os tornar mais parecidos com os de Jesus, concentrando as suas forças na difusão do bem, e assim por diante. Em suma, esforçando-se por realizar o que agrada a Deus e afastando-se do que afasta d'Ele. Para ter paz e dar paz, em certo sentido, temos de nos conquistar pouco a pouco. Poder-se-ia dizer que quando se está em guerra com o mundo, não se está em paz consigo mesmo. «Os homens estão sempre a fazer as pazes, e andam sempre envolvidos em guerras, porque esqueceram o conselho de lutar por dentro, de recorrer ao auxílio de Deus, para que Ele vença, e consigam assim a paz no próprio eu, no próprio lar, na sociedade e no mundo»^[9].

A Santíssima Virgem é Rainha da Paz porque viveu pendente do Senhor, apesar dos sofrimentos e das vicissitudes desconcertantes da sua vida. Pedimos-lhe que nos dê tranquilidade e serenidade quando surgem as dificuldades pessoais, familiares e sociais.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Forja*, n. 649.

[2] Francisco, Homilia, 16/05/2017.

[3] S. Josemaria, *Sulco*, n. 850.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 170.

[5] *Ibid.*, n. 165.

[6] S. Tomás de Aquino, *Suma Teológica I-II*, q. 70, a 3.

[7] *Ibid.*

[8] S. Josemaria, *Caminho*, n. 308.

[9] S. Josemaria, *Forja*, n. 102.

Quarta-feira da V semana da Páscoa

Reflexão para meditar na quarta-feira da V semana da Páscoa. Os temas propostos são: permanecer perto de Jesus com a oração; a Sua palavra transforma-nos; os frutos de estar unido à cepa.

Sumário

- Permanecer junto de Jesus com a oração.
- A Sua palavra transforma-nos.
- Os frutos de estar unido à cepa.

DURANTE ESTES dias entre a Páscoa e o Pentecostes, a liturgia apresenta-nos muitas palavras que, na altura, os apóstolos não compreenderam em toda a sua profundidade, uma vez que o Paráclito ainda não tinha sido enviado. Assinalamos, por exemplo, a comparação entre a videira e os ramos: «Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em Mim» (Jo 15, 4).

«Jesus é a videira e através dele, como a seiva na árvore, o próprio amor de Deus, o Espírito Santo, passa para os ramos (...). Os ramos não são autossuficientes, mas são totalmente dependentes da videira, onde encontram a fonte da sua vida. Assim é para nós cristãos: inseridos pelo Batismo em Cristo, recebemos gratuitamente o dom da vida nova, e podemos permanecer em comunhão vital com Cristo. É necessário permanecer fiel ao Batismo, e crescer na amizade com o Senhor através da oração diária, da escuta e docilidade à sua Palavra, e da participação nos sacramentos, especialmente na Eucaristia e na Reconciliação^[1].

A oração mental, que procura sair do anonimato para construir uma relação íntima e pessoal com Jesus, é imprescindível para nos alimentarmos da videira. Quanto precisamos desses minutos de silêncio, de solidão, de olhar sem pressa para Jesus, seja no Sacrário ou no íntimo do nosso

coração, onde quer que nos encontremos. «Seguir Cristo: este é o segredo. Acompanhá-lo tão de perto que vivamos com Ele, como os primeiros doze; tão de perto que nos identifiquemos com Ele (...). O Senhor reflete-se na nossa conduta, como num espelho. Se o espelho for como deve ser, refletirá o rosto amabilíssimo do nosso Salvador sem desfiguração, sem caricatura: e os outros terão a possibilidade de o admirar, de o seguir»^[2].

VÓS JÁ estais limpos, por causa da palavra que vos anunciei. Permanecei em Mim e Eu permanecerei em vós» (Jo 15, 4). O diálogo pessoal com Cristo permite-lhe entrar nas nossas circunstâncias concretas e iluminar o nosso mundo. «Através da oração, a Palavra de Deus vem viver em nós e nós vivemos nela. A Palavra inspira boas resoluções e sustenta a ação; dá-nos força, dá-nos serenidade, e também, quando nos coloca em crise, dá-nos paz. Em dias “tortos” e confusos, assegura ao coração um núcleo de confiança e amor que o protege dos ataques do maligno^[3].

Precisamos que as palavras do Senhor nos confortem, que acendam em nós a convicção de que somos os seus ramos. Ajuda-nos tanto que, no meio de dificuldades, a sua presença pode encher as nossas almas de segurança. E queremos também partilhar as boas notícias com Jesus, levantando os olhos ao céu numa atitude de gratidão. «Dificuldades e contrariedades – dizia S. Josemaria – desaparecem assim que nos aproximamos de Deus na oração. Vamos e falemos humilde e francamente com Jesus, tendo em conta que aquele que trata com simplicidade vai com confiança, e imediatamente haverá luz, e a paz, a serenidade e a alegria virão^[4].

«A Palavra de Deus, impregnada do Espírito Santo, quando é recebida com o coração aberto, não deixa as coisas como eram antes, muda sempre alguma coisa. E esta é a graça e a força da Palavra de Deus^[5]. Guardar as palavras de Cristo significa conservá-las no nosso coração, torná-las nossas e abrimo-nos para que elas transformem gradualmente a nossa existência. Em suma, elas vão-nos podando para gerar nova vida, como diz o Senhor: «Eu sou a verdadeira vide e meu Pai é o agricultor. (...) Limpa todo aquele que dá fruto, para que dê ainda mais fruto» (Jo 15, 1-2).

O SENHOR continua o seu discurso. Ele quer que guardemos as suas palavras, ele quer que da nossa união com ele surjam muitos frutos. «Se permanecerdes em Mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes e ser-vos-á concedido. A glória de meu Pai é que deis muito fruto. Então vos tornareis meus discípulos» (Jo 15, 7-8). «Permanecendo unidos a Cristo – diz Sto. Agostinho –, que mais se pode desejar senão o que é conforme a Cristo? (...). Permanecendo nele e guardando em nós as suas palavras, pediremos o que quisermos, e tudo nos será concedido. Pois se não obtemos o que pedimos, é porque não pedimos o que permanece nele nem o que está contido nas suas palavras»^[6].

Quem permanece unido à videira, quem pede com convicção, quem sonha em guardar na sua alma cada gesto do Salvador, torna-se uma pessoa de quem flui a vida de Deus. Na vida interior, as colheitas “acontecem” de uma forma diferente da natural, porque são medidas pelo amor. A fé leva-nos para além daquilo em que teríamos pensado, leva-nos a viver a vida divina. Que fruto maior poderíamos desejar? Se Deus quiser, talvez vejamos a mesma coisa acontecer noutras pessoas, em ramos novos, quando Ele quiser. S. Josemaria disse: «Tendes de ser, repito, colírio e fortaleza para os outros, tendes de estar conscientes de que o Senhor disse: *sine me, nihil potestis facere* – sem mim, nada podeis fazer –. Mas, com ele, somos onnipotentes e dizemos com o apóstolo: *omnia possum in eo qui me confortat* – tudo posso n’Aquele que me conforta»^[7].

Na realidade, todos «os frutos desta união profunda com Jesus são maravilhosos: toda a nossa pessoa é transformada pela graça do Espírito: alma, inteligência, vontade, afetos, e também o corpo, porque somos uma unidade de espírito e corpo. Recebemos uma nova forma de ser, a vida de Cristo torna-se também a nossa: podemos pensar como Ele, agir como Ele, ver o mundo e as coisas com os olhos de Jesus. Como consequência, podemos amar os nossos irmãos e irmãs, começando pelos mais pobres e pelos que sofrem, como ele fez, e amá-los com o coração e assim trazer ao mundo frutos de bondade, caridade e paz»^[8]. Como Santa Maria, que guardava as palavras do Senhor no seu coração, queremos que elas permaneçam no nosso.

NOTAS

[1] Francisco, Regina Cæli, 03/05/2015

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 299.

[3] Francisco, Audiência geral, 27/01/2021.

[4] S. Josemaria, *Cartas 2*, 54b.

[5] *Ibid.*

[6] Sto. Agostinho, *Comentário ao Evangelho de S. João*, 81, 4.

[7] S. Josemaria, *Cartas 27*, n. 17.

[8] Francisco, Regina Cæli, 03/05/2015.

Quinta-feira da V semana da Páscoa

Reflexão para meditar na quinta-feira da V semana da Páscoa. Os temas propostos são: como Cristo nos amou; renovar o amor ao longo do tempo; amar no presente.

Sumário

- Como Cristo nos amou.
- Renovar o amor ao longo do tempo.
- Amar no presente.

DURANTE A ÚLTIMA CEIA, Jesus confessa: «Assim como o Pai Me amou, também Eu vos amei» (Jo 15, 9). É possível que os apóstolos não tenham compreendido bem essas palavras, pois ainda não tinham experimentado a Paixão do Senhor. Mais tarde, devem ter ficado surpreendidos por essa entrega de Deus até a morte, por esse enorme mistério que supera a nossa capacidade. «Jesus entregou-se voluntariamente à morte para corresponder ao amor de Deus Pai, em união perfeita com a sua vontade, para demonstrar o seu amor por nós. Na cruz, Jesus ‘amou-me e entregou-se a si mesmo por mim’ (Gl 2, 20). Cada um de nós pode dizer: amou-me e entregou-se por mim. O que significa tudo isto para nós? Significa que este é também o meu caminho»^[1].

Como vimos há algumas semanas, no Tríduo Pascal «Jesus não apenas nos falou, não nos deixou só palavras. Ofereceu-Se a Si mesmo. Lava-nos com o poder sagrado do seu sangue, isto é, com o seu doar-se “até ao extremo”, até à Cruz. A sua palavra é mais que um mero discurso; é carne e sangue “pela vida do mundo” (Jo 6, 51). Nos sagrados Sacramentos, o Senhor ajoelha-se sempre de novo aos nossos pés e purifica-nos. Peçamos-lhe que o banho sagrado do seu amor possa verdadeiramente penetrar-nos e purificar-nos cada vez mais!»^[2].

A vida cristã leva-nos a procurar amar e servir os outros como Cristo fez. Entregar-se totalmente, com decisão e generosidade. No final, a única coisa importante será quanto e como fomos capazes de amar no tempo que tivemos neste mundo. Ao mesmo tempo, não ignoramos as nossas limitações: sem a ajuda de Deus, não somos capazes de um amor assim. Esta tarefa de amar como Cristo é sempre nova «no sentido de que não a cumprimos plenamente; nunca conseguimos amar “como eu vos amei”, quando a pessoa que o diz é a Caridade infinita, é o próprio amor»^[3]. Precisamos que Cristo nos entusiasme e nos dê a sua própria vida, a sua capacidade de amar até o fim.

NA CENA que lemos no Evangelho de hoje, o Senhor continua a falar da sua chamada, da sua predileção por nós, Ele quer-nos sempre perto de si: «Permanecei no meu amor» (Jo 15, 9). O amor de Deus por nós é o fundamento da nossa vida e da nossa capacidade de amar. Ele quis o nosso temperamento, o nosso ambiente, a nossa liberdade, as nossas capacidades, e também conta com as nossas limitações e defeitos. Permanecer nesse primeiro amor é prolongar por toda a vida aquela inquietação de coração tão característica dos jovens, mesmo que o tempo passe.

No caminho da vida, podemos sentir o desejo do coração de expandir o amor que recebemos e damos. Talvez o encontremos em tantas coisas boas do mundo: a natureza, os amigos, a beleza da verdade e assim por diante. O desejo que surge nesses momentos aponta para algo maior, pois comprovamos que, embora sejam realidades nobres, não são suficientes para cumprir os nossos anseios. «É Jesus a quem buscais quando sonhais a felicidade; é Ele quem vos espera, quando nada do que encontrais vos satisfaz; Ele é a beleza que tanto vos atrai; é Ele quem vos provoca com aquela sede de radicalidade que não vos deixa ceder a compromissos; é Ele quem vos impele a depor as máscaras que tornam a vida falsa; é Ele quem vos lê no coração as decisões mais verdadeiras que outros queriam sufocar. É Jesus quem suscita em vós o desejo de fazer da vossa vida algo de grande, a vontade de seguir um ideal, a recusa de vos deixardes submergir pela mediocridade, a coragem de vos empenhardes, com humildade e perseverança, no aperfeiçoamento de vós próprios e da sociedade, tornando-a mais humana e fraterna»^[4].

S. Josemaria dizia que «a liberdade renova o amor, e renovar-se é ser continuamente jovem, generoso, capaz de grandes ideais e de grandes sacrifícios. Lembro-me de que tive uma grande alegria quando soube que os portugueses chamam aos jovens, *os novos*. E é o que são. Conto-vos este pormenor porque tenho já bastantes anos mas, ao rezar ao pé do altar ao Deus que alegra a minha juventude, sinto-me muito jovem e sei que nunca chegarei a considerar-me velho porque, se permanecer fiel ao meu Deus, o Amor me vivificará continuamente; a minha juventude renovar-se-á como a da águia»^[5].

DESDE QUE O SENHOR entrou mais intensamente em nossas vidas, procurámos segui-Lo com o entusiasmo dos apóstolos; eles, ao descobrir o verdadeiro significado das suas vidas, puseram-se imediatamente a caminho. «Porquê imediatamente? Simplesmente porque se sentiram atraídos. Não foram rápidos e decididos e por terem recebido uma ordem, mas porque foram atraídos pelo amor. Para seguir Jesus, não bastam os bons propósitos; é preciso ouvir dia a dia a sua chamada. Só Ele, que nos conhece e ama profundamente, nos leva a navegar no mar profundo da vida, como fez com os discípulos que O ouviram. Por isso, precisamos da sua Palavra: precisamos de escutar, no meio de tantas palavras de cada dia, a única Palavra que não nos fala de coisas, mas nos fala de vida»^[6].

Em cada etapa da vida, nas novas circunstâncias que vamos encontrando, podemos descobrir diferentes manifestações desse amor que determinou a nossa entrega. Cada vez será mais maduro, porque sabe com quem caminha e por quem se entrega; sabe que vale a pena; de certo modo, cumpre a sua missão com maior consciência e liberdade. S. Josemaria lembra que «a entrega de cada um de nós foi dom de si, generoso e desprendido; porque conservamos essa entrega, a fidelidade é uma doação continuada: um amor, uma liberalidade, um desprendimento que perdura, e não simples resultado da inércia»^[7]. Amamos o Senhor no presente, com a juventude do primeiro e fundamental amor que não passa, porque Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre. E mesmo que os anos passem e as nossas circunstâncias mudem, aquele amor que o nosso coração guarda continua sendo a fonte da vida, porque Jesus nos ama, de modo novo, cada dia.

Neste percurso, «a experiência da fraqueza pessoal própria e alheia, em comparação com a proposta formidável que a fé cristã e o espírito da Obra nos apresentam, não nos deve causar desânimo. Diante do desencanto que a desproporção entre o ideal e a pobre realidade da nossa vida possa produzir-nos, tenhamos a segurança de que podemos recomeçar todos os dias com a força da graça do Espírito Santo»^[8] e com a ajuda de nossa Mãe, Maria.

NOTAS

[1] Francisco, Audiência Geral, 27/03/2013.

[2] Bento XVI, Homilia, 20/03/2008.

[3] Fernando Ocáriz, *À luz do Evangelho*.

[4] S. João Paulo II, Discurso, 19/08/2000.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 31.

[6] Francisco, Homilia, 26/01/2020.

[7] S. Josemaria, *Cartas 2*, n. 12.

[8] Fernando Ocáriz, Carta Pastoral, 28/10/2020.

Sexta-feira da V semana da Páscoa

Reflexão para meditar na sexta-feira da V semana da Páscoa. Os temas propostos são: o dom de sermos amados por Deus; Jesus permanece próximo de nós; toda a missão é missão de serviço.

Sumário

- O dom de sermos amados por Deus.
- Jesus permanece próximo de nós.
- Toda a missão é missão de serviço.

AO LONGO dos anos, ao lançar o olhar para trás, os apóstolos recordariam as palavras de Jesus na Última Ceia. No Cenáculo, tantas aventuras dos últimos três anos pareceriam longínquas, inclusive de pouca importância, porque agora entendiam que o Senhor os queria para algo maior. As suas vidas terão um sentido mais profundo, um alcance mais extenso: o mundo inteiro. As palavras do Senhor ficariam para sempre nas suas almas: «Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando» (Jo 15, 14). Amigos do próprio Filho de Deus. Talvez lhes custasse a acreditar, mas era verdade. O Senhor afirmaria logo a seguir que ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos. E é precisamente o que Jesus fez por nós: reconhece-nos como amigos e dá-nos a sua própria vida, especialmente no tesouro dos sacramentos. Por isso falamos de “graça”, porque se trata de um dom imerecido. Brota em nós uma resposta de confiança total quando vislumbramos o «amor gratuito e “apaixonado” que Deus tem por nós e que se manifesta plenamente em Jesus Cristo»^[1].

Temos fé no amor do Senhor por cada uma e cada um. Esse facto embeleza a vida, dá-lhe um sentido, uma direção e um fundamento. Permite-nos tingir a nossa existência de felicidade e de santidade. Vai-se expandindo ao longo dos anos. O eco da voz de Cristo no Cenáculo devolve-nos, uma e outra vez, também hoje, a segurança desse amor. «Não é difícil imaginar os sentimentos do Coração de Jesus Cristo naquela tarde,

a última que passava com os seus antes do sacrifício do Calvário. Lembremo-nos da experiência tão humana da despedida de duas pessoas muito amigas. Desejariam ficar sempre juntas, mas o dever – ou seja o que for – obriga-as a afastar-se uma da outra. Não podem, portanto, continuar uma junto da outra, como seria do seu gosto. Nestas ocasiões, o amor humano, que por maior que seja, é sempre limitado, costuma recorrer aos símbolos. As pessoas que se despedem trocam lembranças entre si, talvez uma fotografia onde se escreve uma dedicatória tão calorosa, que até admira que não arda o papel. Mas não podem ir além disso, porque o poder das criaturas não vai tão longe como o seu querer. Ora o que não está na nossa mão, consegue-o o Senhor. Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito Homem, não deixa um símbolo, mas uma realidade. Fica Ele mesmo»^[2].

CADA UM consegue recordar-se do momento em que Cristo se meteu mais dentro da sua vida, quando já não se podia estar sem Ele. Para qualquer cristão, essa companhia do Senhor que não nos faltará representa o ponto de partida da missão apostólica. Pedro, João, Judas Tadeu, Tiago, Filipe... Todos os apóstolos entendem que essa missão de horizonte amplo constitui a razão da sua existência. Não conseguem ocultar a alegria da amizade e da escolha de Cristo. Aventurar-se-ão por caminhos poeirentos e sulcarão mares em tormenta e em bonança, serão perseguidos e testemunhas de conversões... Tudo valerá a pena porque nada os afasta do amor de Deus.

«Quando, no Evangelho, Jesus convida os discípulos em missão, não os engana com fantasias de êxito fácil; pelo contrário, avisa-os claramente que o anúncio do Reino de Deus acarreta sempre uma oposição (...). A única força do cristão é o Evangelho. Nos momentos de dificuldade, Jesus está diante de nós e não deixa de acompanhar os seus discípulos (...). No meio do turbilhão, o cristão não perde a esperança pensando ter sido abandonado. Jesus tranquiliza-nos dizendo: «Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados» (Mt 10, 30). Nenhum sofrimento do homem, nem sequer o mais pequeno e escondido é invisível aos olhos de Deus. Deus vê, protege e dará a sua recompensa. Efetivamente, no meio de nós existe alguém que é mais forte do que o mal»^[3].

Dareis fruto duradouro, vem-nos dizer o Senhor; porque vos destinei a algo grande, bonito, a partilhar aquilo que vistes e ouvistes, a levá-lo até ao último recanto desta terra. E como é missão que o próprio Deus nos confia, a sua eficácia permanece firme, mesmo que nem sempre possamos medir os resultados com os nossos próprios parâmetros. Dizia S. Josemaria que «Jesus é simultaneamente o semeador, a semente e o fruto da sementeira»^[4]. Assim atravessaremos as ocorrências da história com esperança firme e renovada.

QUALQUER MISSÃO confiada por Cristo é uma missão de amor e serviço. Qualquer cristão, desde o último batizado até aos sucessores dos apóstolos, vive a sua chamada como verdadeira entrega aos outros. «Nunca esqueçamos que o verdadeiro poder é o serviço e que também o Papa, para exercer o poder, deve entrar cada vez mais nesse serviço que tem o seu auge luminoso na cruz»^[5]. Servir é uma palavra bonita: Cristo é servo sofredor, Maria é serva do Senhor. Só serve quem sabe amar e, por sua vez, só ama quem aprendeu a servir. Colocar-se no lugar do outro, pensar nos outros, não se impor, aceitar pontos de vista diferentes, gostos distintos, advertir o carinho do Senhor por cada alma, cuidar dos outros através do nosso trabalho... Tudo isso é aprender a amar.

«Dei-vos a conhecer tudo o que ouvi a meu Pai» (Jo 15, 15), diz-nos Jesus. Por isso, estamos chamados também a um serviço que é vibração apostólica, a mesma que nos transmite o Senhor; partilhar o que vivemos e o que nos enche de entusiasmo e de paz. «Deus criou o homem de tal maneira que não pode deixar de partilhar com outros os sentimentos do seu coração: se recebeu uma alegria, nota nele uma força que o leva a cantar e a sorrir, a fazer – seja de que modo for – com que outros participem da sua felicidade»^[6].

«Com obras de serviço – escrevia S. Josemaria –, podemos preparar a Nosso Senhor um triunfo maior que o da sua entrada em Jerusalém... Porque não se repetirão as cenas de Judas, nem a do Jardim das Oliveiras, nem aquela noite cerrada... Conseguiremos que arda o mundo nas chamas do fogo que veio trazer à terra!...»^[7]. Como na Santíssima Virgem, acende-se em nós, apesar das normais dificuldades, o desejo de servir cada pessoa.

«Ó Mãe!: que a nossa alegria seja como a tua – a de estar com Ele e de O possuir!»^[8].

NOTAS

- [1] Bento XVI, Mensagem, 15/10/2012.
- [2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 83.
- [3] Francisco, Audiência general, 28/06/2017.
- [4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 151.
- [5] Francisco, Homilia, 19/03/2013.
- [6] S. Josemaria, *Cartas 37*, n. 16.
- [7] S. Josemaria, *Forja*, n. 947.
- [8] S. Josemaria, *Sulco*, n. 95.

Sábado da V semana da Páscoa

Reflexão para meditar no sábado da V semana da Páscoa. Os temas propostos são: pacientes como Cristo; todas as coisas contribuem para o nosso bem; a oração fortalece-nos.

Sumário

- Pacientes como Cristo.
- Todas as coisas contribuem para o nosso bem.
- A oração fortalece-nos.

DIRIGIMOS o nosso olhar com atenção para o Senhor, especialmente nos dias da sua Paixão e Morte. Observámos Cristo paciente: no seu silêncio perante os acusadores, na serenidade das respostas ao juiz romano, ao deixar as costas prontas para a flagelação, com as mãos pregadas ao madeiro... E admirámo-l'O também na majestade dos seus gestos no alto do Calvário. «Se o mundo vos odeia – diz-nos Ele no Evangelho de hoje –, sabeis que primeiro Me odiou a Mim» (Jo 15, 18). Sabemos que se refere ao pecado, ao que neste mundo se opõe ao Reino de Deus. Desejamos essa fortaleza com que o Senhor enfrentou as adversidades e que tem muito a ver com a paciência.

«Quem sabe ser forte – diz S. Josemaria – não se deixa dominar pela pressa em colher o fruto da sua virtude; é paciente. A fortaleza leva-o a saborear a virtude humana e divina da paciência. “Mediante a vossa paciência, possuireis as vossas almas” (Lc 21, 19). (...) A posse da alma é colocada na paciência porque, na verdade, ela é raiz e guardiã de todas as virtudes. Nós possuímos a alma pela paciência, porque, aprendendo a dominar-nos a nós mesmos, começamos a possuir aquilo que somos»^[1]. Cultivando a virtude humana da paciência, ganhamos em serenidade e moderação, em visão sobrenatural, porque Deus é paciente.

Além disso, quem a possui é capaz de dar paz e pacificar os outros; é dono de si mesmo, não luta contra o tempo e pode dedicá-lo àqueles que o necessitam. Mais ainda: não devolve o ódio, nem se aborrece com aqueles que o podem desprezar ou tratar sem consideração. A paciência leva-o a estar por cima, com uma dignidade cheia de carinho por cada pessoa, como Cristo na cruz: sempre a olhar mais além, com os olhos fixos na história da redenção ao longo dos séculos.

ESCURTAMOS muitas vezes a conhecida expressão de S. Paulo de que S. Josemaria gostava tanto: «Tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus» (Rm 8, 28). Não são simplesmente palavras para serem repetidas em momentos difíceis, para tranquilizar a consciência ou calar a mente, virando as costas à realidade. Pelo contrário. Deus é infinitamente bom: aprendemos na catequese e experimentámo-lo desde os primeiros momentos do nosso encontro com Cristo. Portanto, para aqueles que desejam amá-l'O, para aqueles que são e se sabem filhos de um Deus todopoderoso, como pode alguma coisa não contribuir para o seu bem?

Mesmo que as circunstâncias do mundo sejam por vezes hostis para conosco, nunca poderão vencer o amor inesgotável do Senhor. Por isso, podemos «alimentar a nossa confiança na graça de Deus (...), assumir, com todas as suas consequências, uma atitude quotidiana de abandono cheio de esperança, fundamentada na filiação divina»^[2]. Esse abandono paciente em Deus é o melhor cenário em que se trava a nossa luta. Se sabemos que tudo pode contribuir para o nosso bem, saberemos começar e recomeçar sem colocar as nossas forças noutra lugar a não ser no próprio Deus.

Daí que «paciente não é aquele que foge do mal, mas aquele que não se deixa arrastar pela sua presença para um desordenado estado de tristeza»^[3]. Assim, não haverá acontecimentos que nos possam roubar a esperança, nem amarguras que arruinem a nossa alegria. «Um remédio contra essas tuas inquietações: ter paciência, retidão de intenção, e olhar as coisas com perspectiva sobrenatural»^[4].

«CONCEDEI que os vossos filhos, regenerados para a esperança da imortalidade, alcancem com a vossa ajuda a plenitude da glória», dizemos na oração coletiva de hoje. Como é importante recorrer ao Senhor, confiar na Sua ajuda, sabendo que Ele nunca nos deixará. E especialmente para o mais importante: crescer no amor de Deus, ampliar os nossos corações pela caridade e enchê-los com Ele e com os outros, porque queremos ir para o céu através deste nosso mundo que amamos.

A oração é um momento ideal para pedir a paciência necessária para avançar, cada vez mais confiados, cada dia mais apaixonados por esse Deus que vive em nós. «Não há outro dia maravilhoso, a não ser o hoje que vivemos. As pessoas que vivem sempre a pensar no futuro: “Mas o futuro será melhor...”, e não vivem o hoje como vem: são pessoas que vivem na fantasia, não sabem assumir o concreto da realidade. E o hoje é real, o hoje é concreto. E a oração tem lugar no hoje. Jesus vem ao nosso encontro hoje, neste hoje que vivemos. E é a oração que transforma este hoje em graça, ou melhor, que nos transforma: apazigua a raiva, sustenta o amor, multiplica a alegria, infunde a força de perdoar»^[5].

A ajuda do Senhor não nos vai faltar: o nosso Pai que está nos céus dar-nos-á coisas boas se lhas pedirmos (cf. Mt 7, 9-11), especialmente o auxílio para não desanimarmos nem perdermos a paciência nas dificuldades; embora haja sempre dificuldades, como dizia S. Josemaria, «se formos fiéis, teremos a força dos humildes, porque eles vivem identificados com Cristo. Filhos, nós somos o permanente; o resto é transitório. Não acontece nada!»^[6]. Podemos pedir a Maria, que é uma mãe paciente, capaz de padecer com Cristo, de esperar pela sua hora, que nos dê essa confiança no seu Filho.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 78.

[2] Fernando Ocariz, Carta de 14/02/2017, n. 8.

[3] S. Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, II-II, q. 136, a 4, ad 2.

[4] S. Josemaria, *Sulco*, n. 853.

[5] Francisco, Audiência Geral, 10/02/2021.

[6] S. Josemaria, *Em Diálogo com o Senhor*, “Viver para a Glória de Deus”, n. 5.

VI domingo da Páscoa (Ciclo A)

Reflexão para meditar no VI domingo da Páscoa (Ciclo A). Os temas propostos são: a inabitação divina na alma; o Espírito Santo e a Paz; com o fogo do Espírito Santo.

Sumário

- A inabitação divina na alma.
- O Espírito Santo e a paz.
- Com o fogo do Espírito Santo.

O TEMPO DA PÁSCOA está prestes a chegar ao fim. Ao longo destas semanas, fomos recordando alguns dos encontros de Cristo ressuscitado com os apóstolos e as santas mulheres. Aproximam-se a Ascensão e o Pentecostes, e a Igreja convida-nos a prepararmo-nos interiormente para estas duas solenidades. No Evangelho, lemos as palavras de despedida que Jesus pronunciou na Última Ceia: «Daqui a pouco o mundo já não Me verá, mas vós ver-Me-eis, porque Eu vivo e vós vivereis. Nesse dia reconhecereis que Eu estou no Pai e que vós estais em Mim e Eu em vós» (Jo 14, 19-20).

Jesus manifesta a imensidão do amor de Deus por nós, revelando o mistério da inabitação divina na alma: estamos chamados a ser templo e morada da Santíssima Trindade. «A que maior grau de comunhão com Deus poderia o homem aspirar? Que maior prova do que esta poderia Deus dar de querer entrar em comunhão com o homem? Toda a história milenar da mística cristã, embora tenha expressões sublimes, só nos pode falar imperfeitamente desta presença inefável de Deus no mais íntimo da alma»^[1].

Deus mostra-nos como está próximo de nós. Não se contenta em estar perto de nós: quer estar dentro de nós, enchendo o nosso coração com a sua presença. «Deus está aqui conosco, presente, vivo – escreveu S. Josemaria –. Vê-nos, ouve-nos, dirige-nos e contempla as nossas menores ações, as

nossas intenções mais escondidas»^[2]. Recordar isto com frequência ajudar-nos-á a experimentar a sua presença, a sermos fiéis nas pequenas e grandes coisas que compõem a nossa existência: «Tratando-o assim, com esta intimidade, chegarás a ser um bom filho de Deus e um grande amigo seu: na rua, na praça, na tua empresa, na tua profissão, na tua vida quotidiana»^[3].

SE ME AMARDES, guardareis os meus mandamentos. E Eu pedirei ao Pai, que vos dará outro Paráclito, para estar sempre convosco: Ele é o Espírito da verdade» (Jo 14, 15-17). A Igreja nasce do mistério pascal de Cristo, e é continuamente guiada e vivificada pelo Espírito Santo. Na sua história, apesar das fragilidades dos homens, a assistência da Terceira Pessoa da Trindade nunca cessa.

Possivelmente, ante a iminente partida de Jesus, os apóstolos estariam preocupados. O contraste entre a magnitude da empresa que lhes foi confiada e as suas capacidades era grande. Como iam cumprir a missão de levar a sua palavra a todo o mundo? Por isso, Jesus, depois de ter anunciado o envio do Espírito Santo, procura infundir serenidade nos seus discípulos: «Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se perturbe o vosso coração, nem se assuste» (Jo 14, 27).

Com o Espírito Santo, Jesus dá-lhes a paz. Uma paz que é dom de Deus e que, por isso, ultrapassa o que podemos alcançar apenas com as forças humanas. Muitas vezes, na terra, «há apenas uma aparência de paz, um equilíbrio de medo, compromissos precários»^[4].

Ao contrário, a paz que o Senhor nos dá é sobretudo uma consequência da caridade que o Paráclito derrama nos nossos corações. (cf. Rm 5, 5). «A paz do Senhor segue o caminho da mansidão e da cruz: é tomar conta dos outros. Cristo, de facto, tomou sobre si o nosso mal, o nosso pecado e a nossa morte. Ele tomou tudo isso sobre si. Deste modo, libertou-nos. Pagou por nós. A sua paz não é fruto de algum acordo, mas nasce do dom de si mesmo»^[5].

QUANDO OS APÓSTOLOS ouviram dizer que os samaritanos tinham ouvido a palavra de Deus, mas ainda não tinham recebido o Paráclito, enviaram Pedro e João. «Os quais, tendo chegado, fizeram oração por eles, a fim de que recebessem o Espírito Santo, porque ele ainda não tinha descido sobre nenhum deles, mas apenas tinham sido batizados em nome do Senhor Jesus. Então Pedro e João impuseram-lhes as mãos e eles receberam o Espírito Santo» (At 8, 15-17).

Este impulso missionário, continuamente renovado, aparece ao longo de toda a História da Igreja. E é motivo de esperança na tarefa de evangelização em que também nós estamos imersos. «O Espírito acompanha a Igreja no longo caminho entre a primeira e a segunda vinda de Cristo: “Vou e voltarei a vós” (Jo 14, 28), disse Jesus aos apóstolos. Entre a “ida” e a “volta” de Cristo está o tempo da Igreja, que é o seu Corpo; estão os dois mil anos que decorreram até agora. Tempo da Igreja, tempo do Espírito Santo: ele é o Mestre que forma os discípulos e os faz apaixonar-se por Jesus, educa-os para que escutem a sua palavra, contemplem o seu rosto»^[6].

Durante os seus primeiros anos de sacerdócio, S. Josemaria tinha no seu breviário umas estampas que usava para marcar as páginas. Um dia pareceu-lhe que se estava a afeiçoar a elas, e substituiu-as por papéis em que mais tarde escreveu: *Ure igne Sancti Spiritus*, queima com o fogo do Espírito Santo! «Usei-os durante muitos anos – recordava –, e cada vez que os lia, era como se dissesse ao Espírito Santo: acende-me, faz de mim uma brasa!»^[7]. Com estes mesmos desejos, podemos preparar-nos perseverando em oração, junto a Maria (cf. At 1, 14), receber o Espírito Santo nos nossos corações. Assim, inflamados no nosso amor a Deus e aos outros, provaremos o calor divino a todos os homens, como fizeram os apóstolos.

NOTAS

[1] S. João Paulo II, Homilia, 05/05/1986.

[2] S. Josemaria, *Sulco*, n. 658.

[3] S. Josemaria, Notas de uma tertúlia, 17/11/1972.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 73.

[5] Francisco, Audiência, 13/04/2022.

[6] Bento XVI, Homilia, 13/05/2007.

[7] Salvador Bernal, *Josemaría Escrivá de Balaguer*, Rialp, 1980, p. 337.

VI domingo da Páscoa (Ciclo B)

Reflexão para meditar no VI domingo da Páscoa (Ciclo B). Os temas propostos são: amar-nos uns aos outros; Deus nunca nos abandona; guiados pelo Espírito Santo.

Sumário

- Amar-nos uns aos outros.
- Deus nunca nos abandona.
- Guiados pelo Espírito Santo.

«ASSIM COMO O PAI me tem amor, assim Eu vos amo a vós. Permaneci no meu amor» (Jo 15, 9). Com estas palavras, Jesus despediu-Se dos Seus pouco antes da Paixão. Ao pronunciá-las, sabia que, dentro de poucas horas, O abandonariam à Sua sorte. No entanto, quis gravá-las nos seus corações para que, depois da má experiência da traição, essa certeza fosse o alimento da sua vida apostólica. «Já não vos chamo servos, (...); mas chamo-vos amigos» (Jo 15, 15). Embora exija a nossa liberdade, a iniciativa dessa maravilhosa amizade é Sua. Ele olhou para cada um de nós com amor e escolheu-nos (cf. Jo 15, 16), porque «Ele nos amou primeiro» (1Jo 4, 10).

«Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando» (Jo 15, 14). Este é o segredo para viver sempre n'Ele e nunca perder a Sua amizade. Naquela noite, os apóstolos não tiveram a oportunidade de perguntar-Lhe sobre os mandamentos que deveriam guardar, porque Jesus lhes ofereceu diretamente a chave: «É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Ninguém tem mais amor do que aquele que dá a vida pelos amigos» (Jo 15, 12-13). Eles sabiam em primeira mão como o Senhor amava. Cada apóstolo poderia ter-nos contado a multidão de detalhes pessoais que Jesus tinha tido particularmente com ele. Também poderiam contar o amor e a paciência com que cuidou de todos que se

aproximavam d'Ele. Os apóstolos tinham-no visto, sabiam que Jesus estava pronto para qualquer coisa.

Na noite em que começou a Sua dolorosa Paixão, o Senhor estabeleceu uma nova lei de amor que os Seus discípulos são convidados a viver: um amor que tem como medida o que se manifestou na cruz de Cristo. «O amor já não é apenas um «mandamento», mas é a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro»^[1]. Além disso, Ele mesmo nos envia a levar ao mundo a Boa Nova do Seu amor. «Fui Eu que vos escolhi e destinei, para que vades e deis fruto e o vosso fruto permaneça» (Jo 15, 16). Cumprimos esta missão se aprendermos a amar como Ele: oferecer a nossa vida pelos outros, levar a Sua alegria aos nossos amigos e conhecidos «para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa» (Jo 15, 11).

«DEUS É amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele» (1 Jo 4, 16). É assim que S. João define a essência de Deus. «Mesmo que nada mais se dissesse em louvor do amor – diz Sto. Agostinho – (...) em todas as páginas da Sagrada Escritura, e só ouvíssemos pela boca do Espírito Santo “Deus é amor”, nada mais deveríamos procurar»^[2]. Um dos primeiros passos no caminho da fé é acreditar que o amor de Deus por cada um é indestrutível. «Nós cremos no amor de Deus – deste modo pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida»^[3]. De alguma forma, pode-se dizer que Ele *não é capaz* de nos deixar de amar, essa é a Sua *debilidade*.

Como amigos do Senhor, somos chamados a viver com Ele, n'Ele, e recebemos «a vida por meio d'Ele» (1Jo 4, 9). Temos a mesma experiência dos apóstolos: quando O perdemos de vista e esquecemos o Seu amor, sentimo-nos perdidos, somos ramos secos. Precisamos de estar perto do Senhor, deitar a cabeça no Seu peito, como o apóstolo João. No entanto, também sabemos que, mesmo que O abandonemos – muitas vezes por fraqueza – Ele virá rapidamente buscar-nos novamente, como fez com os Seus discípulos após a ressurreição. Ele é «um Deus que corre até nós», abrindo-nos os braços com a Sua graça, para perdoar qualquer ofensa,

porque «não Se escandaliza com os homens. Deus não Se cansa das nossas infidelidades»^[4].

Estamos na reta final da Páscoa. A partir deste domingo, a liturgia olha para a vinda do Espírito Santo que Jesus prometeu aos Seus discípulos. O Filho teve que voltar para o Pai. Não estará mais visivelmente com eles, mas garante que eles não têm que se preocupar, pois não os deixará órfãos. «O Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse é que vos ensinará tudo, e há de recordar-vos tudo o que Eu vos disse» (Jo 14, 25). Depois da maravilhosa experiência de três anos de vida com Cristo, a Sua ausência seria insuportável sem a consolação do Seu Espírito, e impossível a missão extraordinária que ia deixar nas suas mãos.

O LIVRO dos Atos dos Apóstolos, que lemos na Missa durante a Páscoa, conta a história da evangelização nos anos posteriores ao Pentecostes. É conhecido como o *Evangelho do Espírito Santo* porque nos mostra as maravilhas realizadas por Ele na Igreja nascente. O Espírito Santo inspirou a sua audácia apostólica e colocou palavras poderosas nos seus lábios, comovendo ao mesmo tempo o coração de quem as escutava. Ele presidiu às decisões sobre o futuro da Igreja e traçou o caminho dos apóstolos, guiou-os, moveu-os ou deteve-os. O Seu amor era a alegria e a segurança dos cristãos perseguidos. O Espírito, que encheu plenamente a alma de Cristo, encheu também os corações dos Seus “amigos”, revelando-lhes a sabedoria que vem de Deus. Ele os encorajava e os santificava.

O Pentecostes não foi apenas o evento surpreendente de um domingo em Jerusalém. Toda a vida da comunidade primitiva esteve cheia do Espírito Santo, e Ele mesmo continua a guiar a Igreja hoje e pode guiar os nossos corações. No relato da conversão de Cornélio, o Espírito Santo levou Pedro à casa do centurião. «O Espírito disse-lhe: “Estão aí três homens a procurar-te. Ergue-te, desce e parte com eles sem qualquer hesitação, porque fui Eu que os mandei cá”» (At 10, 19-20). Quando chegou à casa, e enquanto Pedro estava a pregar, o dom do Espírito foi derramado sobre aquela família pagã, fazendo-os «falar em línguas estranhas e proclamar a grandeza de Deus». Todos ficaram muito surpreendidos porque o Espírito Santo não fazia distinção entre judeus e gentios, até o próprio Pedro ficou

maravilhado. «Pedro, então, declarou: “Poderá alguém recusar a água do batismo aos que receberam o Espírito Santo, como nós?” E ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo» (At 10, 47-48).

O Espírito Santo é um dom de Deus que renova o nosso amor e o nosso desejo de servir a Cristo. É o amor que faz o amor crescer. A Sua chegada surpreende-nos, por vezes inesperadamente, outras pela força da Sua intervenção. Com a Sua presença, a fé e a esperança recuperam a sua frescura, o amor conquista o coração, a alegria e a bondade parecem mais fáceis de possuir e distribuir aos que nos rodeiam. Pedimos a Deus neste domingo que o mistério da Páscoa «transforme as nossas vidas e se manifeste nas nossas obras», como diz a oração coleta da Missa. Podemos recorrer a Maria para nos ensinar a permanecer com o seu Filho, confiando em que o Espírito Santo cubra as nossas vidas com a Sua sombra.

NOTAS

[2] Bento XVI, *Deus caritas est*, n. 1.

[3] Sto. Agostinho, *In Epist. Ioann. ad Parth.*, 7, 4.

[4] Bento XVI, *Deus caritas est*, n. 1.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 64.

VI domingo da Páscoa (Ciclo C)

Reflexão para meditar no VI domingo da Páscoa (Ciclo C). Os temas propostos são: a inabitação divina na alma; o Espírito Santo e a Paz; com o fogo do Espírito Santo.

Sumário

- A inabitação divina na alma.
- O Espírito Santo e a Paz.
- Com o fogo do Espírito Santo.

O TEMPO DE PÁSCOA está a chegar ao fim. Num clima de alegria e entusiasmo indescritíveis, os apóstolos, assim como as santas mulheres e muitos outros discípulos, tiveram a alegria de partilhar quarenta dias com Cristo ressuscitado. É o que recordamos e revivemos com eles nas semanas anteriores. Mas a Ascensão e o Pentecostes aproximam-se já, e a Igreja convida-nos a preparar-nos internamente para estas duas solenidades. Por isso, no Evangelho de hoje, lemos as palavras que, a título de despedida, como testamento espiritual, Jesus pronunciou durante a Última Ceia, na véspera da Sua morte na cruz: «Quem Me ama guardará a minha palavra e meu Pai o amará; Nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada» (Jo 14, 23).

Jesus manifesta-nos a imensidão do amor de Deus por nós, revelando o mistério da inabitação divina na alma em graça. O cristão é chamado a ser “templo” e “morada” da Santíssima Trindade. «A que maior grau de comunhão com Deus poderia o homem aspirar? Que prova maior do que esta poderia Deus dar de querer entrar em comunhão com o homem? Toda a história milenar da mística cristã, embora tenha expressões sublimes, só nos pode falar imperfeitamente desta presença inefável de Deus no fundo da alma»^[1].

Deus manifesta-nos a Sua proximidade. Movido pelo Seu amor, Ele quer estar connosco – de facto, dentro de nós – enchendo os nossos corações com a Sua presença. «Deus está aqui – escreveu S. Josemaria – connosco, presente, vivo! Vê-nos, ouve-nos, dirige-nos, e contempla as nossas menores ações, as nossas intenções mais ocultas»^[2]. Recordá-lo com frequência todos os dias ajudar-nos-á a acolher com fruto a Sua presença e a ser fiéis à Sua palavra nas pequenas e nas grandes coisas que compõem a nossa existência: «Facilitar-te-á seres reto e comportares-te como um bom cristão. Tratando-O assim, com aquela intimidade, chegarás a ser um bom filho de Deus e um grande amigo Seu: na rua, na praça, nos teus negócios, na tua profissão, na tua vida ordinária»^[3].

«FUI-VOS REVELANDO estas coisas enquanto tenho permanecido convosco; mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse é que vos ensinará tudo, e há de recordar-vos tudo o que Eu vos disse» (Jo 14, 25-26). A Igreja nasce do mistério pascal de Cristo e é continuamente guiada e animada pelo Espírito Santo. No caminho histórico da Igreja, apesar dos limites, das fragilidades e das misérias dos cristãos que a compõem, a assistência da Terceira Pessoa da Trindade nunca cessa. Possivelmente, perante a iminência da partida de Jesus, os apóstolos estavam preocupados comparando a magnitude da empresa que lhes tinha sido confiada com as suas escassas capacidades pessoais: como avançariam agora, sem a presença física de Cristo, sem os Seus conselhos e orientação? Como iriam cumprir a missão de levar a Sua palavra por todo o mundo? Como enfrentariam as perseguições, ataques e tantas outras dificuldades que certamente não faltariam? Por isso Jesus, depois de anunciar o envio do Espírito Santo, procura incutir nos Seus discípulos uma serenidade firme e profunda: «Deixo-vos a paz; dou-vos a minha paz. Não é como a dá o mundo, que Eu vo-la dou. Não se perturbe o vosso coração nem se acobarde» (Jo 14, 27).

Com o Espírito Santo, dá-lhes a paz. Uma paz que é um dom de Deus e por isso vai além da visão e da força humana. Muitas vezes na terra: «Há somente aparências de paz, equilíbrio de medo, compromissos precários»^[4]. Pelo contrário, a paz que o Senhor nos dá é sobretudo consequência da caridade que o Paráclito derrama nos nossos corações (cf. Rm 5, 5). «São

duas modalidades diversas: um modo como o mundo nos dá a paz e um modo como Deus nos dá a paz. São diferentes. A paz que Jesus nos dá na Páscoa não é a paz que segue as estratégias do mundo, que acredita poder obtê-la através da força, da conquista e de várias formas de imposição. Esta paz, na realidade, é apenas um intervalo entre guerras: sabemos-lo bem. A paz do Senhor segue o caminho da mansidão e da cruz: é ocupar-se do próximo. Com feito, Cristo assumiu sobre si o nosso mal, o nosso pecado e a nossa morte. Assumiu sobre si tudo isto. Desta forma, ele libertou-nos. Ele pagou por nós. A sua paz não é o fruto de algum compromisso, mas nasce do dom de si mesmo»^[5].

Podemos pedir ao Senhor, neste tempo de oração, que saibamos acolher a Sua paz e espalhá-la ao nosso redor: «Os “pacíficos” recebem a bênção da paz, a paz de Cristo (Ef 2, 14), para si mesmos, e semeiam à sua volta a alegria dos filhos de Deus. Procuram evitar as discussões inúteis, dominar o nervosismo e a pressa, ser positivos, difundir otimismo e esperança»^[6].

«O ESPÍRITO SANTO e nós próprios resolvemos...» (At 15, 28) A presença e a assistência do Espírito Santo no início da Igreja são evidentes na primeira leitura, onde se recolhe o relato do Concílio de Jerusalém, convocado para resolver uma controvérsia que tinha a ver com a forma de evangelizar todos os povos guardando fielmente os ensinamentos de Cristo, mas sem escandalizar os cristãos que vieram do judaísmo. Para além do problema específico, o texto sagrado revela com eloquência o grande impulso com que a Igreja primitiva difundiu a fé, secundando a inspiração do Paráclito.

Este impulso missionário continuamente renovado aparece ao longo da história da Igreja e é motivo de esperança também na tarefa da nova evangelização em que nós, cristãos, hoje estamos imersos. «O Espírito acompanha a Igreja no longo caminho que se estende entre a primeira e a segunda vinda de Cristo: “Vou, e volto a vós” (Jo 14, 28), disse Jesus aos Apóstolos. Entre a “ida” e a “volta” de Cristo está o tempo da Igreja, que é o seu Corpo, estão esses dois mil anos transcorridos até agora; estão também estes pouco mais de cinco séculos em que a Igreja fez-se peregrina nas Américas, difundindo nos fiéis a vida de Cristo através dos Sacramentos

e lançando nestas terras a boa semente do Evangelho, que rendeu trinta, sessenta e até mesmo o cento por um. *Tempo da Igreja, tempo do Espírito Santo*: Ele é o Mestre que forma *os discípulos*: fá-los enamorar-se de Jesus; educa-os para que escutem a sua Palavra, a fim de que contemplem a sua Face; conforma-os à sua Humanidade bem-aventurada, pobre em espírito, aflita, mansa, sedenta de justiça, misericordiosa, pura de coração, pacífica, perseguida por causa da justiça (cf. Mt 5, 3-10)»^[7].

Durante os primeiros anos de sacerdócio, S. Josemaria tinha algumas imagens no seu breviário, que usava para marcar as páginas. Um dia, pareceu-lhe que se estava a apegar a elas e substituiu-as por alguns papéis, nos quais escreveu mais tarde: *Ure igne Sancti Spiritus!, queima com o fogo do Espírito Santo!* «Usei-os durante muitos anos – recordava – e, de cada vez que os lia, era como dizer ao Espírito Santo: *acende-me! faz-me uma brasa!*»^[8]. Com esses mesmos desejos, preparemo-nos bem, perseverando na oração com Maria (cf. At 1, 14), para receber o Espírito Santo nos nossos corações. Assim, acesos no nosso amor a Deus e aos outros, saberemos levar a luz e o calor divinos a todas as pessoas com quem nos relacionamos.

NOTAS

[1] S. João Paulo II, Homilia, 05/05/1986.

[2] S. Josemaria, *Sulco*, n. 658.

[3] S. Josemaria, Notas tomadas numa tertúlia, 17/11/1972.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 73.

[5] Francisco, Audiência, 13/04/2022.

[6] Fernando Ocáriz, *À luz do Evangelho*, p. 86.

[7] Bento XVI, Homilia, 13/05/2007.

[8] Salvador Bernal, *Josemaría Escrivá de Balaguer*, Rialp, 1980, p. 337.

Segunda-feira da VI semana da Páscoa

Reflexão para meditar na segunda-feira da VI semana da Páscoa. Os temas propostos são: contar com a ajuda do Paráclito; o Espírito Santo conduz até à verdade; o dom da fortaleza.

Sumário

- Contar com a ajuda do Paráclito.
- O Espírito Santo conduz até à verdade.
- O dom da fortaleza.

JESUS, no seu discurso de despedida, promete a vinda de “outro Paráclito” (Jo 14, 16) que estará sempre connosco. *Paráclito* é uma palavra típica do Evangelho de S. João e, na sua origem grega, refere-se a uma pessoa que vem para consolar, defender ou ajudar. Jesus anuncia a chegada de *outro* paráclito para quando Ele tivesse partido porque o primeiro é Ele mesmo: A Sagrada Escritura diz-nos que Cristo, no céu, é «o nosso advogado junto do Pai» (1Jo 2, 1). O Espírito Santo, por sua vez, permanece para sempre connosco na terra, acompanha-nos e conforta-nos, protege-nos e defende-nos. É o caminho para Cristo, já que nos recorda as suas palavras (cf. Jo 15, 26); suave e discretamente orienta o nosso coração para Jesus Cristo. «Quem se embriaga do Espírito está arreigado em Cristo»^[1], dizia Sto. Ambrósio.

«Ensinar e recordar: esta é a tarefa do Espírito Santo. Ensina-nos a entrar no mistério, a entendê-lo um pouco mais. Ensina-nos a doutrina de Jesus e ensina-nos como desenvolver a nossa fé (...). A fé não é estática; a doutrina não é estática: cresce. Cresce como crescem as árvores, sempre as mesmas, mas maiores, com fruta, mas sempre iguais, na mesma direção (...). E outra coisa que Jesus diz que o Espírito Santo faz é recordar: “Ele recordar-vos-á tudo o que eu vos disse” (Jo 15, 26). O Espírito Santo é como a memória, desperta-nos: “Lembra-te disto, lembra-te daquilo”. Ele mantém-nos despertos nas coisas do Senhor e também nos faz recordar a

nossa vida: “Pensa naquele momento, pensa em quando encontraste o Senhor, pensa em quando O deixaste”.

(...). O Espírito Santo guia-nos nesta memória; guia-nos para discernir o que tenho que fazer agora, qual é o caminho certo e qual é o errado, também nas pequenas decisões. Se pedirmos luz ao Espírito Santo, Ele nos ajudará a tomar as decisões corretas, as pequenas de cada dia e as maiores. Ele é quem nos acompanha, nos apoia»^[2].

SEGUIR Jesus conduz-nos a querer viver na verdade, fascinados por procurá-la com empenho, acolhendo-a e amando-a. Querer abraçar a verdade é amar verdadeiramente a Cristo. Nesta empresa, «o Espírito Santo ensina ao cristão a verdade como princípio de vida e mostra-lhe a aplicação concreta das palavras de Jesus na sua vida»^[3]. Pelo menos em três ocasiões, Jesus referiu-se ao Paráclito como “o Espírito da Verdade” (Jo 14, 17; 15, 26; 16, 13). Embora *seja outro* distinto de Jesus, o Espírito Santo leva à sua perfeição a presença de Jesus em nós.

Sabemos que «Jesus Cristo é a verdade tornada pessoa, que atrai o mundo a si. A luz irradiada por Jesus é resplendor da verdade. Qualquer outra verdade é um fragmento da verdade que é Ele e a Ele remete. Jesus é a estrela polar da liberdade humana: (...) com Ele, a liberdade reencontra-se, reconhece-se criada para o bem e expressa-se mediante ações e comportamentos de caridade (...). Jesus Cristo, que é a plenitude da verdade, atrai a si o coração de todos os homens, dilata-o e enche-o de alegria. Com efeito, só a verdade é capaz de invadir a mente e fazê-la gozar em plenitude»^[4].

Esse amor pela verdade que impulsiona a nossa inteligência é obra do Espírito Santo. Enche-nos também de humildade perante a criação e perante a capacidade do nosso próprio conhecimento, que sempre será pouco, comparado com o misterioso atuar de Deus. «Procura que a ‘humildade de entendimento’ seja, para ti, um axioma»^[5], aconselhava S. Josemaria. «O desejo de verdade pertence à própria natureza do homem, e toda a criação é um imenso convite a procurar as respostas que abrem a razão humana à grande resposta que desde sempre procura e espera»^[6].

O ESPÍRITO SANTO atua na alma mediante os seus dons, e «distribuiu-os a cada um como quer» (1Cor 12, 11). Um dos seus dons é o dom da fortaleza, que nos impulsiona para grandes metas e nos sustenta na debilidade. S. Josemaria referia a experiência cristã quando lembrava que «toda a nossa fortaleza é emprestada»^[7]. Este dom é necessário para seguir e abraçar a verdade continuamente ao longo da nossa vida. Certamente poderá ser cansativo, sobretudo porque as nossas capacidades nem sempre estão à altura dos nossos desejos; também porque a verdade é, às vezes, difícil de aceitar e nem sempre coincide com o que pensamos ser a melhor opção. Em não poucas ocasiões teremos que abrir-nos humildemente a outras possibilidades de resposta, a outras formas de fazer, mesmo que tenhamos pensado durante muito tempo estar na atitude correta.

Por isso, o dom da fortaleza deve constituir a nota de fundo do nosso ser cristãos, uma vez que nos mantém leais na busca. O amor à verdade compromete a nossa vida e a fortaleza dá-nos a firmeza necessária. Assim, poderemos «enfrentar os problemas com valentia, sem medo ao sacrifício ou às cargas mais pesadas, assumindo em consciência a nossa própria responsabilidade pessoal»^[8].

Jesus diz: «Vós também dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio» (Jo 15, 27). O cristão é chamado a ser uma testemunha fiel na busca humilde e sincera da verdade. Cristo advertiu os seus discípulos das perseguições que sofreriam pelo seu testemunho. Aqueles homens, depois de receberem o dom da fortaleza no Pentecostes, tornam-se testemunhas valentes. Foram verdadeiramente fortes perante as contradições, diante do inesperado que se tornou presente nas suas vidas, em situações que talvez deitassem por terra os seus planos e projetos. A amável companhia de Maria nos ampara: Ela escuta a nossa invocação para que o Espírito da Verdade ilumine «as inteligências e fortaleça as vontades, para que nos acostumemos sempre a buscar, a dizer e a ouvir a verdade»^[9].

NOTAS

[1] Sto. Ambrósio, *Catequese sobre os sacramentos*, 5, 3, 17.

- [2] Francisco, Homilia, 11/05/2020.
- [3] S. João Paulo II, Audiência Geral, 24/04/1991.
- [4] Bento XVI, Discurso, 10/02/2006.
- [5] S. Josemaria, *Forja*, n. 142.
- [6] Bento XVI, Discurso, 10/02/2006.
- [7] S. Josemaria, *Caminho*, n. 728.
- [8] S. Josemaria, *Discursos sobre a universidade*, n. 8.
- [9] *Ibid.*

Terça-feira da VI semana da Páscoa

Reflexão para meditar na terça-feira da VI semana da Páscoa. Os temas propostos são: Jesus anuncia o seu regresso ao Pai; o dom do entendimento; compreender e acolher a realidade a partir de Deus.

Sumário

- Jesus anuncia o seu regresso ao Pai.
- O dom do entendimento.
- Compreender e acolher a realidade a partir de Deus.

DURANTE a sexta semana de Páscoa, a Igreja continua a proclamar algumas passagens do discurso de despedida de Jesus, recolhidas no Evangelho de João. Hoje escutamos o Senhor que anuncia com clareza, durante a Última Ceia, o seu iminente regresso ao céu: «Agora vou para Aquele que Me enviou (...). Vou para o Pai e não Me vereis mais» (Jo 16, 5; 10). Podemos imaginar a perplexidade dos apóstolos ao receberem este anúncio. Provavelmente encheram-se de tristeza ao escutar essas palavras. Como era possível que tivessem terminado, de uma vez por todas, esses maravilhosos anos de convivência? Os apóstolos «tinham medo de pensar em perder a presença visível de Jesus – explica Sto. Agostinho –. O seu afeto humano entristecia-se ao pensar que os seus olhos não experimentariam mais o consolo de O ver»^[1].

Então, disseram entre si: «Que é isso que Ele nos diz? Não sabemos o que Ele está a anunciar» (Jo 16, 17-18). Nesse momento não conseguiam entender Jesus. Simplesmente, não tinham pistas para o fazer. No entanto, apesar de não compreenderem o sentido preciso das suas palavras, nenhum se atreveu a fazer-lhe a pergunta: «Para onde vais?» (Jo 16, 5). Provavelmente estavam estupefactos com o rumo que tinha tomado a ceia. Três anos antes, junto ao Jordão, no início da aventura com Cristo, João e André já tinham feito uma pergunta que agora poderia ser oportuna:

«Mestre, onde moras?» (Jo 1, 38-39). Na Última Ceia, no entanto, perante o cariz misterioso da conversa, ficam calados.

«Depois da ressurreição, aquelas palavras tornaram-se para os discípulos mais compreensíveis e transparentes, como anúncio da sua ascensão ao céu. (...) Só Jesus possui a energia divina e o direito de “subir ao céu”, mais ninguém. A humanidade abandonada a si mesma, às suas forças naturais, não tem acesso a essa “casa do Pai” (Jo 14, 2), à participação na vida e na felicidade de Deus. Só Cristo pode abrir ao homem este acesso: Ele, o Filho que “desceu do céu”, que “saiu do Pai” precisamente para isto»^[2]. Jesus vai para enviar-nos – aos seus apóstolos e a nós – o consolo do seu Espírito e para nos abrir a casa do seu Pai.

ESTÁ CLARO que Jesus não tinha intenção de deixar sozinhos os seus discípulos; o Espírito Santo continua a missão do Filho, enchendo de fortaleza as suas vidas e oferecendo-lhes dons que os ajudarão a entender as coisas de Deus. O Senhor relaciona a vinda do Espírito Santo com a sua partida para o Pai, «sublinhando assim que [o Paráclito] terá o “preço” da sua partida»^[3]. O que significaria uma grande tristeza para os apóstolos ali reunidos era, na realidade, o plano de salvação que Deus tinha traçado; o *espaço* que deixava o Senhor não ficaria vazio, ia enchê-lo o Espírito Santo. Por isso lhes diz: «Se Eu não for, o Paráclito não virá a vós; mas se Eu for, Eu vo-l’O enviarei» (Jo 16, 7). Tudo ficará mais claro no Pentecostes, quando forem inundados com os seus dons.

O dom do entendimento permite-nos precisamente penetrar nos mistérios revelados que os apóstolos não podiam compreender naquele momento. Também se chama dom do intelecto, cuja etimologia, *intus-legere*, ler dentro, sugere que se trata de uma graça que ajuda a conhecer o mais intrínseco da realidade. O dom do entendimento concede-nos uma intuição para as coisas de Deus, um conhecimento profundo das verdades de fé e inclusive de certas verdades naturais com vista ao fim sobrenatural. Onde não chega nem o olhar nem a razão humana, o entendimento faz-nos ver mais além, como sucede com esses dispositivos de visão noturna que no meio da noite oferecem uma surpreendente claridade. Mesmo que nunca possamos compreender perfeitamente o mistério de Deus nem o abarcar na

sua totalidade, com este dom do Espírito Santo podemos nos aproximar pouco a pouco.

Com o dom do entendimento temos «capacidade para ir mais além do aspeto externo da realidade e escrutinar as profundidades do pensamento de Deus e do seu desígnio de salvação»^[4]. Ainda que em muitos momentos tenhamos a tentação de julgar os acontecimentos só com olhos humanos e não consigamos unir o nosso olhar ao de Deus, este dom divino permite-nos «compreender as coisas como as compreende Deus, com a inteligência de Deus»^[5]. S. Josemaria comparava-o à capacidade de ver não apenas em duas dimensões, de uma maneira plana e pegada à terra: «Quando a tua vida for sobrenatural obterás de Deus a terceira dimensão: a altura. E com ela, o relevo, o peso e o volume»^[6].

NA PRIMEIRA leitura de hoje, os Atos dos apóstolos narram com detalhe a prisão de Paulo e Silas em Filipos (cf. At 16, 22-34). «Depois de lhes terem dado muitas vergastadas, meteram-nos na cadeia (...). Por volta da meia-noite, Paulo e Silas, em oração, entoavam louvores a Deus». De repente, sentiu-se um tremor de terra, «abriram-se todas as portas e soltaram-se as cadeias de todos». Ao ver a situação, o carcereiro tentou suicidar-se, mas Paulo «bradou com voz forte: “Não faças nenhum mal a ti mesmo, pois nós estamos todos aqui!”». Tremendo de medo este homem perguntou-lhes: «Senhores, que devo fazer para ser salvo? Eles responderam-lhe: “Acredita no Senhor Jesus e serás salvo, tu e a tua família”. Anunciaram a palavra do Senhor a ele e a todos os que viviam em sua casa». A conversão desta família de Filipos é muito rápida. Entenderam em poucas horas o suficiente para desejarem batizar-se imediatamente. Então, subiram para a sua casa, «pôs-lhes a mesa e alegrou-se com toda a sua família por ter acreditado em Deus».

O dom do entendimento aperfeiçoa a nossa fé, abre-nos a mente para compreender a Palavra de Deus, aquilo que Jesus disse e realizou. Cresce uma certeza que não está fundada apenas em razões, mas também na experiência interior que Deus nos comunica. Além disso, essa certeza vai sendo cada vez mais sincera quando deixamos que penetre o nosso coração e os nossos afetos. Deste modo, tanto as coisas de Deus como as coisas do

mundo, tudo o que acontece, se compreende e se acolhe *a partir de Deus* de uma maneira mais profunda e esperançosa.

Em 1971, S. Josemaria aconselhava um sacerdote que ia pregar um retiro espiritual: «Mete-lhes no coração o amor ao Espírito Santo, que é meter o amor ao Pai e ao Filho. Porque o Filho foi gerado pelo Pai desde toda a eternidade; e do amor do Pai e do Filho, também eternamente, procede o Espírito Santo. Não o entendemos bem, mas a mim não me custa acreditar»^[7]. Estas palavras resumem aquilo que sente a alma que recebe este dom do Paráclito. Por um lado, sabe que não é capaz de compreender o mistério; mas, ao mesmo tempo, tem a certeza do seu auxílio e da sua luz.

Podemos pedir a Maria que nos conceda viver a nossa vida quotidiana, imersos no mistério de Deus, seguindo aquela recomendação gráfica do fundador do Opus Dei: com os pés na terra e a cabeça no céu.

NOTAS

[1] Sto. Agostinho, *Comentário ao Evangelho de João*, 94, 4.

[2] S. João Paulo II, Audiência geral, 05/04/1989, nn. 2-3.

[3] S. João Paulo II, Audiência geral, 31/05/1989, n. 1.

[4] Francisco, Audiência geral, 30/04/2014.

[5] *Ibid.*

[6] S. Josemaria, *Caminho*, n. 279.

[7] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 21/02/1971.

Quarta-feira da VI semana da Páscoa

Reflexão para meditar na quarta-feira da VI semana da Páscoa. Os temas propostos são: Deus ajuda-nos com o dom de conselho; assiste à virtude da prudência; Espírito Santo e apostolado.

Sumário

- Deus ajuda-nos com o dom de conselho.
- Assiste à virtude da prudência.
- Espírito Santo e apostolado.

O PROFETA Isaías tinha anunciado a chegada de um rei, que gozaria de qualidades excepcionais para governar o povo. O Espírito de Deus repousaria sobre ele, dando-lhe «um espírito de sabedoria e de entendimento, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência e temor do Senhor» (Is 11, 2). Os dons do Espírito Santo, referidos neste texto, «completam e aperfeiçoam as virtudes de quem os recebe. Tornam os fiéis dóceis a obedecer prontamente às inspirações divinas»^[1]. Consideramos hoje o dom do conselho, que nos ajuda a julgar para tomar a melhor decisão em cada momento.

«Não faltam problemas que às vezes parecem insolúveis. Mas o Espírito Santo ajuda nas dificuldades e ilumina... Pode dizer-se que possui uma inventividade infinita, própria da mente divina, que tende a desatar os nós dos acontecimentos humanos, mesmo os mais complexos»^[2]. Com o dom do conselho, o Paráclito torna-nos mais sensíveis à sua voz, orienta «os nossos pensamentos, os nossos sentimentos e as nossas intenções segundo o coração de Deus»^[3]. Em muitos momentos da nossa vida, especialmente quando se apresenta alguma dificuldade ou dúvida, experimentamos o bem que nos faz ter por perto pessoas sábias que nos dão conselhos cheios de bom senso. Com o dom do conselho é o próprio Deus que nos presta essa assistência. Assim explicou o Senhor aos seus discípulos ao terminar a Última Ceia: «Tenho ainda muitas coisas para vos dizer, mas não as podeis

compreender agora. Quando vier o Espírito da verdade, Ele vos guiará para a verdade plena; porque não falará de Si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir» (Jo 16, 12-14).

O dom do conselho atua como um novo sopro na consciência, sugere-nos o melhor, o que mais convém à alma, o que nos leva à verdadeira felicidade. «A consciência torna-se então o “olho são” de que fala o Evangelho (cf. Mt 6, 22), e adquire uma espécie de nova pupila, graças à qual é possível ver melhor o que fazer numa dada circunstância»^[4].

«ENSINA-ME, Senhor, a fazer a tua vontade, porque tu és o meu Deus» (Sl 143, 10) – podemos clamar com o salmista –. «Mostra-me, Senhor os teus caminhos, ensina-me as tuas sendas (Sl 25, 4). O Espírito Santo vem ao encontro desta oração humilde com o dom do conselho, que é como uma bússola que guia a alma por dentro, é como uma luz que ilumina as nossas decisões para viver com fidelidade criativa a nossa própria vocação. Desta forma, o Espírito Santo encaminha-nos a descobrir os projetos de Deus para a nossa vida.

O conselho aperfeiçoa e enriquece a virtude da prudência. Com esta virtude pensamos e escolhemos os meios mais razoáveis para atingir o fim imediato, algo de específico que devemos fazer, sem nunca perder de vista o fim último, que é a felicidade junto de Deus. Prudência não é timidez, nem temeridade: é um juízo da razão sobre o que é conveniente e, ao mesmo tempo, um mandato para realizá-lo. O papel do dom de conselho é aperfeiçoar de tal modo a virtude da prudência que essas duas tarefas – o juízo e a decisão – se tornem mais simples e se encontrem gosto nelas. Por isso, afirma S. Josemaria que «a verdadeira prudência é aquela que permanece atenta às insinuações de Deus e, nessa vigilante escuta, recebe na alma promessas e realidades de salvação»^[5].

O *habitat* em que cresce este dom precioso é a oração; aí, de certa forma, abrimos espaço para que o Espírito venha e nos assista com sua ajuda. Tantas vezes podemos dizer a Deus: «Senhor, porque não me ajudas mais? Que devo fazer desta vez? Que desejas Tu que eu faça?». A Igreja, através da voz do salmista, convida-nos a rezar com estas palavras cheias de

confiança: «Bendito o Senhor que me aconselha, mesmo à noite ele me instrui internamente. Tenho sempre o Senhor diante dos olhos, com Ele à minha direita não vacilarei» (Sl 16, 7-8).

O DOM do conselho também nos ajuda a poder orientar os outros no caminho do bem. Quando S. Paulo chegou a Atenas, foi convidado a falar no Areópago, onde os atenienses se reuniam para os seus debates intelectuais. Interveio ali com enorme eloquência: «Atenienses, vejo que sois em tudo extremamente religiosos. Na verdade, quando eu andava percorrendo a vossa cidade e observando os vossos monumentos sagrados, encontrei até um altar com a inscrição: ‘Ao Deus desconhecido’. Pois bem: Aquele que venerais sem O conhecer, é esse que eu vos anuncio». Aquele, pois, que vós venerais sem O conhecer, Esse vos anuncio» (At 17, 22-23). Como fruto daquele testemunho «alguns homens juntaram-se a Paulo e abraçaram a fé: entre eles, Dionísio, o Areopagita, e também uma mulher chamada Dâmaris, e outros com eles» (At 17, 34).

Paulo proferiu um discurso que pode ser exemplo para a evangelização em qualquer época: mostrando a razoabilidade do cristianismo e a sua grande possibilidade de contributo ao melhor pensamento humano. Primeiro falou-lhes do único Deus verdadeiro e vivo, no qual «vivemos, nos movemos e existimos» (At 18, 28), e depois anunciou Jesus Cristo, salvador de todos os homens. Como aconteceu nesses tempos com S. Paulo e com os primeiros cristãos, também hoje Deus nos dá o dom de conselho, para sermos testemunhas que evangelizam a própria época «com dom de línguas, de modo que nos compreendam, para que recebam a luz de Deus»^[6].

O apostolado de amizade e confiança é um âmbito privilegiado para agir juntamente com o Espírito Santo, visto que «a própria amizade é apostolado, a própria amizade é um diálogo em que damos e recebemos luz»^[7]. Maria, Mãe do Bom Conselho, também nos pode dar luz na nossa tarefa apostólica.

NOTAS

- [1] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1831.
- [2] S. João Paulo II, *Catequese*, 24/04/1991.
- [3] Francisco, *Catequese*, 07/05/2014.
- [4] S. João Paulo II, *Catequese*, 07/05/1989.
- [5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 87.
- [6] S. Josemaria, AGP, biblioteca, P06, II, 202.
- [7] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 14.

Quinta-feira da VI semana da Páscoa

Reflexão para meditar na quinta-feira da VI semana da Páscoa. Os temas propostos são: o Espírito Santo e o dom de ciência; para ver Deus no mundo criado; restaurar, em Cristo, todas as coisas.

Sumário

- O Espírito Santo e o dom de ciência.
- Para ver Deus no mundo criado.
- Restaurar, em Cristo, todas as coisas.

NO DISCURSO da Última Ceia, os apóstolos não chegavam a entender em toda a sua profundidade as palavras do Mestre. Em vários momentos, vemo-los a comentar entre si as suas perplexidades. «“Que significa isto que nos diz: ‘Daqui a pouco já não Me vereis e pouco depois voltareis a ver-Me’, e ainda: ‘Eu vou para o Pai’?” E perguntavam: “Que é esse pouco tempo de que Ele fala? Não sabemos o que está a dizer”» (Jo 16, 16-18).

Jesus, contudo, continua o seu discurso: «Chorareis e lamentar-vos-eis, enquanto o mundo se alegrará. Estareis tristes, mas a vossa tristeza converter-se-á em alegria» (Jo 16, 20). Os discípulos não conseguiam decifrar o que estava a acontecer, nem puderam fazê-lo durante os dias da morte e ressurreição de Jesus, porque lhes faltava a assistência do Espírito Santo: a terceira Pessoa da Santíssima Trindade seria enviada pelo Pai e o Filho depois da Ascensão. Ao Paráclito estava reservada a tarefa de “ensinar”, “recordar” e “dar testemunho” de tudo o que Jesus tinha dito e feito (cf. Jo 14, 26; 15, 26), iluminando as suas inteligências, movendo as suas vontades e inflamando os seus corações.

Para entender as palavras de Deus, contidas na Revelação, precisamos da assistência do Espírito Santo. É um presente Seu podermos fazer uma boa interpretação dos acontecimentos e situações que vivemos, uma leitura com a chave de filho escolhido para uma missão. O dom que o Paráclito nos

envia para este fim é conhecido como o dom de ciência, visto que capacita o nosso olhar para podermos descobrir a presença e a majestade do Criador em tudo o que nos sucede e nas coisas criadas.

O ESCRITOR sagrado conclui os vários dias da criação dizendo: «E Deus viu que isto era bom» (Gn 1, 9-12, 18, 21-25). O próprio Criador parece maravilhar-se com o que saiu das suas mãos e convida-nos a contemplar aquela beleza e a guardá-la. A criação é um presente inestimável de Deus, é uma carta que nos escreveu, e, com a luz do Paráclito, aprendemos a ler nela o Seu infinito amor por nós. Ao acabar de formar o homem, acrescenta-se um detalhe: «Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa» (Gn 1, 31). A Escritura mostra como o homem é especial para Deus; a sua beleza sobressai do resto do mundo criado. Graças ao dom de ciência, vemos tudo o que nos rodeia – especialmente os outros homens e mulheres – como obra de Deus, aprendemos «a encontrar na criação os sinais, as marcas de Deus, a compreender como Deus fala em todos os tempos e como me fala a mim»^[1].

Deste modo, descobrimos «o sentido teológico da criação»^[2]. Assim, com o dom de ciência, o Espírito Santo move-nos a uma oração espontânea de louvor, que se traduz em ações de graças e em cânticos, em bênçãos e salmos. O louvor é uma oração que reconhece a grandeza de Deus e a exalta: «Grande é o Senhor e digno de louvor» (Sl 48, 2), diz o salmista. «Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo», rezamos várias vezes ao dia. O *Glória e o Santo* que recitamos na Santa Missa são justamente uma expressão deste desejo de prestar homenagem ao Criador.

A oração de louvor está presente especialmente no livro dos Salmos, que reúne os cantos e as aclamações que o povo de Israel realizava no culto a Deus. Na contemplação da criação, o salmista, modelo para a oração do cristão, ora e canta o seu amor pelo Criador: «Ó Senhor, nosso Deus, como é admirável o teu nome em toda a terra!» (Sl 8, 2); «Os céus proclamam a glória de Deus; o firmamento anuncia a obra das suas mãos» (Sl 19, 2). «Louvai ao Senhor do alto dos céus [...] Louvai-O, Sol e Lua; louvai-O, estrelas luminosas!» (Sl 148, 1). Com os dons do Paráclito, experimentamos o mundo de um modo mais belo e luminoso: aprendemos a ver tudo com

bons olhos e a querer cada coisa como Deus a quer; descobrimos as marcas de Deus em cada ser, e, assim, sabemo-nos acompanhados por Ele.

AO MESMO TEMPO que descobrimos a grandeza da criação, o dom de ciência «dá-nos a conhecer o verdadeiro valor das criaturas na sua relação com o Criador»^[3]. Assim o Espírito Santo ajuda-nos a distinguir entre as coisas e Deus, descobrindo a infinita distância que as separa. Não caímos na tentação de transformar as coisas criadas em ídolos que nos afastem de Deus. «Amamos o mundo porque Deus o fez bom, porque saiu perfeito das suas mãos, e porque – embora alguns homens por vezes o tornem feio e mau por causa do pecado – nós temos o dever de consagrá-lo, de conduzi-lo, de devolvê-lo a Deus: de restaurar em Cristo todas as coisas no céu e na terra (cf. Ef 1, 10)»^[4].

A solenidade da Ascensão está muito próxima. O Senhor redimiou-nos e sobe à direita do Pai. Encarrega os seus discípulos de se unirem a Ele com uma vida santa, que santifique aquilo em que toca. Antes da sua partida, Jesus expressou um desejo ao Pai: «Não te peço que os retires do mundo» (Jo 17, 15). Ele quer-nos no nosso ambiente, cada um no seu lugar, no seu trabalho, no meio da sociedade em que vivemos. «No mundo, sem ser mundanos», salientava S. Josemaria, para santificá-lo, para transformá-lo, para colocar aos pés de Deus todas as coisas que tenhamos entre mãos, «colocando Cristo no cume de todas as atividades humanas»^[5]. Com o dom de ciência, temos ao nosso alcance a possibilidade de «animar com o Evangelho o trabalho de cada dia (...) e desta forma dar sentido ao trabalho, até ao que é difícil»^[6]: o dom de ciência assiste-nos nesta tarefa de pôr tudo em harmonia com Deus. Olhando para Maria, mãe do criador, podemos aprender a amar melhor o mundo e a louvar as mãos que moldaram tudo quanto nos rodeia.

NOTAS

[1] Bento XVI, Audiência, 02/06/2012.

[2] S. João Paulo II, Audiência, 23/04/1989.

[3] *Ibid.*

[4] S. Josemaria, *Cartas* 23, n. 6.

[5] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 59.

[6] Bento XVI, Audiência, 02/06/2012.

Sexta-feira da VI semana da Páscoa

Reflexão para meditar na sexta-feira da VI semana da Páscoa. Os temas propostos são: a alegria cristã; o dom da sabedoria; o sábio é o sal da terra.

Sumário

- A alegria cristã.
- O dom da sabedoria.
- O sábio é o sal da terra.

NA NOITE da Páscoa, a Igreja canta todos os anos o pregão pascal, expressão da alegria pela vitória de Jesus Cristo: «Exulte a multidão dos anjos... Rejubile a terra, inundada por tão grande claridade... Ressoem neste templo as aclamações do povo de Deus em festa!». Após os dias dolorosos da Paixão, os Apóstolos recuperaram a alegria ao contemplar o rosto do Ressuscitado. Na Última Ceia, Cristo tinha-os prevenido: «Estareis tristes, mas a vossa tristeza converter-se-á em alegria. (...) Eu hei de ver-vos de novo e o vosso coração se alegrará e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria» (Jo 16, 20-23).

A alegria é uma aspiração gravada no nosso ser. «O nosso coração procura a alegria profunda, plena e duradoura, que possa dar sabor à nossa existência»^[1]. Vivendo junto de Jesus, podemos encontrar a alegria que desejamos, mesmo no meio de dificuldades ou sofrimentos: este é um elemento central da experiência cristã. Depois do Pentecostes, a alegria converte-se, para a primeira comunidade, num estilo de vida, porque o gozo é um fruto da presença do Espírito Santo. «Todos os dias frequentavam o templo em perfeita harmonia e partiam o pão em suas casas e comiam juntos com alegria e simplicidade de coração» (At 2, 46-47), relata o livro dos Atos dos Apóstolos.

A alegria e o amor andam de mãos dadas. «O homem não pode viver sem amor»^[2], recordava S. João Paulo II no início do seu pontificado. A alegria cristã nasce, antes de mais, de nos sabermos incondicionalmente amados por Deus: Ele acolhe-nos, aceita-nos e ama-nos tal como somos, mesmo quando nos parece que não experimentamos a sua presença. «Alegrai-vos de tal modo – dizia Sto. Agostinho – que, seja qual for a situação em que vos encontréis, tenhais presente que o Senhor está próximo; nada vos preocupe»^[3].

COMEÇA o costume do Decenário ao Espírito Santo, que nos pode ajudar a preparar a Solenidade do Pentecostes. Numa tradicional invocação ao Paráclito, nós, os cristãos, pedimos-Lhe o dom de «conhecer as coisas certas e gozar sempre das suas divinas consolações». Existe também um vínculo estreito entre a sabedoria e a alegria. O primeiro e maior dos dons do Espírito Santo é o dom de sabedoria, que nos dá um conhecimento profundo do mistério de Deus, um conhecimento novo e cheio de caridade, pelo qual «a alma adquire familiaridade, por assim dizer, com as coisas divinas»^[4]. S. Tomás de Aquino afirmava que a sabedoria é «um certo sabor»^[5] de Deus, um gosto pelo espiritual, que traz sempre alegria.

Diz a Sagrada Escritura: «Pedi a prudência e foi-me dada; invoquei o Senhor e veio a mim o espírito da sabedoria. Preferi-a aos cetros e aos tronos e considerei que as riquezas, em comparação com ela, nada valiam. A pedra mais preciosa não a iguala, pois, à vista dela, todo o ouro é um pouco de areia, e a prata será considerada como lodo à sua vista» (Sb 7, 7-9). «O verdadeiro sábio não é simplesmente o que conhece as coisas de Deus, mas aquele que as experimenta e vive»^[6]. Os santos dão-nos o melhor exemplo desta sabedoria gozosa; seguindo os seus passos, aprendemos a impregnar toda a nossa vida com a luz da sabedoria: as vivências, os sentimentos, os sonhos, os projetos.

O dom de sabedoria, «ao fazer-nos conhecer a Deus e tomar-Lhe o sabor, coloca-nos em condições de julgar com verdade as situações e as coisas da vida presente (...). Não é que o cristão não veja todo o bem que há na humanidade, que não aprecie as alegrias puras, que não participe das preocupações e dos ideais terrenos. Pelo contrário, sente tudo isso desde o

mais recôndito da sua alma, e partilha-o e vive-o com especial intensidade, pois conhece melhor do que qualquer homem o âmago do espírito humano»^[7]. A sabedoria introduz-nos no sentido profundo da realidade, também no seu constante claro-escuro. Com ela superamos a superfície das coisas para mergulharmos no sentido último do que acontece.

S. PAULO permaneceu em Corinto pregando a palavra de Deus durante muito tempo porque, numa visão, o Senhor disse-lhe: «Não temas, continua a falar, que Eu estou contigo e ninguém porá as mãos sobre ti, para te fazer mal» (At 18, 9). A firmeza da fé e do testemunho de Paulo apoiou-se na convicção de que Deus, que conhece todos os corações e todas as coisas, estava junto dele.

O dom de sabedoria ensina-nos «a sentir com o coração de Deus, a falar com as palavras de Deus»^[8]. Não é fruto do estudo, nem surge por uma boa atitude intelectual, embora possa apoiar-se neles. É um dom gratuito do doce Hóspede da alma, com Quem descobrimos a bondade e grandeza do Senhor, que enche de sabor a nossa vida para que nos tornemos «sal da terra» (Mt 5, 13). O coração do «sábio» tem o sabor de Deus, de tal modo que se converte para os outros em testemunha da sua presença.

A Sagrada Escritura narra que, no início do seu reinado, Salomão teve um sonho em que Deus o animou a pedir alguma coisa: «Pede-Me o que quiseres que Eu te dê» (1Rs 3, 1-15). A este pedido divino, o rei respondeu: «Concede ao teu servo um coração dócil para julgar o teu povo e para saber discernir entre o bem e o mal». Foi muito grato aos olhos de Deus que Salomão Lhe tivesse pedido sabedoria, como o maior de todos os tesouros. Seguindo o exemplo do rei sábio, podemos pedir ao Espírito Santo este dom, pois «guiados pela Sabedoria divina, nós entramos confiantes no mundo»^[9]. Maria, causa da nossa alegria e sede da sabedoria, acompanha-nos nesta petição.

NOTAS

[1] Bento XVI, Mensagem, 15/03/2012.

[2] S. João Paulo II, *Redemptor hominis*, n. 10.

[3] Sto. Agostinho, Sermão «Estai sempre alegres no Senhor», PL 38, 933-935.

[4] S. João Paulo II, Audiência, 09/04/1989.

[5] S. Tomás de Aquino, *Suma teológica*, II-II, q.45, a.2, ad.1.

[6] S. João Paulo II, Audiência, 09/04/1989.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 133.

[8] Francisco, Audiência, 09/04/2014.

[9] S. João Paulo II, Audiência, 29/01/2003.

Sábado da VI semana da Páscoa

Reflexão para meditar no sábado da VI semana da Páscoa. Os temas propostos são: o dom da piedade; a oração de petição é confiança em Deus; a piedade torna-nos mansos de coração.

Sumário

- O dom da piedade.
- A oração de petição é confiança em Deus.
- A piedade torna-nos mansos de coração.

NUM CLIMA de grande intimidade, Jesus diz aos apóstolos: «O próprio Pai vos ama, porque vós Me amastes e acreditastes que Eu saí de Deus. Saí de Deus e vim ao mundo; agora deixo o mundo e vou para o Pai» (Jo 16, 26-28). Cheio de ternura por eles, Jesus repete-lhes, uma e outra vez, que Deus Pai os ama com um amor semelhante ao seu. Toda a conversa está impregnada de emoção, enquanto lhes revela os tesouros escondidos no coração divino. A afeição de Cristo é tão profunda – «amou-os até ao fim» (Jo 13, 1), diz S. João – que lhe dói deixá-los *sozinhos*, sem o calor da sua presença.

«O próprio Pai vos ama». A confiança no amor de Deus Pai cresce no cristão com o dom da piedade, que o Espírito Santo dá quando habita na alma. É um dom que aperfeiçoa a virtude da piedade, «virtude que se baseia, tem a sua fonte e fundamento na filiação divina, porque dela nasce, da consciência de quem vive e saboreia a sua condição de filhos de Deus»^[1]. «Por isso, acima de tudo, o dom da piedade desperta em nós gratidão e louvor. Este é, de facto, o motivo e o sentido mais autêntico do nosso culto e da nossa adoração. Quando o Espírito Santo nos faz perceber a presença do Senhor e todo o seu amor por nós, aquece-nos o coração e move-nos quase naturalmente à oração e à celebração»^[2].

Saboreamos, então, a nossa identidade de filhos amados. A piedade semeia no coração a ternura filial, que nos faz necessitar do diálogo com Deus. A piedade, diz S. Josemaria, chega a «informar a existência inteira: está presente em todos os pensamentos, em todos os desejos, em todos os afetos»^[3] e traduz-se na alegre confiança de que o amor do Pai nunca nos faltará. Através deste dom, «o Espírito cura o nosso coração de toda a dureza e abre-o à ternura para com Deus e para com os irmãos»^[4].

«TUDO O QUE pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo dará. Até agora não pedistes nada em meu nome: pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa» (Jo 16, 23-24). Jesus anima-nos a ter tanta confiança em Deus que podemos pedir com a certeza de que ele nos ouve. Sermos muito *pedinchões* é uma manifestação de piedade. Embora possa parecer à primeira vista uma manifestação de egoísmo, é justamente o contrário, pois a oração de petição supõe um abandono total à sua vontade poderosa. Ao sentirmo-nos filhos sem muitos recursos próprios, como é lógico olhar para Deus e recorrer a Ele em busca de graça, ajuda e perdão!

«Pedir, implorar, isto é muito humano (...). A oração de petição anda de mãos dadas com a aceitação dos nossos limites e da nossa condição de criaturas. Podemos até deixar de crer em Deus, mas é difícil não acreditar na oração: ela simplesmente existe, aparece-nos como um clamor, e todos temos que lidar com essa voz interior que pode estar calada por muito tempo, mas que um dia acorda e grita. Sabemos que Deus responderá. No livro dos Salmos, não há ninguém que reze, que levante o seu lamento e não seja ouvido. Deus sempre responde, de uma forma ou de outra. A Bíblia repete-o inúmeras vezes: Deus ouve o clamor de quem o invoca. Mesmo os nossos pedidos *gaguejantes*, aqueles que ficam no fundo do nosso coração, que temos vergonha de exprimir, são ouvidos pelo Pai e quer dar-nos o Espírito Santo que anima cada oração e tudo transforma»^[5].

Desse modo, o dom de piedade dá frescura e naturalidade à oração, que além de ser um simples diálogo, terá um tom confiante que nos faz «tratar a Deus com ternura de coração»^[6]. O Espírito Santo desperta em nós uma oração cheia de tonalidades, como a própria vida. Às vezes vamos reclamar com o Pai: «Porque escondes a tua face?» (Sl 44, 25). Outras vezes, falar-

lhe-emos do nosso desejo de santidade: «Ó Deus, tu és o meu Deus! Anseio por ti! A minha alma tem sede de ti» (Sl 63, 2); ou do desejo de uma união mais profunda com ele: «Na terra só desejo estar contigo» (Sl 73, 25). E a nossa esperança repousará sempre na sua misericórdia: «Tu és o Deus meu salvador, em ti confio sempre» (Sl 25, 5).

A PIEDADE verdadeira influencia o nosso relacionamento com os outros. As pessoas que nos rodeiam são filhas do mesmo Pai, são nossos irmãos. A ternura com Deus Pai leva à ternura também com eles. Na vida quotidiana, em que nos relacionamos com tantas pessoas, «a ternura, como abertura genuinamente fraterna aos outros, manifesta-se na mansidão»^[7]. O Espírito Santo dilata o nosso coração e torna-o capaz de amar os outros de forma livre e gratuita. De alguma forma, os nossos corações recebem o dom imerecido da mansidão do coração de Cristo.

A piedade impele-nos a tratar com bondade e carinho quem está ao nosso lado. Além disso, «extingue no coração aquelas fontes de tensão e divisão, como amargura, raiva, impaciência, e alimenta-o com sentimentos de compreensão, tolerância, perdão»^[8]. A piedade torna-nos gratos, acolhedores e pacientes. Ao estar em paz com Deus, estendemos essa paz a todos os nossos relacionamentos. Em situações difíceis, quando estamos sob pressão, com a ajuda da piedade aprendemos a reagir sem violência, como vemos Cristo fazer. «A mansidão é característica de Jesus, que diz de si mesmo: “Aprendei de mim porque sou manso e humilde de coração” (Mt 11, 29). Mansos são os que têm domínio de si, que dão espaço ao outro, que o escutam e o respeitam no seu modo de viver, nas suas necessidades e nas suas exigências. Não pretendem subjugá-lo ou depreciá-lo, não querem destacar-se e dominar tudo, nem impor as suas ideias e interesses em detrimento dos outros (...). Precisamos de mansidão para avançar no caminho da santidade. Escutar, respeitar, não atacar»^[9].

«Peçamos ao Senhor que o dom do seu Espírito vença o nosso medo, as nossas inseguranças, também o nosso espírito inquieto e impaciente, e nos torne alegres testemunhas de Deus e do seu amor, adorando o Senhor em verdade e também no serviço dos nossos com mansidão e com o sorriso que o Espírito Santo sempre nos dá»^[10]. Confiamos esta súplica à intercessão de

Maria, Vaso insigne de devoção, com as palavras da Salve Rainha: «Ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria!»

NOTAS

[1] *Dicionário de S. Josemaria*, entrada “Piedade”.

[2] Francisco, Audiência geral, 04/06/2014.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 146.

[4] S. João Paulo II, Angelus, 28/05/1989.

[5] Francisco, Audiência geral, 09/12/2020.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 167.

[7] S. João Paulo II, Angelus, 28/05/1989.

[8] *Ibid.*

[9] Francisco, Angelus, 01/11/2020.

[10] Francisco, Audiência geral, 04/06/2014.

Ascensão do Senhor (Ciclo A)

Reflexão para meditar na Solenidade da Ascensão do Senhor (Ciclo A). Os temas propostos são: Jesus envia em missão os seus discípulos; Jesus vai para o céu, mas não nos abandona; Cristo precede-nos como Cabeça.

Sumário

- Jesus envia em missão os seus discípulos.
- Jesus vai para o céu, mas não nos abandona.
- Cristo precede-nos como cabeça.

QUARENTA DIAS depois da Páscoa, a Igreja celebra a Ascensão de Jesus aos céus. Como diz o Prefácio da Missa, «Vencendo o pecado e a morte, o vosso Filho Jesus, Rei da Glória, subiu hoje, ante os anjos maravilhados ao mais alto dos céus. E tornou-se o mediador entre vós, Deus, nosso Pai, e a humanidade redimida, Juiz do mundo e Senhor do universo»^[1].

A Sagrada Escritura relata que, antes de subir ao céu, Jesus disse aos seus discípulos: «Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado» (Mt 28, 18-20). Antes de ir para a direita do Pai, Jesus deixa uma missão ambiciosa: a de evangelizarem não apenas o povo de Israel ou o Império Romano, mas o mundo inteiro, toda a criação. «Parece na verdade demasiado audaz a missão que Jesus confia a um pequeno grupo de homens simples e sem grandes capacidades intelectuais. Contudo, este reduzido grupo, irrelevante diante das grandes potências do mundo, é convidado a levar a mensagem de amor e de misericórdia de Jesus a cada recanto da terra»^[2].

Também nós recebemos esse mesmo encargo divino e por isso sentimos tão próximo aquele dia em que Jesus subiu ao céu. S. Josemaria dizia que

«o apostolado é como a respiração do cristão: um filho de Deus não pode viver sem este pulsar espiritual. A festa de hoje recorda-nos que o zelo pelas almas é um mandato amoroso do Senhor, que, ao subir para a Sua glória, nos envia como testemunhas suas pelo mundo inteiro. Grande é a nossa responsabilidade, porque ser testemunha de Cristo significa, antes de mais nada, procurarmos comportar-nos segundo a Sua doutrina, lutar para que a nossa conduta faça recordar Jesus e evoque a Sua figura amabilíssima. Precisamos de conduzir-nos de tal maneira, que os outros ao ver-nos possam dizer: este é cristão, porque não odeia, porque sabe compreender, porque não é fanático, porque está acima dos instintos, porque é sacrificado, porque manifesta sentimentos de paz, porque ama»^[3].

JESUS intui que alguns dos apóstolos ficaram tristes por causa da sua ida para os céus. Por isso, antes da Ascensão, quer reunir-se com eles para lhes dirigir palavras de ânimo: «Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos» (Mt 28, 20). «Ao partir, Ele vem para nos elevar acima de nós próprios e para abrir o mundo a Deus. É por isso que os discípulos se alegraram quando regressaram de Betânia para casa. Pela fé sabemos que Jesus, abençoando, tem as suas mãos estendidas sobre nós. Esta é a razão permanente da alegria cristã»^[4].

A Liturgia das Horas medita hoje nas palavras de Santo Agostinho sobre este mistério: «Ele não deixou o céu quando desceu até nós; nem nos deixou ao voltar ao céu (...). Desceu do céu por sua misericórdia, mas já não subiu sozinho, pois nós também subimos n'Ele pela graça»^[5]. Jesus ascende ao céu, mas não nos abandona. «Uma vez que Jesus está com o Pai, Ele não está longe, mas perto de nós. Agora Ele já não se encontra num único lugar do mundo, como antes da Ascensão; com o seu poder, Ele supera todo o espaço, (...) está presente ao lado de todos, e todos podem evocá-lo em qualquer lugar e ao longo da história»^[6].

Jesus ascende ao Pai e, ao mesmo tempo, permanece connosco: o Espírito Santo habita na nossa alma em graça e o Senhor também nos acompanha fisicamente na Eucaristia. «Também agora é possível aproximarmo-nos intimamente de Jesus, em corpo e alma. Cristo assinalou-nos claramente o caminho: pelo Pão e pela Palavra, alimentando-nos com a

Eucaristia e conhecendo e cumprindo o que veio ensinar-nos, ao mesmo tempo que conversamos com Ele na oração»^[7].

«E ESTANDO DE OLHAR fito no Céu, enquanto Jesus se afastava, apresentaram-se-lhes dois homens vestidos de branco, que disseram: “Homens da Galileia, porque estais a olhar para o Céu? Esse Jesus, que do meio de vós foi elevado para o Céu, virá do mesmo modo que O vistes ir para o Céu”» (At 1, 10-11). A solenidade da Ascensão anima-nos com a esperança de partilhar a glória de que Jesus goza e à qual somos chamados como membros do seu corpo. «Ele não partiu para se alhear deste mundo, mas quis preceder-nos como nossa cabeça para que nós, membros do Seu corpo, possamos viver com a ardente esperança de o seguir no Seu reino»^[8].

«Este “êxodo” para a pátria celeste que Jesus viveu em primeira pessoa, foi por Ele suportado totalmente por nós. Por nós desceu do céu e por nós subiu, depois de se ter feito em tudo semelhante aos homens (...) Deus no homem, o homem em Deus: já não se trata de uma verdade teórica, mas real. Por isso a esperança cristã, fundamentada em Cristo, não é uma ilusão, mas, como diz a Carta aos Hebreus, “nessa esperança temos como que uma âncora segura e firme da alma” (Heb 6, 19), uma âncora que penetra no céu, onde Cristo nos precedeu»^[9].

O Senhor espera-nos no céu e envia-nos o Espírito Santo, os seus dons e os seus frutos, para que também nós alcancemos a meta. «Depois de o Senhor ter sido elevado ao Céu, os discípulos reuniram-se em oração no Cenáculo, com a Mãe de Jesus, invocando juntos o Espírito Santo, que os iria revestir de força para dar testemunho de Cristo ressuscitado. Qualquer comunidade cristã, unida à Virgem Santíssima, revive nestes dias essa singular experiência espiritual em preparação para a Solenidade de Pentecostes»^[10].

NOTAS

[1] Missal Romano, Prefácio, Missa da Ascensão do Senhor.

- [2] Francisco, Regina Cæli, 13/05/2018.
- [3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 122.
- [4] Bento XVI-Joseph Ratzinger, Jesus de Nazaré, p. 400.
- [5] Sto. Agostinho, Sermão da Ascensão, 1-2; PLS 2, 494-495.
- [6] Bento XVI-Joseph Ratzinger, Jesus de Nazaré, II, p. 329.
- [7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 118.
- [8] Missal Romano, Prefácio, Missa da Ascensão do Senhor.
- [9] Bento XVI, Regina Cæli, 04/05/2008.
- [10] Bento XVI, Regina Cæli, 08/05/2005.

Ascensão do Senhor (Ciclo B)

Reflexão para meditar na Solenidade da Ascensão do Senhor (Ciclo B). Os temas propostos são: Jesus envia em missão os discípulos e a nós; vai para o céu, mas não nos abandona; Cristo precede-nos como Cabeça.

Sumário

- Jesus envia em missão os discípulos e a nós.
- Vai para o céu, mas não nos abandona.
- Cristo precede-nos como Cabeça.

QUARENTA DIAS depois da Páscoa, a Igreja celebra a Ascensão de Jesus ao céu. Como o prefácio da Missa ensina, «o Senhor Jesus Cristo, Rei da glória, vencedor da morte e do pecado, subiu (hoje) ao mais alto dos céus, ante a admiração dos anjos, e foi constituído Mediador entre Deus e os homens, Juiz do mundo e Senhor dos senhores»^[1]. S. Marcos narra que, antes de subir ao céu, Jesus ratificou a missão apostólica dos discípulos: «Ide por todo o mundo e proclamai o Evangelho a toda a Criação» (Mc 16, 15). É um encargo ambicioso: não se trata de evangelizar o povo de Israel, ou o império romano, mas o mundo inteiro, toda a criação. «Parece deveras demasiado audaz a missão que Jesus confia a um pequeno grupo de homens simples e sem grandes capacidades intelectuais! Contudo, esta restrita companhia, irrelevante diante das grandes potências do mundo, é enviada para levar a mensagem de amor e de misericórdia de Jesus a todos os recantos da terra. Mas este projeto de Deus só pode ser realizado com a força que o próprio Deus concede aos Apóstolos»^[2].

Depois do que tinham vivido naqueles quarenta dias posteriores à ressurreição de Jesus, os discípulos responderam ao seu mandato missionário com uma fé operativa: «Foram pregar por todos os sítios, e o Senhor cooperava confirmando a palavra com os sinais que os acompanhavam» (Mc, 16, 20). A missão apostólica não é tarefa exclusiva para aqueles primeiros discípulos, mas nós também recebemos o mesmo

encargo divino; por isso sentimos tão próximo aquele dia em que Jesus subiu ao céu. «O apostolado é como a respiração do cristão: um filho de Deus não pode viver sem esse pulsar espiritual. A festa de hoje recorda-nos que o zelo pelas almas é um mandato amoroso do Senhor, que, ao subir para a sua glória, nos envia como testemunhas suas pelo mundo inteiro. Grande é a nossa responsabilidade, porque ser testemunha de Cristo significa, antes de mais nada, procurarmos comportar-nos segundo a Sua doutrina, lutar para que a nossa conduta faça recordar Jesus e evoque a sua figura amabilíssima. Precisamos de conduzir-nos de tal maneira, que os outros ao ver-nos possam dizer: este é cristão, porque não odeia, porque sabe compreender, porque não é fanático, porque está acima dos instintos, porque é sacrificado, porque manifesta sentimentos de paz, porque ama»^[3].

S. LUCAS conta que, pouco antes de subir ao céu, Jesus «levou-os até perto de Betânia e, levantando as mãos, abençoou-os (Lc 24, 50). De certa forma, desde aquele dia «as suas mão ficam estendidas sobre este mundo. As mãos de Cristo que abençoam são como um teto que nos protege (...). Ao ir-se embora, Ele vem para nos elevar acima de nós próprios e abrir o mundo a Deus. Por isso os discípulos puderam alegrar-se quando voltaram de Betânia para casa. Pela fé sabemos que Jesus, abençoando, tem as mãos estendidas sobre nós. Esta é a razão permanente da alegria cristã»^[4]. A liturgia das horas medita hoje as palavras de Sto. Agostinho sobre este mistério: «Não se afastou do céu quando desceu até nós; nem de nós, quando regressou para ele (...). Desceu, portanto, do céu, pela sua misericórdia, mas já não subiu só, visto que nós também subimos n'Ele pela graça»^[5].

S. Marcos, por sua vez, conclui o seu Evangelho dizendo que «depois de lhes falar, o Senhor Jesus foi levado ao céu e sentou-se à direita de Deus» (Mc 16, 19). A cena é fácil de imaginar se seguirmos o que S. Josemaria escreve sobre ela: «É justo que a santa humanidade de Cristo receba a homenagem, a aclamação e a adoração de todas as hierarquias dos anjos e de todas as legiões dos bem-aventurados da glória»^[6].

Jesus sobe aos céus, mas não nos abandona. «Visto que Jesus está junto do Pai, não está longe, mas perto de nós. Agora já não se encontra apenas

num lugar do mundo, como antes da Ascensão; com o seu poder supera todo o espaço (...) está presente ao lado de todos, e todos o podem evocar em todos os lugares e ao longo da história»^[7]. Jesus permanece conosco: o Espírito Santo habita na nossa alma em graça e o Senhor também nos acompanha fisicamente na Eucaristia. «É possível, também agora, aproximarmo-nos intimamente de Jesus, em corpo e alma. Cristo marcou-nos claramente o caminho: pelo Pão e pela Palavra, alimentando-nos com a Eucaristia e conhecendo e cumprindo o que nos veio ensinar, ao mesmo tempo que conversamos com Ele na oração»^[8].

«QUANDO OLHAVAM fixamente para o céu, enquanto se ia afastando, apresentaram-se-lhes dois homens vestidos de branco, que lhes disseram: “Galileus, que fazeis aí, olhando para o céu? O próprio Jesus que foi tomado de entre vós e elevado ao céu, voltará como o vistes ir para o céu”» (At 1, 10-11). A solenidade da Ascensão faz brilhar em nós a esperança de compartilhar a glória de que Jesus goza, a que somos chamados como membros do seu corpo. « Não abandonou a nossa condição humana, mas, subindo aos céus, como nossa cabeça e primogénito, deu-nos a esperança de irmos um dia ao seu encontro, como membros do seu Corpo, para nos unir à sua glória imortal»^[9].

«Este “êxodo” para a pátria celeste, que Jesus viveu pessoalmente, enfrentou-o totalmente por nós. Por nós desceu do céu e por nós ascendeu a ele, depois de se ter feito em tudo semelhante aos homens, humilhado até à morte de cruz, e depois de ter tocado o abismo do máximo afastamento de Deus. Precisamente por isso, o Pai comprazeu-se nele e «exaltou-o», restituindo-lhe a plenitude da sua glória, mas agora com a nossa humanidade. Deus no homem, o homem em Deus: já não se trata duma verdade teórica, mas real. Por isso, a esperança cristã, fundamentada em Cristo, não é uma miragem, mas como diz a carta aos Hebreus, “é para nós como uma âncora da alma” (Hb 6, 19), uma âncora que penetra no céu, onde Cristo nos precedeu»^[10].

Nosso Senhor espera-nos no céu e envia-nos o Espírito Santo, os seus dons e os seus frutos, para chegarmos também nós à meta. «Depois de Nosso Senhor subir ao céu, os discípulos reuniram-se em oração no

Cenáculo, com a Mãe de Jesus, invocando juntos o Espírito Santo, que os revestiria de força para dar testemunho de Cristo crucificado. Toda a comunidade cristã, unida à Virgem Santíssima, revive nestes dias essa singular experiência espiritual como preparação da solenidade do Pentecostes»^[11].

NOTAS

[1] Missal Romano, Prefácio, Missa da Ascensão do Senhor.

[2] Francisco, Regina Cœli, 13/05/2018.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 122.

[4] Bento XVI-Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré*.

[5] Sto. Agostinho, Sermão da Ascensão.

[6] S. Josemaria, *Santo Rosário*, II mistério glorioso.

[7] Bento XVI-Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré*.

[8] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 118.

[9] Missal Romano, Prefácio, Missa da Ascensão do Senhor.

[10] Bento XVI, Regina Cœli, 04/05/2008.

[11] Bento XVI, Regina Cœli, 08/05/2005.

Ascensão do Senhor (Ciclo C)

*Reflexão para meditar na Solenidade da Ascensão do Senhor (Ciclo C).
Os temas propostos são: Jesus envia em missão os seus discípulos; Jesus vai para o céu, mas não nos abandona; Cristo precede-nos como Cabeça.*

Sumário

- Jesus envia em missão os seus discípulos.
- Jesus vai para o céu, mas não nos abandona.
- Cristo precede-nos como Cabeça.

QUARENTA DIAS depois da Páscoa, a Igreja celebra a Ascensão de Jesus aos céus. Como diz o Prefácio da Missa, «Vencendo o pecado e a morte, o vosso Filho Jesus, Rei da Glória, subiu hoje, ante os anjos maravilhados ao mais alto dos céus. E tornou-se o mediador entre vós, Deus, nosso Pai, e a humanidade redimida, Juiz do mundo e Senhor do universo»^[1].

A Sagrada Escritura relata que, antes de subir ao céu, Jesus disse aos seus discípulos: «Está escrito que o Messias havia de sofrer e ressuscitar de entre os mortos ao terceiro dia e que havia de ser pregado em seu nome o arrependimento e o perdão dos pecados a todas as nações» (Lc 24, 46-47). Antes de ir para a direita do Pai, Jesus deixa uma missão ambiciosa: a de evangelizarem não apenas o povo de Israel ou o Império Romano, mas o mundo inteiro, toda a criação. «Parece na verdade demasiado audaz a missão que Jesus confia a um pequeno grupo de homens simples e sem grandes capacidades intelectuais. Contudo, este reduzido grupo, irrelevante diante das grandes potências do mundo, é convidado a levar a mensagem de amor e de misericórdia de Jesus a cada recanto da terra»^[2].

Também nós recebemos esse mesmo encargo divino e por isso sentimos tão próximo aquele dia em que Jesus subiu ao céu. S. Josemaria dizia que «o apostolado é como a respiração do cristão: um filho de Deus não pode

viver sem este pulsar espiritual. A festa de hoje recorda-nos que o zelo pelas almas é um mandato amoroso do Senhor, que, ao subir para a sua glória, nos envia como testemunhas suas pelo mundo inteiro. Grande é a nossa responsabilidade, porque ser testemunha de Cristo significa, antes de mais nada, procurarmos comportar-nos segundo a Sua doutrina, lutar para que a nossa conduta faça recordar Jesus e evoque a sua figura amabilíssima. Precisamos de conduzir-nos de tal maneira, que os outros ao ver-nos possam dizer: este é cristão, porque não odeia, porque sabe compreender, porque não é fanático, porque está acima dos instintos, porque é sacrificado, porque manifesta sentimentos de paz, porque ama»^[3].

S. LUCAS diz-nos que, pouco antes de subir aos céus, Jesus «levou os discípulos até junto de Betânia e, erguendo as mãos, abençoou-os» (Lc 24, 50). De certa forma, a partir desse dia, «as suas mãos permanecem estendidas sobre este mundo. As mãos de Cristo que abençoam são como um telhado que nos protege (...). Ao partir, Ele vem para nos elevar acima de nós próprios e para abrir o mundo a Deus. É por isso que os discípulos se alegraram quando regressaram de Betânia para casa. Pela fé sabemos que Jesus, abençoando, tem as suas mãos estendidas sobre nós. Esta é a razão permanente da alegria cristã»^[4].

A Liturgia das Horas medita hoje nas palavras de Sto. Agostinho sobre este mistério: «Ele não deixou o céu quando desceu até nós; nem nos deixou ao voltar ao céu (...). Desceu do céu por sua misericórdia, mas já não subiu sozinho, pois nós também subimos n'Ele pela graça»^[5]. Jesus ascende ao céu, mas não nos abandona. «Uma vez que Jesus está com o Pai, Ele não está longe, mas perto de nós. Agora Ele já não se encontra num único lugar do mundo, como antes da Ascensão; com o seu poder, Ele supera todo o espaço, (...) está presente ao lado de todos, e todos podem evocá-lo em qualquer lugar e ao longo da história»^[6].

Jesus ascende ao Pai e, ao mesmo tempo, permanece connosco: o Espírito Santo habita na nossa alma em graça e o Senhor também nos acompanha fisicamente na Eucaristia. «Também agora é possível aproximarmo-nos intimamente de Jesus, em corpo e alma. Cristo assinalou-nos claramente o caminho: pelo Pão e pela Palavra, alimentando-nos com a

Eucaristia e conhecendo e cumprindo o que veio ensinar-nos, ao mesmo tempo que conversamos com Ele na oração»^[7].

«E ESTANDO DE OLHAR fito no Céu, enquanto Jesus se afastava, apresentaram-se-lhes dois homens vestidos de branco, que disseram: “Homens da Galileia, porque estais a olhar para o Céu? Esse Jesus, que do meio de vós foi elevado para o Céu, virá do mesmo modo que O vistes ir para o Céu”» (At 1, 10-11). A solenidade da Ascensão anima-nos com a esperança de partilhar a glória de que Jesus goza e à qual somos chamados como membros do seu corpo. «Ele não partiu para se alhear deste mundo, mas quis preceder-nos como nossa cabeça para que nós, membros do Seu corpo, possamos viver com a ardente esperança de o seguir no Seu reino»^[8].

«Este “êxodo” para a pátria celeste que Jesus viveu em primeira pessoa, foi por Ele suportado totalmente por nós. Por nós desceu do céu e por nós subiu, depois de se ter feito em tudo semelhante aos homens (...) Deus no homem, o homem em Deus: já não se trata de uma verdade teórica, mas real. Por isso a esperança cristã, fundamentada em Cristo, não é uma ilusão, mas, como diz a Carta aos Hebreus, “nessa esperança temos como que uma âncora segura e firme da alma” (Heb 6, 19), uma âncora que penetra no céu, onde Cristo nos precedeu»^[9].

O Senhor espera-nos no céu e envia-nos o Espírito Santo, os seus dons e os seus frutos, para que também nós alcancemos a meta. «Depois de o Senhor ter sido elevado ao Céu, os discípulos reuniram-se em oração no Cenáculo, com a Mãe de Jesus, invocando juntos o Espírito Santo, que os iria revestir de força para dar testemunho de Cristo ressuscitado. Qualquer comunidade cristã, unida à Virgem Santíssima, revive nestes dias essa singular experiência espiritual em preparação para a Solenidade de Pentecostes»^[10].

NOTAS

[1] Missal Romano, Prefácio, Missa da Ascensão do Senhor.

- [2] Francisco, Regina Cæli, 13/05/2018.
- [3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 122.
- [4] Bento XVI-Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, p. 400.
- [5] Sto. Agostinho, Sermão da Ascensão, 1-2; PLS 2, 494-495.
- [6] Bento XVI-Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, II, p. 329.
- [7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 118.
- [8] Missal Romano, Prefácio, Missa da Ascensão do Senhor.
- [9] Bento XVI, Regina Cæli, 04/05/2008.
- [10] Bento XVI, Regina Cæli, 08/05/2005.

Segunda-feira da VII semana da Páscoa

Reflexão para meditar na segunda-feira da VII semana da Páscoa. Os temas propostos são: os discípulos recebem o Espírito Santo; paz no meio das tribulações; a paciência é um fruto do Espírito Santo.

Sumário

- Os discípulos recebem o Espírito Santo.
- Paz no meio das tribulações.
- A paciência é um fruto do Espírito Santo.

QUANDO S. PAULO chegou a Éfeso, «encontrou alguns discípulos e perguntou-lhes: “Recebestes o Espírito Santo, quando abraçastes a fé?”» (At 19, 1-2). Chama a atenção que a primeira pergunta do Apóstolo das gentes seja precisamente sobre o conhecimento acerca do Espírito Santo; isto mostra a prioridade que a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade tinha na Igreja primitiva e continua a ter ainda hoje. «Eles responderam: “Nem sequer ouvimos falar do Espírito Santo”. Paulo perguntou: “Então, que batismo recebestes?”. Eles responderam: “batismo de João”» (v. 2-3).

S. Paulo queria que os que abraçavam a fé conhecessem a profundidade da vida de Deus; neste caso, explica-lhes que «“João administrou um batismo de penitência, dizendo ao povo que acreditasse n’Aquele que ia chegar depois dele, isto é, em Jesus”. Depois de ouvirem estas palavras, receberam o Batismo em nome do Senhor Jesus» (v. 4-5). Na cena, vemos uma comunidade que, além do Batismo, recebeu a Confirmação na fé, com o dom do Paráclito: «Quando Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo desceu sobre eles, e começaram a falar línguas e a profetizar. Eram ao todo uns doze homens» (v. 6-7).

No sacramento da Confirmação, também nós recebemos o Espírito Santo «para nos comprometermos mais plenamente na batalha que a Igreja trava contra o pecado (...). Para que possais trabalhar com fé profunda e

caridade constante, para ajudar o mundo a conseguir os frutos da reconciliação e da paz»^[1]. Enquanto nos preparamos para a festa de Pentecostes, podemos perguntar-nos: «Que lugar ocupa na minha vida o Espírito Santo? Sou capaz de O escutar? Sou capaz de Lhe pedir inspiração antes de tomar uma decisão, de dizer uma palavra ou de fazer algo? (...). Peço-Lhe que me guie pelo caminho que devo escolher na minha vida, e também todos os dias? Peço-Lhe que me dê a graça de distinguir o bom do menos bom? (...). Peçamos a graça de aprender essa linguagem para escutar o Espírito Santo»^[2].

NO EVANGELHO da Missa de hoje, lemos o discurso de despedida de Jesus na Última Ceia. O Senhor quer preparar os seus discípulos para o que irá acontecer dentro de poucas horas. Depois da alegoria da videira e dos ramos, o Mestre promete-lhes que enviará o Espírito Santo. «Disseram os discípulos a Jesus: “De facto agora falas abertamente, sem enigmas. Agora vemos que sabes tudo e não precisas que ninguém Te faça perguntas. Por isso acreditamos que saíste de Deus”. Respondeu-lhes Jesus: “Agora acreditais? Vai chegar a hora – e já chegou – em que sereis dispersos, cada um para seu lado, e Me deixareis só”» (Jo 16, 29-32).

«As dificuldades e as tribulações fazem parte da obra de evangelização, e nós somos chamados a encontrar nelas uma oportunidade de verificar a autenticidade da nossa fé e da nossa relação com Jesus. Devemos considerar essas dificuldades como possibilidade para sermos ainda mais missionários e crescermos na confiança em Deus, nosso Pai, que não abandona os seus filhos na hora da tempestade»^[3]. Jesus mostra aos seus discípulos que sabe o que vai suceder; sabe que vai sofrer e assegura-lhes que, apesar de tudo, continuará a oferecer-Se como fundamento para que a sua fé não vacile. Cristo confia no amor do Pai; esse será o seu conforto e o dos seus discípulos no futuro: «Não estou só, porque o Pai está comigo» (Jo 16, 32).

Depois da Ressurreição, os Apóstolos recordariam estas palavras como um bálsamo, ao ver que se tinha cumprido todo este discurso. O Senhor não tinha prometido aos discípulos uma vida sem preocupações nem dificuldades, mas anunciara-lhes com realismo a missão apostólica. No

entanto, deu-lhes também a chave para as ultrapassarem: «No mundo sofrereis tribulações. Mas tende confiança: Eu venci o mundo» (Jo 16, 33). A vida do cristão na terra envolve um esforço constante de lutar consigo mesmo e procurar encontrar em Deus o fundamento, abandonar n'Ele a nossa alegria e a nossa paz. «Nunca poderei ter verdadeira alegria se não tiver paz – dizia S. Josemaria –. E o que é a paz? A paz é algo muito relacionado com a guerra. A paz é a consequência da vitória. A paz exige de mim uma contínua luta. Sem luta não poderei ter paz»^[4].

«DIGO-VOS isto, para que em Mim tenhais a paz. No mundo sofrereis tribulações. Mas tende confiança: Eu venci o mundo» (Jo 16, 33). Podemos pedir ao Senhor que nos conceda e nos aumente a paciência, fruto do Espírito Santo, que consiste no «dom de compreender que as coisas importantes levam tempo, que a mudança é orgânica, que há limites e que temos de trabalhar dentro deles e manter ao mesmo tempo os olhos no horizonte, como fez Jesus»^[5]. A paciência ajuda-nos a «suportar a prova, a dificuldade, a tentação e as nossas misérias»^[6]; ajuda-nos a manter a esperança na própria luta, apesar das nossas fraquezas. Dizia S. Josemaria: «Nas batalhas da alma, a estratégia consiste, muitas vezes, em dar tempo ao tempo, em aplicar o remédio conveniente, com paciência, com persistência. Aumentemos os atos de esperança. Volto a lembrar que sofrereis derrotas, ou que passareis por altos e baixos – Deus permita que sejam impercetíveis – na vossa vida interior, porque ninguém está livre desses percalços. Mas o Senhor, que é onipotente e misericordioso, concedeu-nos os meios idóneos para vencer»^[7].

Perante as dificuldades externas ou as contrariedades que podem surgir no relacionamento com os outros, ajudar-nos-á o conselho de Jesus: «Aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração» (Mt 11, 29). Se entrarmos nessa escola, aprenderemos a «ver as coisas com paciência. Não são como nós queremos que sejam mas, como vêm pela providência de Deus, devemos recebê-las com alegria, sejam como forem. Se virmos Deus por detrás de tudo, seremos sempre felizes, sempre serenos. E deste modo mostraremos que a nossa vida é contemplativa, sem nunca perder a calma»^[8]. É verdade que «há sempre ocasiões em que a impaciência surge: interrupções imprevistas no trabalho, atrasos que nos obrigam a esperar,

pequenos ou grandes contratempos da vida quotidiana. Pensemos – falemos! – imediatamente com o Senhor: mais paciência tens Tu comigo, Jesus! A impaciência, além do que possa ter de reação instintiva, é falta de mortificação interior e, na sua raiz, falta de caridade. Pelo contrário, a compreensão, a desculpa, a paz, são efeito do carinho por Deus e pelos outros. Ante qualquer movimento de impaciência, procuremos sorrir e rezar por quem, num dado momento, nos interrompe, nos faz esperar ou nos cansa; ofereçamos isso ao Senhor com alegria (...). Jesus, com a tua graça; minha Mãe, com a tua ajuda»^[9].

NOTAS

[1] S. João Paulo II, Homilia, 30/05/1982.

[2] Francisco, Homilia, 29/05/2017.

[3] Francisco, Angelus, 25/06/2017.

[4] S. Josemaria, *Caminho*, n. 308.

[5] Francisco, *Sonhemos juntos*, Ed. Planeta.

[6] S. Josemaria, *Cartas 2*, n. 47.

[7] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 219.

[8] S. Josemaria, Apontamentos de uma reunião familiar, 06/07/1967.

[9] Fernando Ocáriz, *À luz do Evangelho*, p. 179-180.

Terça-feira da VII semana da Páscoa

Reflexão para meditar na terça-feira da VII semana da Páscoa. Os temas propostos são: Paulo, testemunha do Evangelho; Deus chama-nos a uma vida plena; a magnanimidade do Apóstolo.

Sumário

- Paulo, testemunha do Evangelho.
- Deus chama-nos a uma vida plena.
- A magnanimidade do Apóstolo.

PAULO ESTÁ a caminho de Jerusalém, onde o «esperam cadeias e tribulações» (At 20, 23). Passando por Mileto, decide enviar uma mensagem a Éfeso para convocar os presbíteros da Igreja. O apóstolo está consciente de que, muito provavelmente, esta será a última vez que o vão ver. Por isso, quando estão reunidos, pronuncia um discurso emocionado, no qual deixa entrever o que deu sentido à sua existência. Desde que Cristo lhe apareceu no caminho de Damasco, não deixou de anunciar a todos «a necessidade de se converterem a Deus e de acreditarem em Nosso Senhor Jesus Cristo» (At 20, 21). E embora isso lhe tenha trazido todo o tipo de dificuldades, a única coisa que tem valor para ele é ser fiel a esta missão que Deus lhe confiou: «a mim não me importa a vida, o que me importa é concluir a minha carreira e cumprir a missão que o Senhor me deu: ser testemunho do Evangelho, que é a graça de Deus» (At 20, 24).

Nestas semanas da Páscoa, que estão a chegar ao fim, temos meditado sobre a verdade central da nossa fé: a ressurreição de Jesus. Como S. Paulo reconhece, trata-se de um autêntico tesouro que recebemos não só para o proteger, mas também para o partilhar com os outros. Os dons de Deus são concedidos para o bem de todos. E isto significa, às vezes, pôr de lado as seguranças pessoais para empreender a carreira divina de ser apóstolo. «Seguir, acompanhar Cristo, permanecer com Ele exige um “sair”. Sairmos de nós mesmos, de um modo de viver a fé cansado e rotineiro, da tentação

de nos fecharmos nos nossos esquemas, que acabam por fechar o horizonte da obra criativa de Deus»^[1]. Na realidade, o próprio Deus praticou esta lógica de abertura: fez-se um de nós, saiu ao nosso encontro, para nos dar a Sua misericórdia e a Sua salvação.

PODERIA PARECER que Paulo, vivendo unicamente para realizar a missão que recebeu do Senhor, não teve outras expectativas nem projetos pessoais. Puseram uma questão semelhante a D. Javier Echevarría, quando foi eleito o segundo sucessor de S. Josemaria: «o Padre conseguiu ter vida própria?». Na sua resposta, D. Javier lançou um olhar ao passado e apresentou, à semelhança do discurso de S. Paulo, o que Deus tinha feito na sua vida: «Sim, claro que tive a minha própria vida. Eu nunca teria sonhado viver a minha vida de forma tão ambiciosa. Vivendo só à minha maneira, teria imaginado uns horizontes muitíssimo mais estreitos, uns voos muito mais curtos (...) Eu, como homem do meu tempo, como cristão e como sacerdote, sou uma pessoa plenamente realizada»^[2].

Deus conta com os nossos dons e com a nossa personalidade para dar forma ao anúncio da salvação a todos. Jesus não escolheu doze Apóstolos iguais. Alguns eram mais entusiastas ou impulsivos, outros mais introvertidos ou reflexivos. Cada um contribuiu para a difusão do cristianismo de formas diferentes, de acordo com o seu carácter, a sua experiência e as pessoas a quem se dirigia. Além disso, seria estranho pensar que Deus, como Pai que nos criou com Amor, chamando-nos a partilhar a vida com Ele, fosse menos criativo do que nós. Os Apóstolos não viam a sua vocação como um encargo exterior, alheio às suas qualidades e desejos mais profundos. De facto, eles viam como os seus talentos pessoais se aplicavam e as suas aspirações se realizavam quando se deixavam guiar pelo Espírito Santo. Por isso S. Paulo diz, ao aperceber-se de que, pouco a pouco, o seu fim se aproxima, que a única coisa que lhe importa é «ser testemunha do Evangelho» (At 20, 24): em todos aqueles anos, ele experimentou a atração e a paixão inigualáveis de ser fiel à vocação que Jesus lhe deu.

S. PAULO RESUME assim a sua vida de Apóstolo: «jamais recuei, quando era preciso anunciar-vos todos os desígnios de Deus» (At 20, 27). Desde que conheceu Cristo, seria incapaz de se entregar a meias: para quem experimentou o «Amor com maiúscula, o meio-termo é muito pouco, é mesquinhez, cálculo ruim»^[3]. A sua vocação levou-o a dedicar todas as suas forças ao ideal que iluminava a sua existência. «Qual é então a minha recompensa? – pergunta-se ele na Carta aos Coríntios – Pregar o Evangelho gratuitamente, sem me fazer valer dos direitos que o seu anúncio me confere» (1Cor 9, 18).

O Prelado do Opus Dei recordou-nos com frequência que «nós não fazemos apostolado, somos apóstolos!»^[4] O desejo de aproximar as almas de Deus não se limita a um momento ou a uma tarefa concreta: o coração de um apóstolo bate continuamente. Se pensarmos nas pessoas que marcaram positivamente a nossa vida – pais que nos fizeram crescer, um professor que soube ‘puxar’ pelo melhor de nós mesmos, um amigo com quem podemos sempre contar... – será possível notarmos um traço comum: a magnanimidade. Dificilmente nos poderiam ter ajudado se cada um se tivesse limitado a cumprir a sua tarefa mais imediata: assegurar o sustento material, dar uma aula, dedicar algum do seu tempo...

De forma semelhante, um apóstolo deixa a sua marca nas almas quando vai para além de si mesmo, quando procura não se deixar levar por cálculos ou preconceitos. Por isso, S. Josemaria considerava a magnanimidade como «a força que nos dispõe a sair de nós mesmos, a fim de nos prepararmos para empreender obras valiosas em benefício de todos»^[5]. A pessoa magnânima não se contenta em dedicar algum do seu tempo ou das suas forças: dá-se por inteiro; segue, de certo modo, a lógica da Virgem Maria: entregou o seu coração a Deus e Ele, por Sua vez, tornou-a capaz de nos acolher a todos.

NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 27/03/2013.

[2] Entrevista de Pilar Urbano a D. Javier, *Época*, 20/04/1994, citada em A. Sánchez León, *En la tierra como en el cielo*, Madrid, Rialp 2019, p. 349-350.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 64.

[4] Fernando Ocáriz, *Carta pastoral*, 14/02/2017, n. 9.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 80.

Quarta-feira da VII semana da Páscoa

Reflexão para meditar na quarta-feira da VII semana da Páscoa. Os temas propostos são: procurar a unidade dos cristãos através da oração; o temor de Deus é um dom para os filhos; para abominar o pecado e abrir-nos à santidade.

Sumário

- Procurar a unidade dos cristãos através da oração.
- O temor de Deus é um dom para os filhos.
- Para abominar o pecado e abrir-nos à santidade.

JESUS, NO FINAL da sua oração sacerdotal, pede ao Pai pela unidade dos seus discípulos: «Guarda-os em teu nome, o nome que Me deste, para que sejam um, como Nós» (Jo 17, 11). Trata-se de uma intenção que perdura ao longo dos séculos: que todos os cristãos formemos uma unidade.

«A unidade é sobretudo um dom, é uma graça para pedir com a oração. Cada um de nós necessita dele. De facto, damo-nos conta de que não somos capazes de conservar a unidade nem sequer em nós próprios. Também o apóstolo Paulo sentia dentro de si um conflito dilacerante: querer o bem e estar inclinado para o mal (cf. Rm 7, 19). Compreendeu assim que a raiz de tantas divisões que existem à nossa volta – entre as pessoas, na família, na sociedade, entre os povos e também entre os crentes – está dentro de nós. O Concílio Vaticano II afirma que “os desequilíbrios de que sofre o mundo atual estão ligados àquele outro desequilíbrio fundamental que se radica no coração do homem. São muitos os elementos que se travam no próprio interior do homem (...). Por isso, experimenta dentro de si a divisão, que tantas e tão graves discórdias provoca na sociedade” (*Gaudium et spes*, n. 10). Portanto, a solução para as divisões não é opor-se a alguém, porque a discórdia gera outra discórdia. O verdadeiro remédio começa por pedir a Deus a paz, a reconciliação, a unidade»^[1].

«Precisamente porque a procura da plena unidade exige confrontar a fé entre crentes que têm um único Senhor, a oração é a fonte que ilumina a verdade que tem de ser acolhida inteiramente. Além disso, por meio da oração, a procura da unidade, longe de ficar limitada ao âmbito dos especialistas, estende-se a cada batizado. Todos, independentemente da sua missão na Igreja e da sua formação cultural, podem contribuir ativamente, de forma misteriosa e profunda»^[2].

CONTINUA A SOLENE oração de Jesus ao seu Pai durante os seus últimos momentos antes da Paixão: «Consagra-os na verdade. A tua palavra é a verdade. Assim como Tu Me enviaste ao mundo, também Eu os enviei ao mundo» (Jo 17, 17-18). Anima-nos e também nos enche de responsabilidade, que Jesus tenha pedido pela santidade dos seus discípulos e que a coloque como fundamento para a missão que lhes atribui. E não ficou por aí: depois da ressurreição, enviou-lhes o Espírito Santo para que os enchesse com os seus dons e os seus frutos. S. Paulo explica aos gálatas que, «porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: “*Abbá!* – Pai!” Deste modo, já não és escravo, mas filho» (Gl 4, 6-7). Somos filhos de Deus, chamados a ser santos. Neste contexto de filiação divina compreende-se a importância do “temor de Deus”, dom do Espírito Santo anunciado nos salmos: «O temor do Senhor é puro, permanece para sempre» (Sl 19, 10), «princípio da sabedoria» (Sl 111, 10). S. Josemaria escreveu que o temor de Deus «é veneração do filho para com o seu Pai; nunca temor servil, porque o teu Pai-Deus não é um tirano»^[3].

O temor de Deus como abandono confiado na bondade de um Pai rico em misericórdia oferece novas perspectivas à nossa luta espiritual. «Recorda-nos como somos pequenos diante de Deus e do seu amor e que o nosso bem está em nos abandonarmos com humildade, respeito e confiança nas suas mãos (...). Adquire em nós a forma da docilidade, do reconhecimento e do louvor enchendo o nosso coração de esperança. Muitas vezes, com efeito, não conseguimos captar o desígnio de Deus e damo-nos conta de que não somos capazes de assegurar por nós mesmos a felicidade e a vida eterna. No entanto, é precisamente na experiência dos nossos limites e da nossa pobreza onde o Espírito nos conforta e nos faz compreender que a única coisa importante é nos deixarmos conduzir por

Jesus para os braços do seu Pai»^[4]. O temor de Deus torna-nos conscientes dos limites que temos como criaturas, de que existe algo grande que podemos desaproveitar. O santo temor de Deus dá-nos uma certa insatisfação que nos leva a estar atentos a esse Deus que continua a passar ao nosso lado.

«EU CONSAGRO-ME POR ELES para que também eles sejam consagrados na verdade» (Jo 17, 19). Seguindo Jesus, dizia S. Josemaria: «Temos de ser santos para santificar»^[5]. Com essa consciência da prioridade da graça, podemos pedir ao Espírito Santo que nos encha de temor de Deus, para sermos mais humildes e dóceis às suas inspirações: «O Espírito Santo abre os corações com o dom do temor de Deus. Coração aberto para que o perdão, a misericórdia, a bondade e a carícia do Pai cheguem até nós, porque nós somos filhos infinitamente amados. Quando estamos cheios do temor de Deus estamos predispostos a seguir o Senhor com humildade, docilidade e obediência»^[6].

Somos filhos de Deus com a missão de reconciliar o mundo com Deus, de o conduzir à sua felicidade plena. O temor de Deus não leva à pusilanimidade: «É um dom que a nós, cristãos, torna convencidos, entusiastas, que não permanecem submetidos ao Senhor por medo, mas que são movidos e conquistados pelo seu amor»^[7]. Outra consequência do temor de Deus na alma é a rejeição daquilo que possa ofender o Pai amado: «Não te esqueças, filho, que para ti na Terra só há um mal, que deves temer e, com a graça de Deus, evitar: o pecado»^[8].

Podemos recorrer à Virgem Santíssima, cheia de graça, para que nos alcance de Deus «o dom do temor, que nos fazendo abominar todo o pecado, imprima no nosso coração o espírito de adoração e uma profunda e sincera humildade»^[9].

NOTAS

[1] Francisco, Audiência geral, 20/01/2021.

[2] S. João Paulo II, *Ut unum sint*, n. 70.

[3] S. Josemaria, *Caminho*, n. 435.

[4] Francisco, Audiência geral, 11/06/2014.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 9.

[6] Francisco, Audiência general, 11/06/2014.

[7] *Ibid.*

[8] S. Josemaria, *Caminho*, n. 386.

[9] S. Josemaria, Consagração ao Espírito Santo.

Quinta-feira da VII semana da Páscoa

Reflexão para meditar na quinta-feira da VII semana da Páscoa. Os temas propostos são: a grandeza do dom de Deus; o Espírito Santo renova-nos sempre; a longanimidade tira-nos o medo.

Sumário

- A grandeza do dom de Deus.
- O Espírito Santo renova-nos sempre.
- A longanimidade tira-nos o medo.

JESUS, ANTES de subir à cruz por amor a cada homem e a cada mulher, quer elevar-nos à altura do Seu amor. O Senhor quer, de alguma forma, colocar-nos no Seu mesmo nível, dar-nos tudo o que tem, tudo o que recebeu. É por isso que nos oferece a Sua intimidade com Deus Pai. «Para que vejam a minha glória, a glória que Me deste» (Jo 17, 22), lemos no Evangelho da Missa de hoje. Jesus quer que o Pai, de alguma forma, nos olhe com o mesmo orgulho com que O olha. E para herdar todo este património, é importante compreender, antes de mais, «que Deus é dom, que não se comporta tomando, mas dando. E por que é importante? Porque o nosso modo de ser crentes depende de como entendermos Deus. (...) Se tivermos no coração que Deus é dom, muda tudo. Se nos dermos conta de que aquilo que somos é dom d'Ele, dom gratuito e imerecido, então também nós quereremos fazer da própria vida um dom»^[1].

Jesus dá-nos o Espírito Santo, o dador de todos os dons, o amor que existe entre Deus Pai e Ele. E com Ele dá-nos um dos Seus frutos: a longanimidade, que é grandeza de ânimo diante das dificuldades. «Muitas coisas grandes dependem de que tu e eu vivamos como Deus quer»^[2], dizia S. Josemaria. Fomos chamados para receber um amor infinito, mas muitas vezes a nossa capacidade não corresponde às ânsias de expansão que foram dadas ao nosso coração. Muitas vezes podemos concentrar-nos demais nas nossas fraquezas e pecados. No entanto, o Espírito Santo sempre nos

impulsiona a olhar para cima, a contemplar o horizonte, a levantar-nos com mais força. Não são só as nossas obras que conquistam a santidade, nem sequer são o mais importante: é Deus que faz com que a nossa entrega, aquele grãozinho de mostarda, se multiplique e sirva para dar sombra a tantos.

«QUANDO A VIDA das nossas comunidades atravessa períodos de “lassidão”, em que se prefere a comodidade doméstica à vida nova de Deus, é um mau sinal. Quer dizer que se busca abrigo do vento do Espírito. Quando se vive para a autoconservação e não se vai ao encontro dos que estão longe, não é bom sinal. O Espírito sopra, mas nós amainamos as velas. E, no entanto, muitas vezes O vimos realizar maravilhas! Muitas vezes, precisamente nos períodos mais escuros, o Espírito suscitou a santidade mais luminosa! Porque Ele é a alma da Igreja, sempre a reanima com a esperança, enche-a de alegria, fecunda-a de vida nova, dá-lhe rebentos de vida. Como na família, quando nasce uma criança, esta complica os horários, faz perder o sono, mas traz uma alegria que renova a vida, impelindo-a para a frente, dilatando-a no amor. Do mesmo modo o Espírito traz à Igreja um «sabor de infância». Realiza renascimentos contínuos. Reaviva o amor do começo. O Espírito lembra à Igreja que, não obstante os seus séculos de história, é sempre uma jovem de vinte anos, a Noiva jovem por quem o Senhor está perdidamente apaixonado. Não nos cansemos, então, de convidar o Espírito para os nossos ambientes, de O invocar antes das nossas atividades: “Vinde, Espírito Santo!”»^[3].

A Igreja caminha para o Pentecostes com a esperança de alcançar este dom. Quer encher-se de longanimidade: «Não olheis aos nossos pecados, mas à fé da vossa Igreja e (...) segundo a vossa vontade...»^[4], dizemos na Santa Missa. Não queremos ser distraídos por uma visão de curto alcance. Queremos fixar os olhos no que é definitivo, no que não passa, no amor de Deus por cada um. S. Josemaria sempre nos encorajou a manter os olhos fixos no horizonte: «Não contempleis nada apenas com olhos humanos, meus filhos e filhas. Não olheis com o nariz encostado à parede, porque então não vereis mais que um pouco da parede, um pouco do chão e as pontas dos sapatos, que nem estarão limpos porque se terão sujado com o pó do caminho. Levantai a cabeça, vereis o céu, azul ou nublado, mas

esperando o vosso voo. Os obstáculos da sensualidade, orgulho, vaidade; numa palavra, da idiotice humana, não são tão altos que possam, se não quisermos, cegar completamente a nossa vista»^[5].

«DEI-LHES A CONHECER o Teu nome e dá-lo-ei a conhecer, para que o amor com que Me amaste esteja neles e Eu esteja neles» (Jo 17, 26), continua a dizer Jesus no Evangelho de hoje. Às vezes é impressionante como os apóstolos, escolhidos por Cristo desde toda a eternidade, às vezes não estavam muito cientes do que estava a acontecer ao seu redor. Mas, na realidade, também nós somos assim tantas vezes, que nos distraímos no mais imediato: «muitas vezes a nossa vida é delineada segundo a lógica do ter, do possuir, e não do dar-se. Muitas pessoas creem em Deus e admiram a figura de Jesus Cristo, mas quando se lhes pede que abandonem algo de si mesmas, então elas recuam, têm medo das exigências da fé. Existe o temor de ter que renunciar a algo de bonito, ao que estamos apegados; o temor de que seguir Cristo nos prive da liberdade, de certas experiências, de uma parte de nós mesmos. (...) Temos que saber reconhecer que perder algo, aliás, perder-se a si mesmo pelo Deus verdadeiro, o Deus do amor e da vida, é na realidade ganhar, encontrar-se mais plenamente a si próprio. Quem se confia a Jesus experimenta já nesta vida a paz e a alegria do coração, que o mundo não pode dar, e nem sequer pode tirar, uma vez que foi Deus quem no-las concedeu. Portanto, vale a pena deixar-se tocar pelo fogo do Espírito Santo!»^[6].

O oposto da longanimidade é o medo, o encolhimento, o desejo de garantir tudo, não arriscar nada. Deixar-nos vencer pelo medo é a coisa mais fácil de fazer, mas também intuímos aonde esse caminho conduz. O Espírito liberta os nossos corações encerrados no medo. Transforma a nossa vida, mas fá-lo ao Seu estilo: «A mudança do Espírito é diferente: não revoluciona a vida ao nosso redor, mas muda o nosso coração; não nos livra dum momento para o outro dos problemas, mas liberta-nos *dentro* para os enfrentar; não nos dá tudo imediatamente, mas faz-nos caminhar confiantes (...). E como faz? Renovando o coração, transformando-o de pecador em perdoado. Esta é a grande mudança: de culpados que éramos, faz-nos justos e assim tudo muda, porque, de escravos do pecado, tornamo-nos livres; de servos, filhos; de descartados, preciosos; de desanimados, esperançosos.

Deste modo, o Espírito Santo faz renascer a alegria, assim faz florescer no coração a paz»^[7].

«A minha alma glorifica o Senhor» (Lc 1, 46). Pedimos à nossa Mãe que descubramos, como ela, a grandeza do Senhor e nos deixemos iluminar pelo fogo do Espírito para atear toda a terra.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 31/05/2020.

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 755.

[3] Francisco, Homilia, 20/05/2018.

[4] Ordinário da Missa.

[5] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 25/06/1972.

[6] Bento XVI, Homilia, 23/05/2010.

[7] Francisco, Homilia, 20/05/2018.

Sexta-feira da VII semana da Páscoa

Reflexão para meditar na sexta-feira da VII semana da Páscoa. Os temas propostos são: a mansidão é um dos frutos do Espírito Santo; o jugo de Deus é suave; os mansos herdarão a terra.

Sumário

- A mansidão é um dos frutos do Espírito Santo.
- O jugo de Deus é suave.
- Os mansos herdarão a terra.

S. PAULO enumera, entre os frutos do Espírito Santo, a mansidão (cf. Gl 5, 23). E S. Tomás de Aquino assinala que «é próprio da mansidão aquietar a paixão da ira»^[1]. Talvez nos perguntemos frequentemente porque há situações ou pessoas que nos conseguem aborrecer. Por vezes somos surpreendidos por um sentimento de ira ou sentimo-la infiltrar-se no nosso coração. Está claro que a ira pode estar presente na nossa vida e ameaça eficazmente a nossa paz e a dos que nos rodeiam. Um dos seus efeitos é que «impede, devido ao seu impulso, que o espírito do homem julgue livremente a verdade»^[2]. Portanto, um primeiro passo para a vencer pode ser conhecermo-nos o melhor possível: saber como são as nossas zangas, como começam e como acabam. Este conhecimento, junto com a graça que pedimos a Jesus, que é «manso e humilde de coração», são as bases firmes para enfrentar esta batalha para conseguir a paz interior. Os nossos comportamentos não surgem espontaneamente, mas foram gerados no nosso coração, por vezes de modo inconsciente. Há um obstáculo que muitas vezes não detetamos e que são os juízos que fazemos sobre nós próprios ou sobre os outros, especialmente os que são mais críticos ou negativos.

Por um lado, julgar os outros não é missão nossa; não queremos *fazer-nos como deuses* nessa tarefa, pelo que preferimos olhá-los como filhos de um mesmo Pai e projetá-los até à felicidade do céu. Por outro lado, a crítica

desprovida de esperança a nós próprios facilmente pode converter-se em *caldo de cultura* da ira. Se me sinto julgado, se sinto frustração pelos meus aparentes resultados, é fácil que esses sentimentos influam na gestão das circunstâncias de cada dia. Por isso, os aborrecimentos podem servir para diagnosticar um coração que necessita de sossego e paz interior. Pedimos ao Espírito Santo que nos ajude a conhecer bem os impulsos mais escondidos que estimulam as nossas ações.

S. PEDRO, no Evangelho da Missa de hoje, recebe uma ajuda incalculável do Mestre. Jesus quer curar o coração de Pedro, quer recordar-lhe que não guarda nenhum rancor e que a sua traição não vai ser obstáculo para a missão que lhe quer confiar. Por três vezes, para reparar a tripla negação, lhe pergunta se O ama. Fá-lo com delicadeza e gradualmente. A cada pergunta confirma-lhe a confiança absoluta nas suas intenções. Conta com Pedro, tal como é, para ajudar os seus irmãos. Podemos encontrar nele, de algum modo, a missão que Deus nos confiou a cada um: «Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve» (Mt 11, 29-30).

Podemos perguntar-nos: «Em que consiste este “jugo”, que em vez de pesar alivia, e em vez de esmagar conforta?»^[3]. Certamente, Pedro entristece-se ao ouvir, repetida três vezes, a pergunta sobre o amor que tinha a Jesus, já que lhe faz recordar a sua traição. Mas com o tempo, e com a ajuda do Espírito Santo, esse diálogo converteu-se em estímulo para a sua serenidade. A luz do olhar de Jesus acabou por o convencer de que lhe perdoava do coração; além disso, não o censurou pelo modo como tinha procedido, apesar de ter sido avisado antes. A confiança de Cristo em Pedro não tinha diminuído; antes aumentava, era um doce jugo que aliviava a sua missão. O apóstolo, então, apesar da tristeza causada pela amarga recordação, descansou finalmente. As águas turbulentas da sua alma acalmaram-se com as palavras e o olhar de Jesus. Deixou de se julgar como tinha feito até esse instante. Jesus desejava que também ele desfrutasse da carga leve. Quando nos deixamos querer por Deus descobrimos que «o jugo é a liberdade, o jugo é o amor; o jugo é a unidade; o jugo é a vida que Ele ganhou para nós na Cruz»^[4]. Junto dessa *verdade* da sua traição, S. Pedro

descobriu todo o carinho, a compreensão, a confiança que Cristo depositava nele: era a sua *verdade* definitiva.

JESUS TINHA prometido que os mansos haviam de herdar a terra (cf. Mt 5, 5) e agora mostrava a Pedro como aceder a esse tesouro. A posse da terra é o paraíso prometido, o descanso eterno, a bem-aventurança plena e completa, o céu. Aí ninguém se sentirá julgado, porque contemplará entusiasmado a complacência divina. Esse descanso não é o merecido pelo duro trabalho de quem foi fiel; isso já seria muito, mas o céu é infinitamente maior. «Imaginais o que será chegar ali, e encontrarmo-nos com Deus, e ver aquela formosura, aquele amor que enche os nossos corações, que sacia sem saciar?»^[5].

Podemos aplicar um conhecido conselho de S. Josemaria aos momentos em que perdemos a paz quando vemos as nossas debilidades: «Serenidade. – Por que te zangas, se zangando-te ofendes a Deus, incomodas os outros, passas tu mesmo um mau bocado... e por fim tens de te acalmar?»^[6]. Além disso, quando não deixamos que Deus nos perdoe, acabamos incomodando o próximo: nisto consiste a ira. Podemos pedir ao Paráclito o seu auxílio: «Espírito Santo, rajada de vento de Deus, soprai sobre nós. Soprai nos nossos corações e fazei-nos respirar a ternura do Pai. Soprai sobre a Igreja e impeli-a até aos últimos confins, para que, levada por Vós, nada mais leve senão Vós. Soprai sobre o mundo o suave calor da paz e a fresca restauração da esperança. Vinde, Espírito Santo, mudai-nos por dentro e renovai a face da terra»^[7].

Pedro cumpriu o que Jesus lhe voltou a pedir depois deste diálogo: «Segue-me» (Jo 21, 19). Pedimos à nossa Mãe, esposa do Espírito Santo, que nos ajude a desfrutar da mansidão e que nos leve a semear paz e alegria até ao último recanto da terra.

NOTAS

[1] S. Tomás de Aquino, *Suma teológica*, II-II, q. 157, a. 1.

[2] *Ibid.*, a. 4.

[3] Bento XVI, Angelus, 03/07/2011.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 31.

[5] S. Josemaria, Boletim informativo sobre o processo de beatificação do Servo de Deus, n. 1, p. 5.

[6] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 881.

[7] Francisco, Homilia, 20/05/2018.

Sábado da VII semana da Páscoa

Reflexão para meditar no sábado da VII semana da Páscoa. Os temas propostos são: o Espírito Santo torna-nos presente o amor de Deus; o amor de Deus renova, perdoa e dá força; dar e receber o amor de Deus.

Sumário

- O Espírito Santo torna-nos presente o amor de Deus.
- O amor de Deus renova, perdoa e dá força.
- Dar e receber o amor de Deus.

«JESUS REALIZOU muitas outras coisas. Se elas fossem escritas uma a uma, penso que nem caberiam no mundo inteiro os livros que era preciso escrever» (Jo 21, 25). O amor de Deus não cabe num livro, nem numa fórmula, nem há palavras para explicá-lo; é inefável, não podemos apreendê-lo ou encaixá-lo nos nossos esquemas. O amor é um dos frutos do Espírito Santo e precisamente a Ele podemos pedir, na véspera da sua festa, que nos fale desse amor. Será Ele quem nos recordará, dia após dia, que «a obra de Cristo é obra de amor: amor d’Ele que se ofereceu, amor do Pai que o concedeu»^[1]. Amor é um termo tão usado que nos pode dar a impressão de que às vezes perdeu a sua força. Contudo, o Paráclito saberá fazer vibrar a nossa alma com o único amor que não conhece traição nem cansaço.

S. Clemente Romano escreve em finais do século I: «Quem poderá explicar o vínculo do amor de Deus? Quem será capaz de exprimir a grandiosidade da sua beleza? As alturas para onde o amor conduz são inefáveis. O amor une-nos a Deus, “o amor cobre a multidão dos pecados”. O amor tudo sofre e tudo suporta. No amor não há nada de banal, nem de soberbo. O amor não divide, o amor não provoca revolta, o amor realiza tudo na concórdia (...) É por causa do seu amor para conosco, que Jesus Cristo Nosso Senhor, conforme a vontade de Deus, deu o seu sangue por nós, a sua carne pela nossa carne, e a sua vida pela nossa vida. Caríssimos, vede como o amor é coisa elevada e maravilhosa e que a sua perfeição está

além de qualquer comentário. Quem é capaz de se encontrar nele, senão aqueles que Deus tornou dignos?»^[2].

Quantas vezes procurámos sucedâneos ou pensamos que não precisávamos desse carinho. Quantas vezes, como o filho pródigo e o seu irmão, sonhamos com uma felicidade longe do nosso Pai e do nosso lar. Conscientes da nossa fragilidade, podemos acudir ao Paráclito para que nos faça saborear e desfrutar do amor que Deus nos quer dar. «O Espírito tudo penetra, até as profundidades de Deus» (1Cor 2, 10). Quais são essas profundidades que o nosso coração está chamado a gozar? «Assim como o Pai me tem amor, assim Eu vos amo a vós. Permanecei no meu amor» (Jo 15, 9), disse Jesus. Não queremos sair desse *lugar*.

«É NISTO que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados» (1Jo 4, 10). Podemos, «antes de mais nada, pensar naquilo que Deus fez e faz por mim. Não pretender fundamentar a minha segurança no que fiz e faço por Deus, porque sempre será pouco (o meu), e o que eu fizer, na realidade, será – também isso – dom de Deus»^[3]. Podemos cair instintivamente na tentação de pensar e viver essa relação como se precisássemos muito pouco dele. Mas o amor de Deus tem uma dinâmica muito diferente. «Tudo o que é bom vem do Senhor e, sem Ele, não só um pouco, mas absolutamente nada podemos nós começar e aperfeiçoar»^[4]. Por isso, a este respeito, a orientação de um mestre para nos aconselhar é ainda mais importante. S. Josemaria tinha bem claro que queria contar com o Espírito Santo: «Sinto o amor dentro de mim: e quero cultivar o trato com Ele, ser seu amigo, seu confidente..., facilitar-lhe o trabalho de polir, de arrancar, de inflamar... Não saberei fazê-lo, mas Ele me dará forças, Ele fará tudo, se eu quiser... e como quero! Divino Hóspede, Mestre, Luz, Guia, Amor: que o pobre burrico saiba acolher-te, e escutar as tuas lições, e inflamar-se, e seguir-te e amar-te. Propósito: frequentar, se possível sem interrupção, a amizade e o convívio amoroso e dócil com o Espírito Santo. *Veni Sancte Spiritus!*»^[5].

Podemos fazer esse mesmo propósito e deixá-lo fortalecer os nossos corações. Um lugar privilegiado para nos dispormos à sua ação é o

sacramento da Confissão: «O Maligno faz-nos olhar para a nossa fragilidade com um juízo negativo, ao passo que o Espírito a traz à luz com ternura. A ternura é a melhor forma para tocar o que há de frágil em nós. (...) Por isso, é importante encontrar a Misericórdia de Deus, especialmente no sacramento da Reconciliação, fazendo uma experiência de verdade e ternura. Paradoxalmente, também o Maligno pode dizer-nos a verdade, mas, se o faz, é para nos condenar. Entretanto nós sabemos que a Verdade vinda de Deus não nos condena, mas acolhe-nos, abraça-nos, ampara-nos, perdoa-nos»^[6].

PODE SER que muitas vezes, na nossa relação com Deus, nos centremos mais no que damos do que no que recebemos, também de maneira inconsciente. E essa perspectiva limita-nos porque, sem querer, nos coloca em frente de Deus, e não ao seu lado. É importante tentar purificar, cada vez mais, a imagem de Deus que temos no nosso interior. «Se tivermos em mente um Deus que toma, que Se impõe, desejaremos também nós tomar e impor-nos: ocupar espaços, reivindicar importância, procurar poder. Mas, se tivermos no coração que Deus é dom, muda tudo. (...) O Espírito, memória viva da Igreja, lembra-nos que nascemos de um dom e crescemos doando-nos; não poupando-nos, mas entregando-nos sem reservas»^[7].

Também pode acontecer que outras vezes nos centremos no que recebemos, mas exigindo. «Olhemos no íntimo de nós mesmos e perguntemo-nos o que é que impede de nos darmos. Há – por assim dizer – três inimigos do dom; os principais são três, sempre deitados à porta do coração: o narcisismo, a vitimização e o pessimismo. O narcisismo leva à idolatria de si mesmo, a procurar apenas o benefício próprio. (...) O vitimista lamenta-se todos os dias do seu próximo: “Ninguém me compreende, ninguém me ajuda, ninguém me quer bem, estão todos contra mim!”. Quantas vezes ouvimos estas lamentações! (...) Por último, está o pessimismo. Aqui a ladainha diária é: “Está tudo mal, a sociedade, a política, a Igreja...”. O pessimista insurge-se contra o mundo, mas fica inerte e pensa: “Assim para que serve doar-se? É inútil”»^[8].

Pedimos a Maria que nos ensine a receber o carinho divino como ela recebeu, unindo-se a nós com umas palavras de S. Josemaria: «As tuas

quedas involuntárias – quedas de miúdo – fazem com que teu Pai-Deus tenha mais cuidado, e que tua Mãe Maria não te solte da sua mão carinhosa. Aproveita-te disso, e, quando diariamente o Senhor te levantar do chão, abraça-o com todas as tuas forças e põe a tua cabeça miserável sobre o seu peito aberto, para que acabem por enlouquecer-te os latejos do seu Coração amabilíssimo»^[9].

NOTAS

[1] Bento XVI, Homilia, 04/06/2006.

[2] S. Clemente Romano, Carta aos Coríntios, cap. XLIX-L.

[3] Fernando Ocáriz, *À luz do Evangelho*, p. 31.

[4] S. Bernardo, *In festivitate Pentecostes sermo*, 2, 6.

[5] S. Josemaria, Apontamentos íntimos, n. 864 (citado em *Caminho*, edição comentada por Pedro Rodríguez, n. 57, p. 215).

[6] Francisco, *Patris Corde*, n. 2.

[7] Francisco, Homilia, 31/05/2020.

[8] *Ibid.*

[9] S. Josemaria, *Caminho*, n. 884.

Domingo de Pentecostes

Reflexão para meditar na Solenidade do Domingo de Pentecostes. Os temas propostos são: o Espírito Santo dá início à nossa missão e dá-lhe alento; com o Paráclito é-nos dado o perdão; a vida e a força de Deus são-nos dadas no Espírito Santo.

Sumário

- O Espírito Santo dá início à nossa missão e dá-lhe alento.
- Com o Paráclito é-nos dado o perdão.
- A vida e a força de Deus são-nos dadas no Espírito Santo.

NA FESTA DE PENTECOSTES poderia dizer-se que termina a missão de Jesus na terra e começa a nossa, amparados, impelidos e sustentados pelo seu próprio Espírito. Recebemos a mesma missão que o Pai confiou ao seu Filho. «A paz esteja convosco. Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós» (Jo 20, 21). Ficamos sumamente agradecidos por tal dom e desejamos que o fogo que ardia no coração de Jesus Cristo não se extinga, mas que provoque em nós o incêndio que sonhou e quis. Essas pequenas línguas de fogo que apareceram nas cabeças dos apóstolos, e nas nossas almas, desejamos que se propaguem até ao último recanto da terra. Entusiasma-nos ser cooperadores dos planos divinos para encher o mundo do calor que o Salvador nos veio trazer.

Para essa missão não estamos sós, contamos com uma ajuda extraordinária. Jesus tinha-nos prometido que não nos deixaria órfãos, e cumpriu essa promessa (cf. Jo 14, 18). «O Espírito de Deus afasta o medo; faz-nos conhecer e sentir que estamos nas mãos de uma Onnipotência de amor: independentemente do que possa acontecer, o seu amor infinito não nos abandona. Demonstram-no o testemunho dos mártires, a coragem dos confessores da fé, o impulso intrépido dos missionários, a sinceridade dos pregadores e o exemplo dos missionários, alguns dos quais são inclusivamente adolescentes e crianças. Demonstra-o a própria existência

da Igreja que, não obstante os limites e as culpas dos homens, continua a atravessar o oceano da história, impelida pelo sopro do Espírito e animada pelo seu fogo purificador»^[1].

Pode suceder que algumas vezes sintamos essa orfandade, mas não queremos que ela nos paralise, sabemos que faz parte da cizânia que o demônio procura semear por entre o trigo bom do amor ao qual somos chamados. Sentir e aperceber-se da sua presença não significa pactuar com ela, mas pode ser o estímulo para voltarmos a considerar, com a ajuda do Espírito Santo, que somos filhos muito amados. Com S. Josemaria queremos penetrar nessa fonte inesgotável de graça: «A glória para mim é o amor, é Jesus e, com ele, o Pai – o meu Pai – e o Espírito Santo – o meu santificador»^[2]. Nessa intimidade da Trindade cabem e têm solução os nossos temores e angústias.

A PRIMEIRA VEZ que nos aventuramos a andar sozinhos, talvez dos braços do nosso pai para os da nossa mãe, não saberíamos talvez como tudo acabaria, nem nunca o teríamos feito antes. Tê-los ali perto, à frente e atrás, era o suficiente. Quando recebemos o abraço de ambos como prêmio da nossa proeza, demo-nos conta de que arriscar era maravilhoso. Podemos pedir ao Espírito Santo que inflame a nossa vontade para que, de modo similar, vibremos com os desejos divinos de semear no mundo a paz e a alegria. A oração é o lugar privilegiado para ouvir a sua voz e assentir lançando-nos nessa caminhada divina. A oração «é um dom que recebemos gratuitamente; é diálogo com Ele no Espírito Santo e permite dirigirmo-nos a Deus chamando-lhe Pai, Papá, *Abba* (cf. Rm 8, 15; Gl 4, 6): e isto não é só um “modo de dizer”, mas é sim a realidade, nós somos realmente filhos de Deus. “Os que se deixarem guiar pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8, 14)»^[3].

Às vezes podemos ter a tentação, talvez inconsciente, de viver como se Deus se tivesse afastado de nós pelos nossos pecados e pelas nossas traições. No entanto, Ele surpreende-nos mil e uma vezes com a sua reação ante a nossa fragilidade. «Quando Jesus ressuscitado aparece pela primeira vez aos seus, diz-lhes: «Recebei o Espírito Santo: àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados» (Jo 20, 22-23). Jesus não

condenou os seus que O abandonaram e renegaram durante a Paixão, mas dá-lhes o Espírito do perdão. O Espírito é o primeiro dom do Ressuscitado, tendo sido dado, antes de mais, para perdoar os pecados. Com efeito, o perdão é o dom elevado à potência infinita, é o amor maior, aquele que mantém unido apesar de tudo, que impede de soçobrar, que reforça e solidifica. O perdão liberta o coração e permite recomeçar: o perdão dá esperança; sem perdão, não se edifica a Igreja»^[4].

O ESPÍRITO SANTO quer encher-nos de força para podermos levar a cabo a missão de que nos encarrega. S. Josemaria mostra-nos quanto dano pode causar o não ter os alicerces sólidos desta graça divina: «O ataque à fé deita abaixo o edifício espiritual. A tentação desconcerta contra a esperança. Mas essa malvada *segurança* de que Deus não me ama e que eu não o amo é a que aniquila e, mesmo fisiologicamente, deixa vazio o coração»^[5].

Felizmente, a solução está ao alcance de todos: «aprendamos hoje o que devemos fazer, quando precisamos de uma verdadeira mudança. E quem de nós não precisa? Sobretudo quando nos encontramos prostrados, quando nos debatemos sob o peso da vida, quando as nossas fraquezas nos oprimem, quando avançar é difícil e amar parece impossível. Então servir-nos-ia um forte «reconstituente»: é Ele, a força de Deus. É Ele – como professamos no Credo – «que dá a vida». Como nos faria bem tomar diariamente esse reconstituente de vida! Dizer, ao acordar: “Vinde, Espírito Santo, vinde ao meu coração, vinde acompanhar o meu dia!”»^[6].

Sta. Teresa de Lisieux escrevia no dia da sua Confirmação: «Que alegria sentia na alma! Tal como os apóstolos, esperava cheia de júbilo a visita do Espírito Santo... (...). Por fim chegou o momento feliz. Não senti nenhum vento impetuoso ao descer o Espírito Santo, mas sim uma brisa suave como o sussurro que Elias ouviu no monte Horeb»^[7]. Nós queremos também ter os ouvidos atentos para que o Consolador nos conte as maravilhas a que nos chama e para as quais fomos criados.

«”Não vos deixarei órfãos”. Neste dia, festa de Pentecostes, tais palavras de Jesus fazem-nos pensar também na presença maternal de Maria no Cenáculo. A Mãe de Jesus está no meio da comunidade dos discípulos

reunida em oração: é memória viva do Filho e viva invocação do Espírito Santo. É a Mãe da Igreja. À sua intercessão, confiamos de maneira especial todos os cristãos, as famílias e as comunidades que, neste momento, têm mais necessidade da força do Espírito Paráclito, Defensor e Consolador, Espírito de verdade, liberdade e paz»^[8].

NOTAS

[1] Bento XVI, Homilia, 31/04/2009.

[2] S. Josemaria, Apontamentos íntimos, n. 1653-1655.

[3] Francisco, Homilia, 08/06/2014.

[4] Francisco, Homilia, 04/06/2017.

[5] S. Josemaria, Glosa marginal ao *Decenario al Espiritu Santo*, de Francisca Javiera del Valle.

[6] Francisco, Homilia, 20/05/2018.

[7] Sta. Teresa do Menino Jesus, *Manuscrito A*, cap. IV, 36.

[8] Francisco, Homilia, 15/05/2016.